

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Os Sítios de Registros Rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra
(PE) no contexto da geopaisagem.**

Marília Perazzo Valadares do Amaral

Orientador: Prof. Dr. Ricardo José Ribeiro Pessoa

Recife, 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Os Sítios de Registros Rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra
(PE) no contexto da geopaisagem.**

Marília Perazzo Valadares do Amaral

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo José Ribeiro Pessôa

Recife, 2007

Amaral, Marília Perazzo Valadares do

Os sítios de registros rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem. – Recife: O Autor, 2007.

168 folhas: il., fig., tab., fotos, mapas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Arqueologia. Recife, 2007.

Inclui: bibliográficas.

1. Arqueologia – Sítios Arqueológicos. 2. Paisagem. 3. Pinturas Rupestres. 4. Pernambuco – Buíque – Catimbau – Pedra – Venturosa. I. Título.

**902.2
930.1**

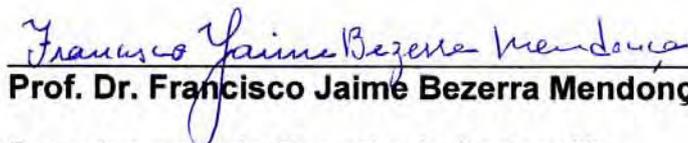
**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/85**

BANCA EXAMINADORA:


Prof.ª Dr.ª. Bartira Ferraz Barbosa

Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)


Prof. Dr. Francisco Jaime Bezerra Mendonça

Departamento de Engenharia Cartográfica
Programa de Pós- Graduação em Engenharia Cartográfica
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)


Prof.ª Dr.ª. Maria Gabriela Martín Ávila

Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Os Sítios de Registros Rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre.

Recife, agosto de 2007

À minha pequenina Luna

AGRADECIMENTOS

Ao Prfº Dr. Ricardo Pessôa, grande entusiasta do nosso trabalho, pela orientação tanto do ponto de vista teórico como na prática. Obrigada pela ajuda no tratamento das imagens e pelo tempo gasto na elaboração de mapas e figuras essenciais para conclusão desse trabalho.

À Profª Drª Anne-Marie Pessis, sempre atenciosa e paciente, pelas discussões no âmbito teórico e metodológico da pesquisa. Obrigada também pela orientação dada durante cinco anos, iniciada no PIBIC permanecendo até o mestrado, o que deu base do ponto de vista conceitual para minha formação acadêmica.

Aos colegas do mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, em especial a Marcelinha, Carlos Rios, Antônio Moura, Ana Valéria, Gleyce, Fabíola, Rosiane, Valdeci, Viviane e Adriene companheiros nos momentos de dificuldades e incentivadores dessa pesquisa.

Aos colegas Ana Carolina (Carolzinha) e Artur companheiros nas visitas de Campo à Venturosa e Pedra.

Às amigas Solange e Mirian pelo amor e cuidado dedicados à minha Luna, com certeza sem vocês não teria sido possível desenvolver e concluir essa dissertação.

À minha irmã Carol, exemplo de determinação e coragem, pelos momentos de reflexão indispensáveis na composição da pesquisa.

Ao meu marido Alexandre, grande incentivador do meu trabalho.

Aos meus pais, pelo apoio financeiro e psicológico imprescindíveis no decorrer dessa pesquisa.

RESUMO

AMARAL, Marília Perazzo Valadares do. **Os Sítios de Registros Rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem**. Recife: PPARQ/UFPE, 2007, 168 p. (Dissertação de Mestrado).

O presente trabalho propõe estudar os sítios com pinturas rupestres nos domínios geoambientais dos municípios de Venturosa, Pedra e Catimbau (Distrito do município de Buíque) - PE, observando possíveis padrões de escolha desses no cenário geopaisagístico das regiões. Estabelecendo uma inter-relação entre os elementos naturais da paisagem (no sentido físico e biótico) com o antrópico através dos diferentes sítios com pinturas rupestres, procurou-se determinar quais componentes seriam mais relevantes para observar tais relações e suas possíveis recorrências no âmbito paisagístico das regiões.

A ausência de estudos relacionando a tipologia e localização dos sítios à paisagem natural, nos municípios pesquisados, foi determinante para desenvolver pesquisas acerca deste tema. A relação entre a paisagem dos espaços estudados, tendo em vista as transformações ocorridas ao longo do tempo, com os sítios arqueológicos permite ao pesquisador compreender a dinâmica da adaptação do homem ao meio e da escolha dos sítios podendo estar relacionada aos aspectos da paisagem.

As análises dos sítios de pinturas rupestres no contexto da geopaisagem foram principiadas com a delimitação de cinco variáveis de estudo necessárias, nesse trabalho, para observar as relações existentes entre sítios arqueológicos e paisagem natural das áreas. As análises da geologia e geomorfologia permitiram observar o contexto da paisagem dos sítios, observando suas características locais e do entorno. A variável altimétrica, relacionada com as formas de relevo e o clima, permite observar como os sítios se apresentam nas diferentes cotas e as possíveis influências nas estruturas naturais dos sítios e morfologia das pinturas. A distribuição espacial e análise dos registros rupestres foram preponderantes para a obtenção dos resultados das pesquisas, uma vez que permitiram observar como os sítios de pinturas rupestres estão distribuídos na paisagem e as similitudes observadas na escolha dos locais dos sítios nas áreas de Venturosa e Pedra contrastando com as observadas em Catimbau em função, principalmente, das particularidades da geopaisagem das regiões.

Palavras – Chave: Sítios Arqueológicos – geopaisagem – Pinturas Rupestres

ABSTRACT

AMARAL, Marília Perazzo Valadares do. **Rock Art Sites in Buíque, Venturosa and Pedra (Pernambuco State) within geographical Settings.** Recife: PPARQ/UFPE, 2007, 168 p. (Máster Degree Dissertation).

The present work considers to study the cave painting sites of the geo-environments dominium of Venturosa, Pedra and Catimbau (Municipal district of Buíque) - PE, observing their possible standards of choice in the landscape scene of the regions. Establishing an interrelation it enters the natural elements of the landscape (in the physical and biotic senses) with the antrópico through the different sites with cave paintings, it was intended to determine which components would be more relevant in the observation of such relations and its possible recurrences in the landscape scope of the regions.

The absence of studies relating the typology and localization of the sites to the natural landscape, in the searched cities, was determinative to develop researches on this subject. The relation between the landscape of the studied spaces, considering transformations occurred during time, and the archaeological sites allows the researcher to understand the dynamics of the adaptation of man to environment and the choice for the sites, being possibly related to the aspects of the landscape. The analyses of the cave painting sites in the context of the landscape began with the delimitation of five necessary variables of study, in this work, to observe the existing relations between archaeological sites and natural landscape of the areas. The analyses of geology and geomorphology allowed to observe the context of the landscape of the sites, observing its local characteristics and the surrounding's. The altimetric variable, related to the relief forms and the climate, allows the observation of the behavior of the sites in the different quotas and the possible influences on the natural structures of the sites and morphology of paintings. The space distribution and analysis of the cave registers were preponderant for the attainment of the research results, once they allowed to observe how the cave painting sites are distributed in the landscape and the similarities observed in the choice for the places of the sites in the areas of Venturosa and Pedra contrasting with the ones observed in Catimbau regarding, mainly, the particularities of the landscape of the regions.

Key- Words: Archaeological Sites - Landscape - Rock Painting

SUMÁRIO

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES.....	08
Índice de Figuras.....	08
Índice de Fotos.....	19
Índice de Tabelas.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	15
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Problematização e Metodologia	
1.1 Fundamentação Teórica.....	15
1.2 Problematização.....	19
1.3 Hipótese de Trabalho – Metodologia de Abordagem.....	20
CAPÍTULO II.....	26
ANTECEDENTES DAS PESQUISAS	
2.1 Histórico das Pesquisas realizadas em Venturosa, Pedra e Buíque.	26
CAPÍTULO III.....	32
ASPECTOS DA GEOPAISAGEM DO AGRESTE	
3.1 O Contexto Fisiográfico e os Agrestes Pernambucanos.....	32
3.2 Feições Geológicas do Agreste.....	33
3.3 Feições Geomorfológicas do Agreste.....	34
3.4 Aspectos Fisiográficos da Área de Estudo.....	35
3.5 Considerações acerca do Paleoambiente das Áreas Pesquisadas.	42
CAPÍTULO IV.....	47
OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO CONTEXTO DA PAISAGEM	
4.1 Aspectos da Geopaisagem e os Sítios Arqueológicos.....	47
4.2 Análise Espacial dos Sítios Arqueológicos.....	56
4.3 Os Sítios arqueológicos de Venturosa, Pedra e Buíque.....	69
4.3.1 Os Sítios Arqueológicos do Município de Venturosa.....	69
4.3.2 Os Sítios Arqueológicos do Município de Pedra.....	96
4.3.3 Os Sítios Arqueológicos de Catimbau.....	106
4.4 Conservação e Preservação dos Sítios Arqueológicos.....	159

CAPÍTULO V.....	161
SÍNTESE DO CONHECIMENTO	
5.1 Conclusões.....	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	163
ANEXO.....	168

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Índice de Figuras

Figura 1 - Vias de acesso aos municípios envolvidos nesse estudo.....	12
Figura 2 - Localização da área de estudo na Região Fisiográfica do Agreste de Pernambuco.....	32
Figura 3 - Perfil esquemático geomorfológico explicativo da formação dos brejos de altitude.....	41
Figura 4 - Ilustração da orografia e hidrografia orientadas segundo nordeste-sudoeste. Região leste de Venturosa.....	49
Figura 5 - Distribuição Espacial dos Sítios de Registros Rupestres nos municípios de Buíque, Pedra e Venturosa - Estado de Pernambuco.....	168
Figura 6 - Esquema explicativo da formação de abrigos em matacões para as regiões de Pedra e Venturosa.....	51
Figura 7 - Indicação de perfil morfológico. Região leste de Venturosa.....	59
Figura 8 - Perfil morfológico e posição dos sítios. Região leste de Venturosa.....	60
Figura 9 - Modelamento 3D. Orientação NE. Região leste de Venturosa.....	61
Figura 10 - Modelamento 3D. Orientação SW. Região leste de Venturosa.....	62
Figura 11 - Indicação de perfil morfológico. Região norte de Catimbau.....	64
Figura 12 - Perfil morfológico N-S. Região norte de Catimbau.....	65
Figura 13 - Perfil morfológico WNW-ESE. Região norte de Catimbau.....	66
Figura 14 - Modelamento 3D. Orientação NE. Região norte de Catimbau.....	67
Figura 15 - Modelamento 3D. Orientação SW. Região norte de Catimbau.....	68

Índice de Fotos

Foto 1	- Representação de um grafismo não reconhecível, Sítio Pedra do Chapéu. Venturosa.....	27
Foto 2	- Vista panorâmica do relevo em serras, colinas e baixadas. Venturosa.....	37
Foto 3	- Vista panorâmica do relevo em serras contrastando com área plana e rebaixada. Venturosa.....	38
Foto 4	- Vista do Serrote do Barbado com morfologia em "Pão-de-Açúcar"....	38
Foto 5	- Vista panorâmica do vale do Catimbau mostrando diferentes formas de relevo.....	39
Foto 6	- Vista parcial do cânion de Catimbau.....	40
Foto 7	- Cânion do Catimbau e formas em escarpa e "morros testemunhos"....	40
Foto 8	- Exemplar do arbusto icó mostrando bagas comestíveis.....	42
Foto 9	- Núcleos de babaçu no sopé da Serra de Jerusalém. Catimbau.....	45
Foto 10	- Esfoliação esferoidal e sistemas de fendas em matacão. Abrigo do sítio Peri-Peri I. Venturosa.....	51
Foto 11	- Ilustrações da degradação de grafismos rupestres. Catimbau.....	52
Foto 12	- Fonte d'água na encosta sudeste da Serra do Buco. Venturosa.....	53
Foto 13	- Relações entre fendas e estratificação na formação de estruturas cavernícolas. Sítio Homem sem Cabeça. Catimbau.....	54
Foto 14	- "Morro testemunho" e painel em forma de concha. Sítio Concha I. Catimbau.....	55
Foto 15	- Ilustração da formação de estruturas cavernícola em escala centimétrica. Sítio Dedo de Deus I. Catimbau.....	55
Foto 16	- Fonte d'água no sopé da Serra de Jerusalém. Catimbau.....	56
Foto 17	- Vista panorâmica do Sítio Peri-Peri I. Venturosa.....	69
Foto 18	- Ilustração do abrigo do Sítio Peri-Peri I.....	70
Foto 19	- Visão de painel liso e lateral ao abrigo de Peri-Peri I.....	72
Foto 20	- Representação de uma fileira de emas. Sítio Peri-Peri I.....	73
Foto 21	- Abrigo sob rocha. Sítio Peri-Peri II. Venturosa.....	74
Foto 22	- Representações de zoomorfos. Sítio Peri-Peri II.....	75
Foto 23	- Panorâmica do Sítio do Barbado. Venturosa.....	77
Foto 24	- Vista parcial do Serrote do Barbado.....	78
Foto 25	- Abrigo sob rocha. Sítio do Barbado.....	79
Foto 26	- Sobreposição de grafismos. Sítio do Barbado.....	80
Foto 27	- Panorâmica do Serrote da Pedra Furada. Venturosa.....	81
Foto 28	- Representação zoomórfica. Sítio Pedra Furada.....	82
Foto 29	- Grafismos sobrepostos por pixações. Sítio Pedra Furada.....	83
Foto 30	- Detalhe de antropomorfo e zoomorfo. Sítio Pedra Furada.....	84
Foto 31	- Antropomorfo. Provável mulher grávida. Sítio Pedra Furada.....	85
Foto 32	- Panorâmica dos Sítios Pedra da Buquinha I e II. Venturosa.....	86
Foto 33	- Panorâmica do abrigo sob rocha. Sítio Pedra da Buquinha I.....	88
Foto 34	- Pinturas rupestres. Tradição Agreste. Sítio Pedra da Buquinha I.....	89
Foto 35	- Panorâmica do Sítio Pedra do Chapéu. Venturosa.....	91
Foto 36	- Antropomorfo associado a linhas verticais. Sítio Pedra do Chapéu.....	92
Foto 37	- Adereços. Tradição Nordeste. Região do Seridó-RN.....	94
Foto 38	- Marcas de mãos e um provável adereço. Sítio Pedra do Chapéu.....	94
Foto 39	- O Sítio Pedra Redonda na paisagem. Pedra.....	96
Foto 40	- Matacão com pinturas. Sítio Pedra Redonda.....	97
Foto 41	- Antropomorfo típico da Tradição Agreste. Sítio Pedra Redonda.....	99
Foto 42	- Paisagem de Matações. Sítio Poço da Figura. Pedra.....	100
Foto 43	- Antropomorfo com indicação feminina. Sítio Poço da Figura.....	101
Foto 44	- Vista de paisagem do Sítio Pedra do Caboclo. Pedra.....	102
Foto 45	- Paisagem do Sítio Prata. Pedra.....	103

Foto 46	- Vista de matacões do Sítio Prata.....	104
Foto 47	- Conjunto de grafismos em matacão. Sítio Prata.....	105
Foto 48	- Vista de paisagem do Sítio Homem sem Cabeça. Catimbau.....	106
Foto 49	- Pinturas rupestres. Tradição Nordeste. Sítio Homem sem Cabeça.....	107
Foto 50	- Vista sudoeste do Sítio Homem sem Cabeça.....	109
Foto 51	- Antropomorfo, figuras não reconhecíveis. Sítio Homem sem Cabeça.	110
Foto 52	- Conjunto de antropomorfos. Sítio Homem sem Cabeça.....	111
Foto 53	- Vista parcial do Sítio Serrinha. Catimbau.....	112
Foto 54	- Grafismo parcialmente destruído por intemperismo. Sítio Serrinha.....	114
Foto 55	- Antropomorfos enfileirados. Sítio Serrinha.....	115
Foto 56	- Representação circular atacada por cupins. Sítio Serrinha.....	116
Foto 57	- Zoomorfo de contorno fechado. Sítio Serrinha.....	117
Foto 58	- Panorâmica da localização do Sítio do Veado. Catimbau.....	118
Foto 59	- Abrigo sob rocha do Sítio do Veado.....	119
Foto 60	- Detalhe de pinturas rupestres. Sítio do Veado.....	120
Foto 61	- Representação de zoomorfo (veado). Sítio do Veado.....	121
Foto 62	- Cena de caça ao veado. Sítio Toca do Estevo III. Serra da Capivara-PI.....	121
Foto 63	- Zoomorfo sobreposto por grafismos da Tradição Agreste. Sítio do Veado.....	122
Foto 64	- Representação de círculos concêntricos. Sítio do Veado.....	123
Foto 65	- Conjunto de grafismos. Sítio do Veado.....	124
Foto 66	- Fileira de antropomorfos. Sítio Toca da Subida da Serrinha I. Serra da Capivara-PI.....	126
Foto 67	- Fileira de antropomorfos. Sítio do Veado.....	126
Foto 68	- Vista panorâmica do Sítio Caiana. Catimbau.....	127
Foto 69	- Abrigo sob rocha. Sítio Caiana.....	128
Foto 70	- Grafismos puros de contorno aberto. Sítio Caiana.....	129
Foto 71	- Marca de mão. Sítio Caiana.....	130
Foto 72	- Marcas de mão e círculos concêntricos. Sítio Caiana.....	130
Foto 73	- Zoomorfo de contorno fechado. Sítio Caiana.....	131
Foto 74	- Afloramento expondo o Sítio Pedra da Concha I. Catimbau.....	132
Foto 75	- Grafismos. Tradições Nordeste e Agreste. Sítio Pedra da Concha I...	133
Foto 76	- Antropomorfos enfileirados. Sítio Pedra da Concha I.....	134
Foto 77	- Antropomorfos um sobre o outro. Sítio Pedra da Concha I.....	135
Foto 78	- Antropomorfos um sobre o outro. Sítio Toca do Baixão das Mulheres I. Serra da Capivara-PI.....	135
Foto 79	- Antropomorfos em cena de sexo. Sítio Pedra da Concha I.....	136
Foto 80	- "Piroga" com antropomorfos no entorno. Sobreposição de grafismos da Tradição Agreste. Sítio Pedra da Concha I.....	137
Foto 81	- Grafismo emblemático. Subtradição Seridó. Sítio Furna do Messias. Seridó-RN.....	137
Foto 82	- Panorâmica do Sítio Pedra da Concha II. Catimbau.....	139
Foto 83	- Círculos concêntricos e marca de mão. Sítio Pedra da Concha II.....	140
Foto 84	- Vista geral do Sítio Pititi. Catimbau.....	141
Foto 85	- Grafismos puros sobrepostos por gravura. Sítio Pititi.....	142
Foto 86	- Topo do abrigo sob rocha. Sítio Casa de Farinha. Catimbau.....	143
Foto 87	- Abrigo sob rocha. Sítio Casa de Farinha.....	144
Foto 88	- Antropomorfo e fitomorfos. Sítio Casa de Farinha.....	145
Foto 89	- Antropomorfo e fitomorfo em detalhe. Sítio Casa de Farinha.....	146
Foto 90	- Fitomorfo em maior detalhe. Sítio Casa de Farinha.....	146
Foto 91	- Grafismo puro. Sítio Casa de Farinha.....	147
Foto 92	- Abrigo sob rocha. Sítio Toca do João. Catimbau.....	148
Foto 93	- Detalhe do interior do abrigo. Sítio Toca do João.....	149

Foto 94	- Abrigo sob rocha. Sítio Alcobaça. Catimbau.....	151
Foto 95	- Grafismos retangulares. Sítio Alcobaça.....	152
Foto 96	- Panorâmica do abrigo sob rocha. Sítio Dedo de Deus I. Catimbau.....	153
Foto 97	- Vista lateral do Sítio Dedo de Deus I.....	154
Foto 98	- Antropomorfo representado por perna longas. Antropomorfo estático tridátilo. Sítio Dedo de Deus I.....	155
Foto 99	- Antropomorfo de contorno fechado. Sítio Dedo de Deus II.....	157
Foto 100	- Antropomorfo tridátilo. Sítio Dedo de Deus II.....	158
Foto 101	- Pedreira em atividade. Pedra.....	159
Foto 102	- Pixações sobre pinturas rupestres. Sítio Pedra Furada. Venturosa.....	160

Índice de Tabela

Tabela 1	- Relação dos sítios arqueológicos estudados.....	58
----------	---	----

INTRODUÇÃO

As áreas abordadas no presente trabalho compreendem os municípios de Pedra, Venturosa e Buíque (Figuras 1, 2). Esses municípios estão localizados na Meso-região do Agreste Pernambucano, mais precisamente na Micro-região de Arcoverde, no Vale do Rio Ipanema.

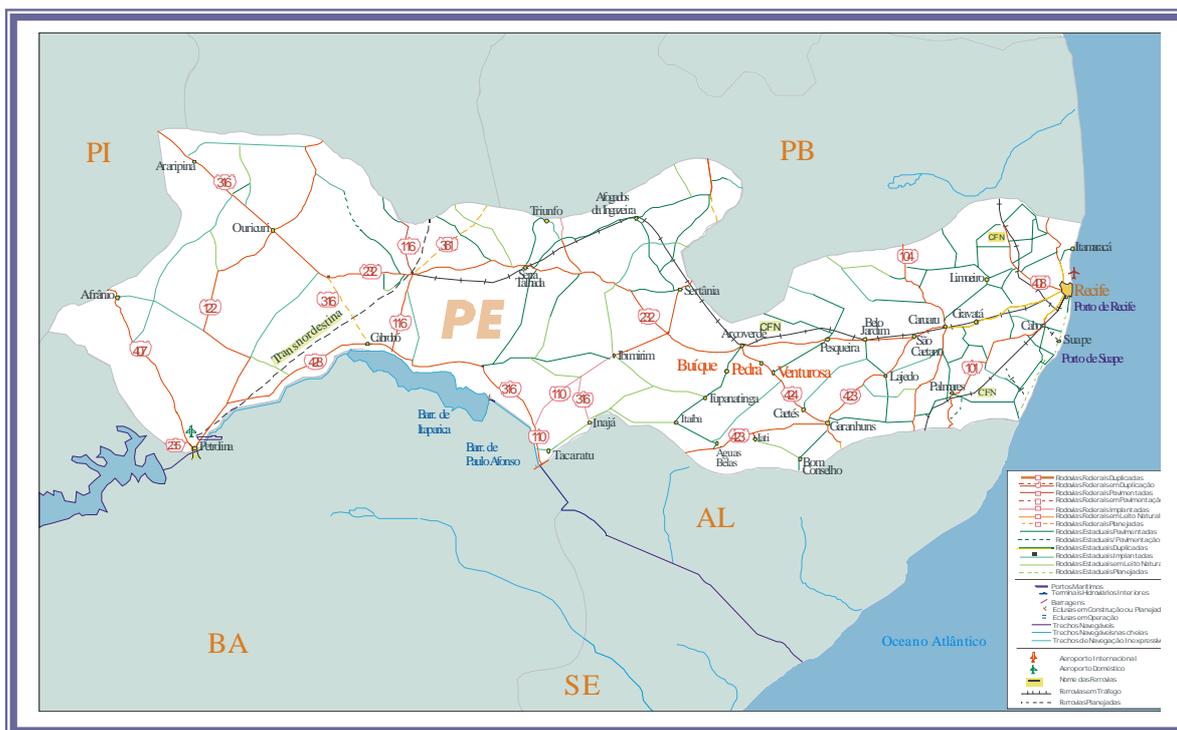


Figura 1 - Vias de acesso aos municípios envolvidos nesse estudo. Fonte: Mapa Rodoviário de Pernambuco, 2001. Disponível em www.municipios.pe.gov.br. Acessado em Janeiro de 2007. Modificado do original. Escala e coordenadas ausentes no original.

Com base nos questionamentos (Cap.I, seção 1.2) acerca dos sítios arqueológicos inseridos na paisagem natural, e da própria utilização dos mesmos pelos povos que estiveram no agreste pernambucano há pelo menos 2.000 anos A.P., foram investigados 25 sítios com pinturas rupestres (Tabela 1; Figura 5). Os sítios Furtuoso II e Serra Branca, ambos situados em Catimbau, foram apenas mapeados a partir de fontes secundárias, mas não investigados no campo em decorrência de fatores naturais (fortes chuvas nas campanhas de campo, impedindo acesso e companhia de um guia de campo).

Por domínio de município, os 25 sítios estão assim distribuídos:

- 14 sítios no distrito de Catimbau;
- 07 sítios no município de Venturosa;
- 04 sítios no município de Pedra.

O conteúdo da dissertação baseia-se nos estudos desenvolvidos em campo nos aspectos da geopaisagem, dos sítios conhecidos e os descobertos durante as campanhas de Junho e Novembro de 2006 – como são os casos dos sítios Toca do Chapéu (Venturosa) e Toca do João e Sítio do Veado (ambos em Catimbau) – e a partir de análises de fontes secundárias.

A ausência de investigações relacionando a tipologia e localização dos sítios à paisagem natural, nos municípios pesquisados, é determinante para desenvolver pesquisas acerca do tema inicialmente proposto. A relação entre a paisagem dos espaços estudados, tendo em vista as transformações ocorridas ao longo do tempo, com os sítios arqueológicos permite ao pesquisador compreender a dinâmica da adaptação do homem ao meio e da escolha dos sítios podendo estar relacionada aos aspectos da paisagem.

Um outro tópico importante para relevância do estudo, é a destruição intensiva dos sítios arqueológicos, resultado da extração de blocos graníticos existentes em vários locais dos municípios de Venturosa e Pedra, bem como a prática de pixações. É necessária a intervenção dos órgãos de conservação do patrimônio para conter a depredação que está sendo cada vez mais intensa, cujo objetivo comercial é priorizado em detrimento do patrimônio cultural e natural, e os atos de vandalismo.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, a saber:

No Capítulo I, de cunho teórico-metodológico, estão explicitadas as linhas teóricas seguidas, a conceituação de alguns termos utilizados, bem como a delimitação da problemática abordada, das hipóteses levantadas e da metodologia empregada na análise dos sítios arqueológicos de pintura rupestre conjugados aos aspectos da paisagem natural das áreas pesquisadas.

O Capítulo II refere-se ao histórico das pesquisas arqueológicas realizadas no Agreste Pernambucano, mais especificamente nos municípios de Venturosa, Pedra e Buíque.

O Capítulo III aborda aspectos da paisagem natural do Agreste Pernambucano enfatizando, sobretudo, as feições de interesse direto ao tema abordado. Disserta-se sobre a identidade do agreste pernambucano e suas principais feições geológicas e geomorfológicas. De modo mais detalhado, são apresentados os aspectos da paisagem física e biótica nos espaços de ocorrências dos sítios arqueológicos de pinturas rupestres, inseridos em áreas dos municípios de Pedra, Venturosa e Buíque (especificamente, a região de Catimbau).

No Capítulo IV, procede-se a uma análise e interpretação entre a geopaisagem e os sítios arqueológicos, buscando expor a lógica de apropriação do meio natural pelos grupos humanos que habitavam a região. O capítulo se completa com uma descrição dos sítios, destacando-se a localização, a distribuição no espaço, suas características físicas, análise dos grafismos e uma abordagem a respeito da conservação e preservação.

O capítulo V refere-se à síntese do conhecimento construído.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Problematização e Metodologia

1.1 Fundamentação Teórica

A arqueologia necessita do auxílio de diversas ciências para construir uma base de dados e informações que facilite o entendimento da investigação arqueológica, pois os múltiplos campos do conhecimento possibilitam ao pesquisador obter uma visão multifacetada do objeto. Nosso universo conceitual está calcado em três áreas distintas do conhecimento científico (Arqueologia, Geociências e Antropologia), que interagem de forma direta quando se analisa o binômio homem-meio.

Os conceitos são representações de um ser pelo pensamento por meio de suas características gerais, sendo, portanto definidos como unidades de pensamento¹. A necessidade de definir os conceitos torna-se importante para não abrir espaços de ambigüidade, principalmente quando se trabalha com universos epistemológicos distintos como é o caso da Arqueologia.

Os conceitos e as metodologias de uso nas geociências e antropologia subsidiam as investigações arqueológicas. O resultado dessa interação possibilita compreender a configuração da geopaisagem, desde os períodos de ocupação e a inserção do homem meio natural. Neste sentido, cabe complementar que boa parte dos conhecimentos das geociências subsidiam o entendimento das estratégias de sobrevivência do homem, uma vez que se tornam compreensíveis como os processos antrópicos respondem aos elementos da paisagem (física e biótica).

O conceito de paisagem, ou geopaisagem, como aqui estabelecido, abrange aspectos naturais dos sistemas físico e biótico como a morfologia do relevo, topografia, litologia, estrutura geológica, hidrografia, clima e cobertura vegetal. Está, portanto, se considerando a paisagem natural com o homem efetivamente dependente desta. Neste último sentido, é dizer, de outro modo, o ambiente como

¹ BUNGE, Mário. **La Investigación Científica: Su estrategia e su filosofía**. Barcelona: Editorial Ariel. 1973. P. 64.

agente que limita o cumprimento das necessidades, conduzindo o homem a se adaptar as diferentes situações.

Tomando o conceito de paisagem usado por Bigarella², pode-se entender que as mudanças sucessivas e variadas do ponto de vista climático, que ocorreram nos vários domínios fisiográficos (cerrado, caatinga, campo, florestas), refletem a composição da paisagem atual que constitui o resultado das transformações ocorridas. Levando em consideração as particularidades de cada domínio e os diferentes impactos que a variável climática pode provocar, trabalhou-se o domínio fisiográfico da caatinga observando sua evolução nos últimos 8.000 anos³.

Desta forma, compreender o cenário natural permite ao pesquisador entender qual a estrutura a que os homens que habitaram os espaços pesquisados estavam submetidos e como poderiam se adequar a esta estrutura⁴.

Observar a relação meio-ambiente – cultura é necessária para a compreensão da adaptação⁵ do homem ao ecossistema, já que a “cultura é compreendida como um significado extra-somático da adaptação humana”⁶. A partir dessa análise, podem-se observar as estratégias adaptativas relacionadas ao nicho ecológico⁷. Tais estratégias de adaptação são extremamente culturais, pois operam em resposta as limitações do meio ambiente que determinam o alcance potencial dos comportamentos em relação ao cenário ambiental⁸.

² Paisagem no sentido da natureza, como elemento natural que envolve processos geológico-biológicos na sua formação. VER: BIGARELLA et al. **Consideração a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais no Brasil**. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 1975. P. 427.

³ A referência temporal de 8.000 anos A.P. é feita devido aos poucos estudos relacionados ao paleoclima e paleo-ambiente realizados em Pernambuco. Obtivemos apenas informações referentes a esse período pelos estudos de RIBEIRO, Adauto de Souza. **Dinâmica paleoambiental da vegetação e clima durante o quaternário tardio em domínios da mata atlântica, brejo do semi-árido e cerrado nordestino utilizando isótopos do carbono da matéria orgânica do solo e planta**. Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002.

⁴ BUTZER, Karl. **Arqueología – Una ecología del hombre: Método e Teoría para un enfoque contextual**. Barcelona: Ediciones Ballaterra. 1984. P.29.

⁵ Butzer trabalha com os conceitos de adaptação e adaptabilidade estando o primeiro relacionado com as estratégias de sobrevivência e o segundo com a capacidade de ajuste de um sistema cultural a um determinado meio. BUTZER, K. *Op. Cit.* P. 10.

⁶ BINFORD, Lewis R. **An Archaeological Perspective**. New York: Seminar Press. 1968, P. 22.

⁷ “El nicho incluye explícitamente el espacio físico ocupado por el organismo, su rol funcional en la comunidad y la forma en que se ve constreñido por otras especies y factores abióticos”. BUTZER, K. *Op. Cit.* P. 14.

⁸ *Ibidem*. P. 271.

A função adaptativa é controlada pelas idéias e pelos símbolos próprios de cada grupo humano em seu tempo e seu espaço. Os processos de adaptação das sociedades humanas ao meio ambiente dependem, pois, dos seus conhecimentos doxológicos⁹ e teleonômicos¹⁰ e de como estas se comportam no meio.

Os sítios ou conjunto de sítios arqueológicos fazem parte do ecossistema humano, uma vez que as comunidades do passado desenvolveram uma relação espacial, temporal, social e econômica com o meio ambiente a que estavam adaptados¹¹. Dessa forma, os sítios arqueológicos são percebidos como um conjunto de indícios vestigiais e espaciais que permitem, a partir de pesquisas intensivas e sistemáticas na área, reconstituírem o modo de vida dos grupos que neles habitaram, sendo entendidos, pois, como o registro tangível de um lugar de atividade humana do passado. Assim, aliar os conhecimentos do ecossistema humano às evidências arqueológicas de cunho material e simbólica permitirá abrir perspectivas verdadeiramente ecológicas de compreensão das sociedades inseridas em um contexto macro ambiental.

Um aspecto importante observado é o cuidado necessário ao fazer correlações e análises entre espaço e cultura. A análise do espaço aliada à cultura material muitas vezes é feita de forma generalizada, não permitindo observar as especificidades de cada grupo. Esta pode levar o pesquisador a estabelecer modelos previsionais de ocupação aliando os vestígios às características espaciais, resultando em conclusões ambíguas e incorretas. Ademais, os modelos gerais não conseguem alcançar a complexidade do real, deixando de lado suas características particulares, minimizando-o a uma mera convenção adotada por teóricos.

Além das análises ambientais e espaciais dos sítios, os registros gráficos e os artefatos dos grupos humanos são fontes de dados importantes para a compreensão das sociedades do passado, pois constituem parte da cultura material e do universo simbólico dos grupos humanos. Constituem, em sua essência, siste-

⁹ Conhecimentos pragmáticos, relacionados ao conhecimento do cotidiano, não possuindo embasamento científico.

¹⁰ Termo científico utilizado para identificar os componentes necessários à sobrevivência.

¹¹ BUTZER, Karl. **Arqueología – Una ecología del hombre: Método e Teoría para un enfoque contextual**. Barcelona: Ediciones Ballaterra. 1984. P. 6.

mas de comunicação social¹², possuindo a função de marcadores de memória para os povos de tradição oral.

Assim, quando partimos para estudar a cultura material dos povos, mesmo correlacionando-a com o contexto macro ambiental, devemos ter em vista que as características observadas no sistema simbólico de cada sociedade possuem suas especificidades e que a história de cada uma delas afeta diretamente a sua estrutura sócio-cultural. Dessa forma, observamos a cultura como resultado de um processo histórico, tentando explicar os artefatos e as estruturas dos grupos como símbolos do pensamento dos homens do passado.

Os registros gráficos possuem um duplo valor arqueológico¹³. A dimensão material constituída pelas figuras em suas singularidades e que fornece informações sobre os recursos técnicos utilizados para atingir um produto gráfico; e a dimensão imaterial da cultura exprimida através da pintura como suporte de conteúdos tais como a temática escolhida e retratada, as quais estão imbuídas de múltiplos significados que se perderam no tempo devido ao desconhecimento dos códigos.

Por este motivo, muitas vezes, ao se tentar buscar o significado dos códigos de determinados elementos, é possível cair no erro de confundir as interpretações dos grupos humanos pré-históricos com os das sociedades históricas ou pré-históricas posteriores. A forma de se olhar o passado é vista com os olhos do presente, com suas perspectivas, conceitos e paradigmas.

As pinturas rupestres são analisadas apenas do ponto de vista da materialidade, sem adentrar-se no campo das interpretações e conjecturas. O componente material, por se tratar de agentes da narrativa que persistem independentemente da maneira como participam do processo narrativo, nos possibilita analisar as técnicas, temáticas e a cenografia das pinturas a partir de uma abordagem arque-

¹² PESSIS, A. M. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara.** FUMDHAM-PETROBRÁS. São Paulo; A&A Comunicação. 2003. P. 69/70.

¹³ PESSIS, A. M. *Op. Cit.* P. 55.

ológica¹⁴, observando-as como elementos da cultura material dos povos que viveram na região há pelo menos 2.000 anos A.P.

A Arqueologia ocupa-se da recuperação, descrição e estudo sistemático da cultura material das sociedades aliada ao contexto em que foram encontrados tais vestígios. Uma teoria consistente e um método adequado para a análise e estudo do objeto de pesquisa delimitado é de essencial importância para que não seja ilusório o conhecimento do passado humano. As análises espaciais dos sítios arqueológicos aliadas às análises ambientais e gráficas permitirão observar as possíveis correlações do ponto de vista da paisagem e da cultura material entre os sítios localizados na área de estudo.

1.2 Problematização

Tendo em consideração as relações entre cultura e ambiente expostas anteriormente, o estudo foi direcionado pela variável ambiental do contexto arqueológico, com o objetivo de melhor compreender os aspectos da paisagem que participaram na escolha dos locais utilizados pelas comunidades humanas para o estabelecimento dos sítios arqueológicos e realizar a prática gráfica.

A problemática levantada baseia-se no questionamento sobre a existência de um padrão de escolha dos sítios de pintura rupestre, para, assim, entender se os grupos que estiveram na região ocuparam espaços naturais semelhantes ou não.

Dentro deste aspecto, tem-se que estabelecer uma relação entre os elementos naturais da paisagem (no sentido físico e biótico) com o antrópico através dos diferentes sítios com pinturas rupestres. Neste procedimento, procura-se determinar quais os componentes mais relevantes da análise serão marcadores no estabelecimento de padrão ou padrões. A relação meio-cultura foi analisada do ponto de vista da operacionalidade dos dados geoambientais (entendendo-se da geopaisagem) e arqueológicos. Observar se há um padrão de escolha da geopaisagem dos sítios de pintura rupestre nas três áreas de estudo, permite compre-

¹⁴ VER: PESSIS, A.M. **Registros Rupestres. Perfil Gráfico e Grupo Social.** In: *Revista CLIO, Série Arqueológica* N° 9. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1993. P. 10-14.

ender as escolhas da localização dos sítios, de suporte para pintar e se a distribuição espacial destes acompanha ou não padrões de escolhas. A necessidade de se estabelecer um padrão, caso haja, é observar as possíveis escolhas dos grupos que ali estiveram em função da disponibilidade do ambiente, observando as localidades favoráveis para a constituição de sítios.

Trabalhar com o conceito de padrão remete a adotar medidas de comparação para uniformizar a avaliação de um conjunto de elementos. Um padrão se estabelece a partir de diversos componentes comparados entre si a partir da observação de recorrências e disparidades.

Assim, a pesquisa foi direcionada observando a variável ecológica, com o objetivo de perceber as reações adaptativas dos grupos humanos em função da disponibilidade espacial e de recursos necessários para sobrevivência. Foram delimitadas as seguintes variáveis para estudar possíveis padrões de escolha dos sítios de pintura rupestre:

- a geomorfologia;
- a geologia;
- a distribuição espacial dos sítios;
- a cobertura vegetal;
- os registros gráficos pintados.

1.3 Hipótese de Trabalho – Metodologia de Abordagem

A necessidade de atrelar a metodologia à hipótese proposta, orientou a pesquisa a considerar a variável ambiental como fio condutor dos estudos. Desta forma, a investigação começou por identificar as unidades geológicas e geomorfológicas onde existem sítios rupestres estabelecidos.

Aspectos Geológicos e Geomorfológicos

Esses aspectos dizem respeito a geopaisagem no sentido mais amplo, ou seja, feições morfológicas, hidrografia, fontes de água, estrutura geológica e litologia, que podem ser parâmetros aplicados caso a caso. Esses aspectos foram

estudados para o contexto da paisagem dos sítios arqueológicos, observando suas características locais e do entorno, uma vez que o sítio arqueológico é o *locus* natural, é a fração (física) de uma paisagem que em épocas remotas era próprio do ecossistema humano. No entanto, vale ressaltar que a variável cronológica é um aspecto de extrema importância para análise, pois situa o objeto de pesquisa temporalmente no espaço já delimitado. Quando essa variável é desconhecida, ou existem poucas pesquisas sobre esse tema, há uma dificuldade de contextualizar o objeto no espaço e no tempo.

Além disso, a formação e destruição dos sítios estão baseadas na cultura dos povos e na relação de identidade existente entre os grupos humanos e o ambiente, refletindo-se tanto no sítio (visto como unidade micro ambiental) como na paisagem do entorno¹⁵. Assim, o âmbito paisagístico, segundo Butzer, pode ser dividido e analisado em três contextos¹⁶:

1 - O Micro-ambiente do sítio, definido a partir dos elementos meio-ambientais locais que influenciaram na escolha do local do sítio. Podemos incluir nesta análise micro do sítio os elementos geológicos que determinam a escolha do local e do suporte rochoso para a realização da prática gráfica.

2 - O Meso-ambiente do sítio, ou seja, a análise do entorno do sítio a partir de uma perspectiva geomorfológica. Analisar o entorno topográfico, localização do sítio, hidrografia, altitude e outros acidentes geográficos, permitem definir o contexto ambiental adjacente ao sítio.

3 - O Macro-ambiente do sítio diz respeito ao meio-ambiente regional que permite compreender de forma ampla as diferenças e similitudes da distribuição dos sítios na região pesquisada, além de perceber as diferenças ambientais das áreas em estudo e suas limitações.

¹⁵ BUTZER, Karl. **Arqueología – Una ecología del hombre: Método e Teoría para un enfoque contextual**. Barcelona: Ediciones Ballaterra. 1984. P. 35.

¹⁶ BUTZER, Karl. *Op. Cit.* P. 36.

Distribuição Espacial

A distribuição espacial dos sítios trata-se de uma cartografia temática baseada na análise espacial dos sítios. Considera-se também, nesta abordagem, a altimetria.

A variável altimétrica está relacionada intrinsecamente com as formas de relevo – estas com a litologia e estrutura geológica – e o clima. Os locais com cotas altimétricas mais altas permitem uma maior umidade e pluviosidade, se comportando como áreas de refúgios ecológicos durante períodos de seca. Essa variável foi ponderada no sentido de como os sítios se comportam nas diferentes cotas e se as diferenças influenciam na tipologia dos sítios com registros gráficos nas regiões estudadas.

O conjunto de elementos dessa análise também interessa por contribuir no sentido de identificar a lógica da distribuição e, conseqüentemente, a lógica do estabelecimento dos sítios nas diferentes áreas estudadas. A questão do território ocupado, ou seja, das áreas onde foram estabelecidos os sítios pelos grupos, implica na existência de uma rota freqüente desses grupos em função dos recursos naturais disponíveis nas áreas. Pesquisas realizadas nas áreas de Venturosa e Pedra, nas décadas de 70 e 80, revelaram que os grupos que ocuparam essa região eram caçadores-coletores que se deslocavam e exploravam o território em função da existência de recursos naturais.

Observar se há um padrão na distribuição espacial dos sítios, torna-se necessário entender a lógica dessa distribuição no contexto macro das regiões estudadas. No entanto, vale ressaltar que o fato de identificar o padrão de distribuição não significa que poderá explicar o tipo do processo que levou a essa distribuição, mas ajuda na interpretação do processo espacial que produz a distribuição¹⁷.

¹⁷HODDER, I.; ORTON, C. **Análisis Espacial em Arqueología**. Barcelona: Editora Crítica. 1990. P. 42.

Cobertura Vegetacional

A cobertura florística tem seu *habitat*, entre outros aspectos componentes, relacionados às condições climáticas, de relevo e do substrato de suporte, como litologia e solo. Adicionalmente, o sistema faunístico depende desses fatores e das relações inter e intra-espécies. Os grupos humanos de caçadores-coletores estavam, assim, intimamente ligados a esses dois sistemas bióticos.

Os Registros Gráficos Pintados

Partindo-se do princípio de que cultura – meio ambiente relaciona-se com os nichos ecológicos e que mudanças ocorridas nos sítios estão baseadas na cultura e na relação entre grupos humanos e o meio ambiente¹⁸, observou-se a variável ambiental dentro de um contexto arqueológico que possibilitasse compreender quais aspectos do meio natural nortearam a escolha do local dos sítios de pintura rupestre.

Do ponto de vista cultural, o estudo dos grafismos é preponderante na compreensão da Tradição Agreste e sua dispersão nas áreas agrestinas, pois atua de forma a pesquisar a diversidade dos grafismos nas áreas estudadas e as características dos sítios de pintura dessa Tradição. Aliando-as aos vestígios da cultura material, existentes nas áreas arqueológicas estudadas, as análises da técnica de elaboração, temática e apresentação social permitem segregar características gráficas dos grupos que ocuparam a Microrregião de Arcoverde há, pelo menos, 2.000 anos A.P.

Os grafismos rupestres da Tradição Agreste, distribuídos em sítios dos municípios de Venturosa e Pedra possuem, à primeira vista, morfologias recorrentes¹⁹. Em Catimbau, a presença de grafismos da Tradição Nordeste e da Tradição Agreste faz com que essa região possua características gráficas divergentes, podendo possuir cronologias mais recuadas nesses sítios. A presença de pinturas de diferentes padrões de realização técnica, temática e cenográfica comprova a

¹⁸ HODDER, I.; ORTON, C. **Análisis Espacial em Arqueología**. Barcelona: Editora Crítica. 1990. P. 35.

¹⁹ Faz-se necessária a análise detalhada desses grafismos para poder afirmar se esses possuem padrões gráficos semelhantes ou não.

reutilização do suporte por um ou mais grupos que se estabeleceram ou passaram pelas regiões.

Um questionamento levantado é sobre a localização dos sítios rupestres na paisagem, observando como se comportam os sítios que contêm grafismos apenas da Tradição Nordeste, apenas da Tradição Agreste e/ou as duas concomitantemente. Essa análise pode levar a perceber um padrão de escolha dos grupos do ponto de vista da paisagem dos sítios de registros gráficos nas áreas estudadas, pois permite compreender diferenças e similitudes nos ambientes escolhidos para realização da prática gráfica das diferentes Tradições.

Deve-se ressaltar que todas as análises foram feitas em função do número de sítios conhecidos nas áreas de Pedra, Venturosa e Catimbau e que a presença de outros sítios, que venham a ser descobertos, pode expandir o conhecimento da distribuição dos sítios no contexto paisagístico regional.

Do ponto de vista da natureza do espaço, observa-se que em Venturosa e Pedra há características recorrentes da geopaisagem, possuindo um conjunto integrado e repetido de elementos de ordem física e biótica e um *corpus* gráfico caracterizado como da Tradição Agreste. Por outro lado, na região de Catimbau, os elementos da paisagem mostram fisionomias diferenciadas daquelas observadas em Venturosa e Pedra, sobretudo no que respeita a componente física.

No que se refere aos grafismos rupestres, considerados na escala do micro-ambiente, enfatiza-se a técnica, a temática e a apresentação gráfica.

A **técnica**, relacionada à análise do suporte material (painel), além da análise da morfologia dos grafismos no que se refere às formas, traços e pigmentos.

A **temática** é uma dimensão do fenômeno gráfico que permite reconhecer, através da observação dos elementos essenciais de construção e a proporção em que eles aparecem, a identidade dos componentes. É importante salientar que a evolução das análises baseou-se apenas na materialidade dos grafismos salientadas nas pinturas, observando a partir dessa perspectiva, qual temática está associada a cada estrutura material e gestual dos componentes do painel.

A **apresentação gráfica** é analisada através do agenciamento dos componentes de uma ação, observando os gestos, ritmos e posturas. A apresentação gráfica dos grafismos foi estudada observando a variável Espaço e Tempo. O Espaço é analisado a partir do agenciamento dos grafismos no espaço pictural. A existência de sobreposições e superposições das pinturas é presente nos sítios estudados e revela o resultado de uma escolha cultural, o que demonstra a reutilização do sítio em momentos distintos possivelmente por grupos também distintos. O tempo é representado a partir dos componentes movimento e profundidade, onde o primeiro se refere aos gestos, ritmos e posturas dos grafismos delineados nas cenas narrativas da Tradição Nordeste, e o segundo relacionado à idéia de profundidade de cena, onde mais de um plano horizontal ou vertical, é utilizado para o seu desenvolvimento.

De todo esse complexo apresentado, onde os componentes podem ter relações de interdependência ou de subordinação, o tema desta dissertação baseou-se na proposição de que as diferenças nas paisagens naturais, nos dois domínios (Venturosa e Pedra *versus* Catimbau), foram determinantes na apropriação dos espaços pelos grupos humanos que habitavam essas áreas.

CAPÍTULO II

ANTECEDENTES DAS PESQUISAS

2.1 Histórico das Pesquisas realizadas em Venturosa, Pedra e Buíque.

As pesquisas arqueológicas realizadas na área do Agreste Pernambucano foram desenvolvidas, na década de 70, pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA da UFPE. Várias prospecções arqueológicas foram realizadas²⁰ em sítios situados nos municípios de Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte, Alagoinha, Venturosa, Pedra, Paranatama, Brejinho, São Bento do Una e Passira, em Pernambuco; e nos municípios de Cacimba de Areias e São João do Tigre, na Paraíba. A finalidade dessas prospecções foi localizar sítios de pintura rupestre que apresentavam características recorrentes, classificados então de Tradição Agreste²¹, observando a dispersão dessa Tradição²² pelo Agreste de Pernambuco e por outros estados, tais como Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará.

O termo Agreste se deu devido à localização desses sítios em regiões de várzea, no sopé das elevações ou nas suas encostas na região do Agreste de Pernambuco e Paraíba. A Tradição Agreste foi caracterizada por grafismos de grandes dimensões geralmente maiores do que os da Tradição Nordeste²³ sejam

²⁰ Ver: AGUIAR, Alice. **A Tradição Agreste: Análise de 20 sítios de arte rupestre em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco – Área de Concentração em Pré-História. Recife, 1986. P. 52-53.

²¹ “(...) a Tradição Agreste se caracteriza pela predominância de grafismos reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem representações de objetos, nem de figuras fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e representam unicamente caçadas. Ao contrário da Tradição Nordeste, as figuras são representadas paradas: não há nem movimento, nem dinamismo. Os grafismos puros, muito mais abundantes que na Tradição Nordeste, apresentam uma morfologia bem diferente e diversificada”. GUIDON, Niède. *Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil*. In: Revista CLIO. Série Arqueológica Nº 5. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1989. P. 8.

²² “Para definir a classe mais geral, designada Tradição, foram considerados os tipos de figuras presentes, as proporções relativas que existem entre os diferentes tipos e as relações que se estabelecem entre os grafismos que compõem um painel”. A formulação dos tipos é o resultado de uma síntese de vários parâmetros escolhidos entre as características oferecidas pelo conjunto de todas as manifestações gráficas existentes na área arqueológica. IN: PESSIS, A.M.; GUIDON, Niède. *Registros Rupestres e caracterização das etnias pré-históricas*. IN: VIDAL, Lux (Org.). **Grafismos Indígenas: Estudo de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel Editora, FAPESP. 1992. P. 21.

²³ “Esta Tradição, segundo os dados até agora confirmados, tem uma antiguidade de 12.000 anos A.P. Fazem parte delas figuras reconhecíveis por qualquer observador, dispostas sobre a parede rochosa, representando ações e acontecimentos. São figuras reconhecíveis de caráter antropomórfico e de outras espécies animais. Existem também representações de plantas e de objetos,

eles reconhecíveis²⁴ ou puros²⁵ (Foto 1). As pinturas possuem um caráter estático, sendo raros os grafismos que indicam movimento, e quando estes são encontrados, representam cenas isoladas com poucos indivíduos ou animais. Geralmente esses grafismos aparecem isolados e sem formar cenas.



Foto 1 - Representação de um grafismo não reconhecível. Sítio do Chapéu, Venturosa – PE.
Fonte: Marília Perazzo.

As figuras antropomórficas aparecem representadas, em muitos casos, medindo mais de um metro de altura e de forma estática, assemelhando-se a representação de uma figura totêmica (foto 41). A presença de grafismos puros, os quais não apresentam traços essenciais que permitam seu reconhecimento, é

mas são minoritárias no conjunto. Pela sua complexidade, diversidade e pela maneira como as figuras se relacionam, as pinturas desta Tradição são uma fonte de informações extremamente rica que permite a reconstituição de aspectos das vidas das comunidades humanas em épocas pré-históricas” PESSIS, A.M. **Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara.** FUMDHAM-PETROBRÁS. São Paulo; A&A Comunicação. 2003.P.83.

²⁴ “Grafismos que possuem traços de constituição indispensável para a identificação da representação rupestre” PESSIS, A.M. Métodos de Interpretação da Arte rupestre: Análises preliminares por níveis. IN: *Revista CLIO. Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco Nº 6.* Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1984. P. 102.

²⁵ “Representações rupestres que não permitem o reconhecimento (...) Este conjunto inclui os grafismos que geralmente são denominados na literatura sobre arte rupestre, como figuras geométricas ou sinais”.IN: PESSIS, A.M. 1984, *Op. Cit.* P.100.

marcante na Tradição podendo estar representados próximos a grafismos reconhecíveis não necessariamente estando associados a eles.

Com relação aos zoomorfos, dificilmente é reconhecida sua identidade designando-os de forma generalizada sem maiores detalhes como “aves” ou “quadrúpedes”. Animais como peixes, lagartos e quelônios são identificáveis, podendo aparecer com poucos detalhes e de forma esquemática²⁶.

As representações de marcas de mão em positivo, e às vezes de pés, distribuídas em diversos lugares do painel, principalmente em sua parte superior, são características marcantes dessa Tradição²⁷. Muitas vezes são encontradas pinturas cujas palmas das mãos aparecem desenhadas com listras ou com formas elípticas .

Uma subtradição²⁸ da Tradição Agreste foi definida como Cariris Velhos²⁹. Esta possui basicamente as mesmas características da Tradição Agreste, pois foi a partir da análise dos sítios típicos da subtradição Cariris Velhos que a Tradição Agreste foi caracterizada em Pernambuco e Paraíba³⁰.

Dos municípios percorridos na região Agreste de Pernambuco pela equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos - NEA na década de 70³¹, o que possuía uma maior concentração de sítios de pintura rupestre de Tradição Agreste foi o município de Venturosa. Em consequência disto, ainda na década de 70, foi feita nesta localidade uma investigação arqueológica para observar as potencialidades

²⁶ AGUIAR, Alice. A Tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco. IN: *Revista CLIO – Revista do Curso de mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco* Nº 8. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1986. P. 13.

²⁷ MARTÍN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco. 1999. Pp. 277.

²⁸ “(...) No interior das tradições foram distinguidas subtradições, que são classes segregadas segundo a localização regional dos grafismos de uma tradição”. IN: PESSIS, A.M.;GUIDON, Niéde. Registros Rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. IN: VIDAL, Lux (Org.). **Grafismos Indígenas: Estudo de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel Editora, FAPESP. 1992. P. 21.

²⁹ “A denominação “Cariris Velhos” foi dada à sub-tradição que caracterizava os sítios rupestres da Tradição Agreste que se estendem numa ampla área ao sul da Paraíba e ao nordeste de Pernambuco, na região onde um arco de serras denominado dos Cariris Velhos marca a divisa entre os dois estados, tomando como epicentro a Microrregião de Arcoverde”. MARTÍN, Gabriela. **As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque - PE, no contexto da Tradição Agreste**. IN: *Revista CLIO Arqueológica* Nº 18. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 2005. P. 32.

⁴³ MARTÍN, Gabriela. *Op. Cit.* P.30.

³¹ A pesquisadora Alice Aguiar não incluiu Buíque em sua pesquisa, desta forma a diversidade de sítios existentes nesta região não foi documentada e estudada durante suas pesquisas.

de pesquisa da área em estudo. O sítio Peri-Peri I foi escolhido para ser escavado em virtude da presença de numerosos vestígios de material lítico e material ósseo de superfície. Realizou-se uma sondagem de 2,00 por 2,50 metros sendo encontradas duas fogueiras³² com material lítico associado, cujas matérias primas existentes eram basicamente quartzo em maior quantidade, sílex, granito e arenito. Os artefatos encontrados no primeiro nível apresentavam marcas de fogo, no segundo nível foi encontrado, junto à fogueira, um lápis de ocre com marcas de uso e no terceiro nível um raspador de arenito com marcas de fogo.³³ As conclusões obtidas através da observação dos sítios na paisagem, da análise da indústria lítica (basicamente de lascas em quartzo) aliada às estruturas das fogueiras encontradas na sondagem indicam que os grupos que habitavam o sítio eram caçadores que se fixavam por curtos espaços de tempo no sítio. Os pigmentos encontrados em materiais líticos e o lápis de ocre encontrado associado à fogueira do nível dois, permitiram inferir que os pigmentos utilizados para realizar a prática gráfica em Peri-Peri eram preparados no próprio sítio pelos caçadores que ali viviam. Além de que a presença de água nas proximidades do sítio permitia que os grupos vivessem temporariamente no local dos sítios³⁴.

Outras pesquisas foram desenvolvidas no final da década de 80 e início da década de 90 na região de Venturosa. Dois sítios da Tradição Agreste foram escavados nesse período, os sítios Pedra do Tubarão e Cemitério do Caboclo³⁵, distantes, um do outro, aproximadamente 200 metros. O sítio Pedra do Tubarão foi caracterizado por LUFT (1990) como espaço de habitação dos grupos que ali estiveram, onde foram encontrados materiais ósseos, cerâmicos – em pequena quantidade -, líticos, além de estruturas de fogueiras. Um artefato de hematita, semelhante ao do sítio Peri-Peri I – que proporcionou datações relativas para as pinturas da Tradição Agreste da região - foi encontrado no mesmo nível de uma

³² As duas fogueiras foram datadas com cronologias de 1760+-90 AP a primeira e 2030+-50 AP a segunda.

³³ MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira. **O Sítio Arqueológico Peri-Peri em Pernambuco**. IN: *Revista de Arqueologia – Publicação do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, V. 1, N.1 Julho/Dezembro. 1983. P. 36.

³⁴ MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira. *Op. Cit.* P. 38.

³⁵ Para LUFT, os dois sítios estão relacionados entre si, onde o primeiro refere-se ao espaço de doméstico, de habitação do grupo e, o segundo, o cemitério desse grupo que habitou a Pedra do Tubarão. LUFT, Vlademir José. **A Pedra do Tubarão: Um Sítio da Tradição Agreste em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1990. P. 41-43.

fogueira da qual se coletou carvão para datações posteriores, das quais não obtivemos dados. O Cemitério do Caboclo tem, como característica principal, a presença de enterramentos secundários, onde se observou a desordem total e desarticulação dos ossos, além da prática de queimá-los. Dessa forma, não foi possível mensurar a quantidade de indivíduos enterrados no local. As conclusões as quais o pesquisador chegou são semelhantes às de AGUIAR (1986), onde afirma serem os grupos humanos da Tradição Agreste caçadores-coletores (devido aos artefatos líticos conhecidos e às datações obtidas na área) e não agricultores ceramistas, devido ao reduzido número de fragmentos de cerâmica e de pedra polida nos sítios pesquisados. Outro ponto abordado pelo pesquisador é a escolha dos locais para elaboração da prática gráfica, os quais não eram, em geral, locais de habitação, mas poderiam ter servido de acampamento temporário para os grupos, como é o caso de Peri-Peri I, Pedra da Buquinha, entre outros. Dessa forma, LUFT (1990) e AGUIAR (1986) partilham as mesmas idéias acerca das características dos sítios da Tradição Agreste nas áreas pesquisadas.

Paralelamente aos estudos realizados no Agreste Pernambucano, os trabalhos de Ruth Trindade de Almeida na Paraíba, na região geográfica denominada “Cariris da Paraíba”, revelaram a existência de dezenas de sítios de pintura e gravura rupestre³⁶. Os sítios de pintura rupestres existentes nessa região possuem características semelhantes aos encontrados em Pernambuco no que diz respeito à localização, a escolha dos suportes e a morfologia das pinturas, estando inseridos na Tradição Agreste. O trabalho da pesquisadora foi bastante elucidativo para a compreensão da dispersão da Tradição Agreste pelo nordeste do Brasil, uma vez que fez várias prospecções no estado da Paraíba, catalogando os diversos sítios encontrados nas regiões onde havia apenas notícias da existência deles. Devido às dificuldades de acesso, distância entre os sítios e aos custos da pesquisa, a pesquisadora fez em média apenas uma visita a cada sítio, o que não permitiu fazer análises minuciosas acerca dos registros rupestres encontrados, estando sua pesquisa baseada na descrição e no registro de 49 sítios dos quais 34 são de pintura, 13 de gravuras e 2 possuindo as duas manifestações gráficas.

³⁶ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A Arte Rupestre nos Cariris Velhos. Notas preliminares.** Campina Grande: 1975.

Outra área de grande potencial arqueológico é a região do Vale do Catimbau. Pesquisas arqueológicas foram iniciadas na década de 70 pelo pesquisador Marcos Albuquerque e intensificadas na década de 90 pela equipe do NEA da Universidade Federal de Pernambuco. Nessa área, várias prospecções foram realizadas para reconhecimento e catalogação de sítios arqueológicos até então desconhecidos. No sítio arqueológico Alcobaça, as escavações arqueológicas, coordenadas pela pesquisadora Ana L. do Nascimento, possibilitaram o estudo das estruturas arqueológicas tais como sepultamentos, material cerâmico e lítico e as pinturas rupestres. Nessas escavações observou-se uma diversidade de material existente *in loco*, e a análise das estruturas arqueológicas possibilitaram determinar três momentos distintos de ocupação do sítio, onde o primeiro possui cronologias que variam de 4.851 ± 30 a 1118 ± 24 anos A.P, o segundo 2.466 ± 26 anos A.P. a 1.561 ± 25 anos A.P. e o terceiro de $4.697 \pm$ anos A.P. a 888 ± 25 anos A.P.³⁷

No Agreste Pernambucano, exceto na região de Buíque, as pesquisas arqueológicas não tiveram continuidade. O levantamento e as análises preliminares feitas nas décadas de 70 e 80 pelos pesquisadores da UFPE forneceram base para posteriores estudos mais detalhados dos painéis rupestres classificados de Tradição Agreste, além do estudo do entorno dos sítios, localização e distribuição espacial.

³⁷ OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. **O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco. Estudos das estruturas arqueológicas.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2001. P.41.

CAPÍTULO III

ASPECTOS DA GEOPAISAGEM DO AGRESTE

3.1 O Contexto Fisiográfico e os Agrestes Pernambucanos

O termo Agreste designa a zona fisiográfica do nordeste brasileiro que se estende numa faixa paralela à periferia úmida oriental chamada de Zona da Mata, e no interior margeada pelo sertão (Figura 2). Em Pernambuco, o Agreste compreende as terras das microrregiões do Agreste Setentrional, do Vale do Ipojuca e do Agreste Meridional, incluindo, devido às características fundamentais do ponto de vista das variações climáticas e pedológicas, a microrregião de Arcoverde³⁸, onde estão inseridas as áreas abordadas nessa dissertação.

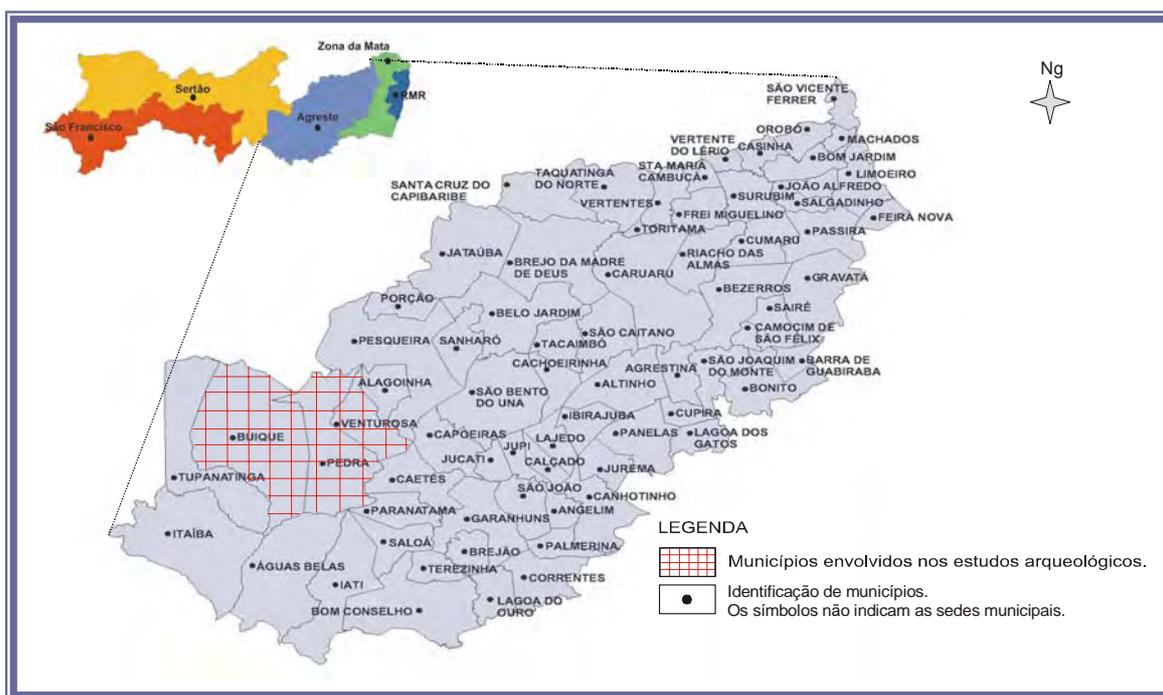


Figura 2 - Localização da área de estudo na Região Fisiográfica do Agreste de Pernambuco. Fonte: Disponível em www.municipios.pe.gov.br. Acessado em Janeiro de 2007. Modificado do original. Original sem escala referida.

³⁸ “Em sua delimitação tradicional de antiga zona fisiográfica, o Agreste de Pernambuco compreende (...) em seus característicos fundamentais a microrregião de Arcoverde, sem dúvida muito mais agrestina do que sertaneja”. MELO, Mário Lacerda de. **Os Agrestes: Estudo dos Espaços Nordestinos do Sistema Gado-Policultura de Uso de Recursos**. Recife: Série Estudos Regionais n^o19. SUDENE Coord. Planej. Regional. 1980. P. 173.

Por ser uma região de transição, possui características climáticas de naturezas intermediárias entre o tropical úmido da faixa oriental Atlântica e o semi-árido dos espaços sertanejos. As variáveis climáticas, bem como as formas de relevo condicionam as feições da paisagem regionais no que se refere aos quadros edáficos, hidrográficos e ecológicos, constituindo diversas subáreas com traços peculiares dentro da macro-área qualificada de Agreste³⁹. O termo Agreste está indicado no plural no subtítulo justamente para evidenciar as várias subáreas existentes no espaço do Agreste, devido, sobretudo, as diferentes características morfoclimáticas.

3.2 Feições Geológicas do Agreste

O Agreste Pernambucano está representado, em quase sua totalidade, por terrenos geológicos Pré-cambrianos pertencentes à Província Estrutural da Borborema. Neste éon, dominam litotipos ígneos, essencialmente graníticos, e complexos metamórficos de protólitos magmáticos e sedimentares⁴⁰.

Os municípios de Venturosa e Pedra estão inseridos nesses terrenos Pré-Cambrianos e compreendem rochas metassedimentares, migmatitos, ortognáisses e corpos graníticos pouco deformados.

Ao lado dos terrenos Pré-cambrianos, destaca-se uma cobertura Sedimentar Fanerozóica representada pela Bacia do Jatobá. Essa unidade geológica é um prolongamento norte do sistema de Bacias Recôncavo-Tucano-Jatobá, estando situada na região centro-sul de Pernambuco, entre o rio São Francisco e o município de Arcoverde⁴¹.

São os sedimentos da Bacia do Jatobá que afloram amplamente na área de Catimbau e nos quais predominam arenitos conglomeráticos a finos, siltitos e

³⁹ MELO, Mário Lacerda de. **Os Agrestes: Estudo dos Espaços Nordestinos do Sistema Ga-do-Policultura de Uso de Recursos**. Recife: Série Estudos Regionais nº19. SUDENE Coord. Planej. Regional. 1980. P. 174.

⁴⁰ COSTA, Ivan Peixoto *et al.* Bacia do Jatobá. 2005. IN: http://www.phoenix.org.br/phoenix53_Maio03.htm. Acessado em 02-07-2005.

⁴¹ LINS, Rachel Caldas. **As Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**. Recife: Série Estudos Regionais nº 20. SUDENE Coord.Planej.Regional. 1989. P. 38-39.

folhelhos creditados a Formação Tacaratu de idade Siluro-Devoniana⁴².

3.3 Feições Geomorfológicas do Agreste

O relevo agrestino tem sido modelado por processos geológicos estabelecidos principalmente a partir do Cenozóico. Atividades da dinâmica interna, produzindo fraturas e falhas, associadas aos agentes da dinâmica externa, respondem pelas morfologias dos terrenos em transformações até o presente. Dessa forma, o relevo é consequência da interação entre fatores endógenos e exógenos, implicando-se, aí, as litologias, as estruturas geológicas e as condições morfoclimáticas.

Os relevos residuais, existentes sobre as superfícies pediplanadas, mostram a definição de certas características morfológicas como é o caso das serras situadas sobre os terrenos graníticos e ortognáissicos⁴³.

Durante os períodos de alterações climáticas, o modelado do relevo experimentou importantes modificações. Dois processos erosivos podem ter acontecido na região Agreste; o processo de degradação lateral e o processo de dissecação linear. O processo de degradação lateral provocou a formação de pedimentos e pediplanos⁴⁴ durante os períodos de clima semi-árido severo. O processo de dissecação linear provocou feições topográficas indicadoras de oscilações climáticas tendendo para climas úmidos, como é o caso de pediplanos dissecados e níveis de terraços escalonados⁴⁵.

As feições geomorfológicas do agreste estão localizadas nos compartimentos regionais de relevo dos Tabuleiros Pré-Litorâneos, da Chapada de São José, das Depressões Sertanejas e do Planalto da Borborema. Os municípios de Pedra

⁴² ARAI, Mitsuru. Revisão estratigráfica do Cretáceo Inferior das bacias interiores do Nordeste do Brasil. *Geociências*, v. 25, n° 1, p. 7-15, UNESP, 2006.

⁴³ LINS, Rachel Caldas. **As Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**. Recife: Série Estudos Regionais n° 20. SUDENE Coord.Planej.Regional. 1989. P.45.

⁴⁴“Planuras formadas pela justaposição de 'glacis'. É uma superfície inclinada formada pela coalescência de pedimentos. Pediplanação é o processo de aplainamento de superfícies extensas submetidas a clima árido ou semi-árido. Nos pediplanos ou nos pedimentos podem-se encontrar relevos residuais, isto é, os Inselbergues. Os pediplanos são grandes superfícies de erosão modeladas nos climas áridos quentes e semi-áridos”. IN: GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Geografia 4ª Edição. 1972.P. 293

⁴⁵ LINS, Rachel Caldas. *Op. Cit.* P.46.

e Venturosa estão inseridos no conjunto de relevo do Planalto da Borborema. O município de Buíque insere-se nas proximidades do Planalto da Borborema e na Chapada de São José, continuação do “Planalto da Bacia Tucano-Jatobá”.

No Agreste podem-se observar dois espaços distintos onde o clima e a pluviosidade são determinantes para sua classificação: os espaços subúmidos e os semi-áridos⁴⁶. Os espaços semi-áridos constituem quase todo o conjunto agrestino, sendo limitados a oeste pela zona seca sertaneja. Caracteriza-se por uma abundância de áreas de pediplanos secos agravadores da semi-aridez climática dos sertões, com altitudes inferiores a 500 metros. O regime pluviométrico anual é inferior a 800 mm e a hidrografia caracteriza-se por um regime intermitente mais acentuado. Possui solos rasos e pedregosos com uma vegetação predominantemente de caatinga hipoxerófita⁴⁷.

Os espaços subúmidos representam uma minoria nos agrestes, estando concentrados nas proximidades e rebordo do Planalto da Borborema. Nesses espaços há uma maior pluviosidade determinada pelas formas de relevo relacionadas aos componentes altimétricos quando comparados aos espaços semi-áridos. O regime pluviométrico anual é superior a 700 mm, possuindo, esses espaços, cotas altimétricas que excedem 500 metros. O quadro natural destas zonas úmidas ou subúmidas é caracterizado por solos profundos, vegetação florestal, hidrografia intermitente. As áreas pesquisadas nesse trabalho encontram-se localizadas nos domínios das zonas úmidas (Catimbau) e subúmidas (Venturosa e Pedra) do Agreste Pernambucano.

3.4 Aspectos Fisiográficos da Área de Estudo.

As regiões de Venturosa e Pedra apresentam feições geologicamente semelhantes, entretanto, contrastantes com as feições geológicas do domínio de Catimbau. Os contrastes são fundamentalmente decorrentes da evolução geológica distinta, implicando, também, em um modelado do relevo diferenciado nos dois domínios (Venturosa-Pedra e Catimbau).

⁴⁶LINS, Rachel Caldas. **As Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**. Recife: Série Estudos Regionais n° 20. SUDENE Coord.Planej.Regional. 1989. P. 20.

⁴⁷LINS, Rachel Caldas. *Op. Cit.* P. 174.

Nas áreas de Venturosa e Pedra, a morfologia do relevo se caracteriza por amplas áreas planas e rebaixadas topograficamente que se contrapõem com áreas de relevo acidentado na forma de colinas e serras de vertentes em geral íngremes (Fotos 2, 3, 4) e altitudes variando de 450 a 900 metros⁴⁸ (Figura 5).

Os municípios em discussão são banhados pela rede hidrográfica da Bacia do Rio Ipanema e são recortados por cursos d'água de pequena vazão. No contexto geográfico de Venturosa e Pedra, os principais afluentes do Rio Ipanema são os rios dos Bois e Cordeiro e os riachos da Luiza, da Veneza e Carrapateira. Esse sistema de drenagem tem um papel significativo no modelado morfológico da região, uma vez que nos períodos de maior pluviosidade, concentrada em curtos períodos de tempo ou de forma mais contínua, condicionam os traçados de relevo observados. Por outro lado, as regiões dominadas por tipos litológicos mais resistentes, os quais se destacam topograficamente por vertentes com inclinação mais acentuada, impõem uma maior energia nas nascentes, condicionando, também, o modelado do relevo.

O clima é do tipo Tropical Chuvoso com verões secos, classificado na escala de Köppen como A' e Bsh, onde A' caracteriza-se por climas quentes com chuvas de outono-inverno e o Bsh por um clima seco, de estepes de baixas temperaturas e baixas precipitações pluviométricas com chuvas de verão-outono.

A vegetação da unidade geoambiental de Venturosa e Pedra, é formada por florestas caducifólicas e subcaducifólicas⁴⁹ próprias das áreas da região Agreste. Nessa área em particular, a vegetação predominante é a caatinga hipoxerófito, mais úmida e possui os três estratos de vegetação: herbáceo, arbustivo e arbóreo. É geralmente densa, com um porte variando de arbustivo a arbóreo-arbustivo. No entanto, há a presença da caatinga hiperxerófito com pouca densi-

⁴⁸ BELTRÃO, Breno Augusto *et al.* **Projeto Cadastro de fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Estado de Pernambuco. Diagnóstico do Município de Venturosa.** Recife: Ministério de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. 2005. P. 03.

⁴⁹ “As plantas da caatinga têm como característica principal a caducifólia, um compartimento fisiológico que evita as condições desfavoráveis e a perda d'água.” Essas plantas geralmente são representadas por espécies das famílias *Cactácea* e *Bromeliácea*. RIBEIRO, Adauto de Souza. **Dinâmica paleoambiental da vegetação e clima durante o quaternário tardio em domínios da mata atlântica, brejo do semi-árido e cerrado nordestino utilizando isótopos do carbono da matéria orgânica do solo e planta.** Tese de Doutorado apresentada ao /Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002. P. 44.

dade, ocorrendo em zonas mais secas. Essa vegetação é de porte mais baixo que na caatinga hipoxerófito, ocorrendo, dentre outras, leguminosas e cactáceas.



Foto 2 - Vista panorâmica de relevo em serras e colinas contrastando com áreas planas e topograficamente rebaixadas. Foto tirada a partir do sítio Pedra Furada, Venturosa-PE. Fonte: Marília Perazzo.

No espaço da região de Catimbau, as formas de relevo se caracterizam por dois compartimentos. Um primeiro definido por uma seção predominantemente plana horizontal a pouco ondulada constituindo áreas de baixios. Um segundo compartimento desenhando uma morfologia plana elevada e de vertentes medianamente suaves a escarpadas.

A fisionomia desta paisagem física decorre das variáveis climáticas, ditadas na história evolutiva do relevo e, ademais, pelas naturezas litológica e estrutural da Formação Tacaratu. Como parcialmente referido (seção 3.2), a seqüência sedimentar desta formação é composta predominantemente de arenitos conglomeráticos, arenitos grosseiros a finos e freqüentes intercalações sílticas e argilosas.

As variações composicionais dos estratos e a estratificação horizontal, anotadas acima, bem como sistemas de fraturamentos e grupos de estratificação cruzada, são feições que determinaram diferentes respostas aos agentes de intempe-



Foto 3 - Vista panorâmica de relevo em serras contrastando com área plana e topograficamente rebaixada. Foto tirada a partir do sítio Pedra Furada, Venturosa-PE. Fonte: Marília Perazzo.



Foto 4 - Vista do Serrote do Barbado. Encosta íngreme e morfologia em "Pão-de-Açúcar" (maciço *inselberg*). Venturosa-PE. Fonte: Marília Perazzo.

rismo (físico e químico), estruturando, deste modo, formas tabulares, ruiformes e cavernícolas em diferentes cotas altimétricas e locais (Fotos 5, 6, 7).

Mesas, morros testemunhos, patamares e o cânion de Catimbau, são outras formas resultantes das injunções por herança geológica (fraturas, litologia, estratificação) e por mecanismos morfoclimáticos (Fotos 5, 6).

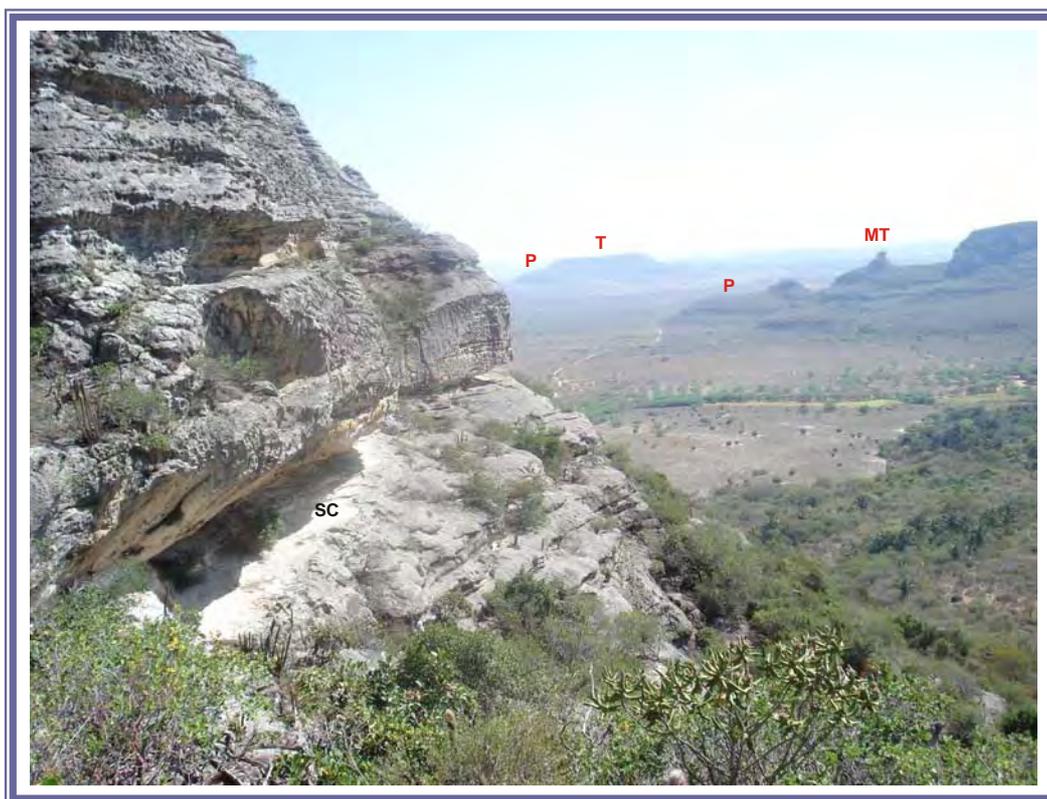


Foto 5 - Formas tabulares (T), em patamares (P), morro testemunho (MT) e estruturas cavernícolas no primeiro plano à esquerda, entre as quais se destaca o sítio Caiana (SC). Catimbau-PE. Fonte: Marília Perazzo.

No domínio dos terrenos sedimentares da região de Catimbau, as cotas altimétricas variam de 700 metros a 1.100 metros. O clima é classificado, segundo Köopen, como A' e Bsh. Nesses espaços altimétricos, dominam condições úmidas a subúmidas no contexto do Agreste Pernambucano, caracterizando, assim, áreas de exceção⁵⁰ dentro do quadro do semi-árido nordestino.

⁵⁰ Segundo Rachel Caldas Lins, as áreas de exceção do Agreste de Pernambuco são caracterizadas pelos espaços úmidos e subúmidos que apresentam formas diversificadas de uso que as diferenciam das dominantes nos demais subespaços (como é o caso do semi-árido). "São áreas onde o atributo da excepcionalidade se apresenta não apenas nas feições fisiográficas, mas também nos quadros econômicos, sociais e demográficos". LINS, Rachel Caldas. **As Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**. Recife. Série Estudos Regionais n^o 20. SUDENE. Coord. Planej. Regional, 1989. P. 20/21.



Foto 6 - Vista parcial do cânion. Notar relevo ruiniforme e vertente escarpada. Fonte: Marília Perazzo.

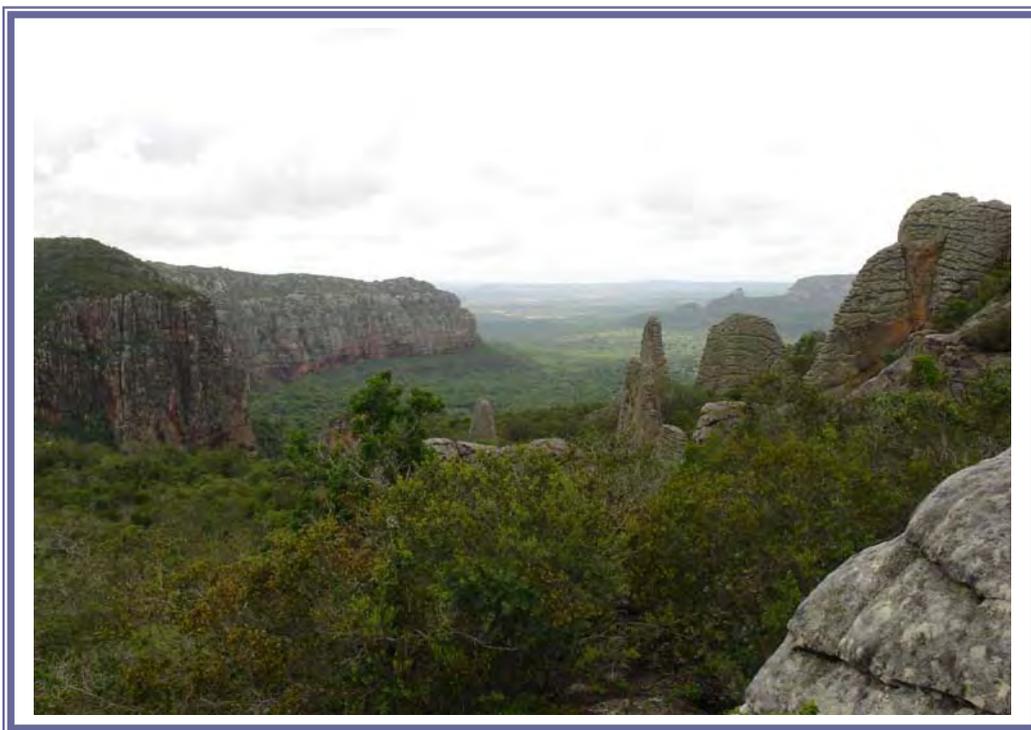


Foto 7 - Vista panorâmica do cânion. No primeiro plano, estruturas ruiniformes da Serra Branca. No fundo à esquerda, Serra de Jerusalém de vertente escarpada e topo suavemente ondulado. Fonte: Marília Perazzo.

Nas porções de cotas altimétricas mais elevadas, as precipitações pluviométricas são superiores a 1.200 mm por ano, configurando áreas de brejos de altitude como, particularmente, é o caso do Vale do Catimbau. Esta é uma situação interessante, quando se considera toda uma vasta região onde a precipitação média anual varia entre 240 mm a 900 mm⁵¹ (Figura 3). Os brejos de altitude compõem verdadeiras "ilhas" ou áreas de refúgios da floresta Atlântica Nordeste em pleno semi-árido, tornando-se locais atrativos do ponto de vista ecológico.

A exceção dos brejos de altitude, a vegetação apresenta uma fisionomia predominantemente arbustiva, com poucos elementos arbóreos, sendo caracterizada por Florestas Caducifólicas e Subcaducifólicas. Podem aparecer também, nas áreas mais úmidas do município, resquícios vegetacionais de Florestas como as palmeiras ouricuri (*Syagrus coronata*), carnaúba (*Copernicia cerifera*) e babaçu (*Attalea speciosa*). Além desses componentes vegetacionais, tem-se a destacar a ocorrência do icó (*Capparis yco*), arbusto endêmico das caatingas com fruto comestível (baga) e semente rica em proteína (ca. de 315 g.kg⁻¹ ⁵²; Foto 8), com valor nutritivo superior ao do ouricuri.

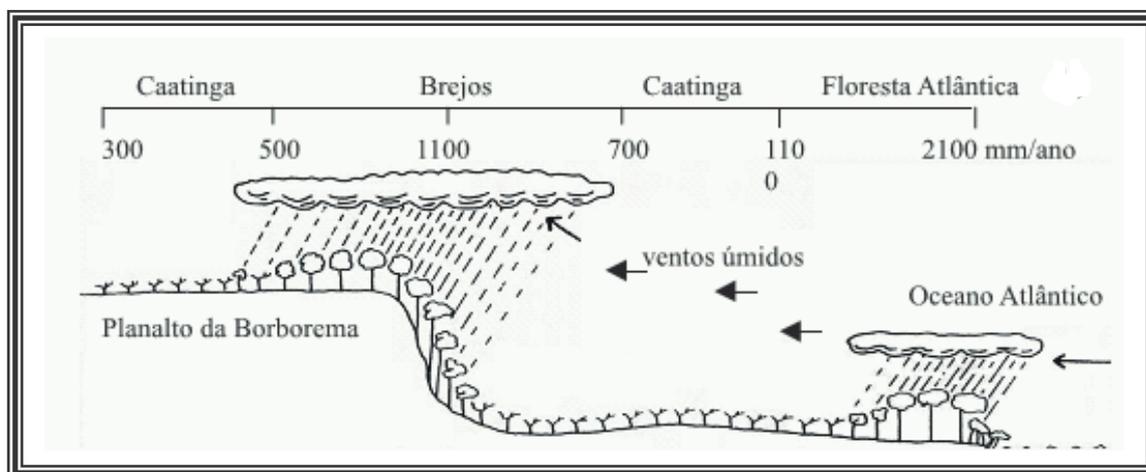


Figura 3 - Perfil esquemático geomorfológico explicativo da formação dos brejos de altitude. Fonte: TABARELLI, Marcelo; SANTOS, André M. de Melo (2004). Adaptado de Mayo & Fevereiro (1982).

⁵¹ TABARELLI, Marcelo; SANTOS, André M. de Melo. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. IN: **Brejos de Altitude em Pernambuco e na Paraíba. História Natural, Ecologia e Conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – Universidade Federal de Pernambuco. 2004. P. 18

⁵² MAYWORM, M.A.S. *et al.* **Seeds of species from the "caatinga": proteins, oils and fatty acids contents**. Revista Brasileira de Botânica, v. 21, 1998 e: http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=SciELOXML/sci_arttext.xis&def=sciELO.def&pid=S0100-84041998000#back#back

Do mesmo modo que nos municípios de Pedra e Venturosa, todo o espaço geopolítico de Buíque está inserido na bacia hidrográfica do rio Ipanema. Destacam-se os riachos do Brejo, Salgado, Catimbau, Mulungú, Brejinho e o rio Cordeiro. Todos esses cursos d'água possuem regime intermitente e um padrão dendrítico.



Foto 8 - Exemplar do icó (*Capparis yco*) apresentando significativa quantidade de bagas. Fonte: Ricardo Pessôa.

3.5 Considerações acerca do Paleoambiente das Áreas Pesquisadas.

A dificuldade de relacionar temporalmente o homem no contexto da geopaisagem em períodos antigos, leva a arqueologia a buscar, de forma multidisciplinar, respostas nas geociências para compreender a paisagem da época estudada, seja Pleistocênica ou Holocênica.

Através das análises contextuais dos sítios e de datações realizadas (tanto do ponto de vista da geopaisagem como arqueológico), os pesquisadores têm a

possibilidade de interpretar seus dados inserindo o homem em um contexto ambiental determinado. No entanto, a falta dessa interação entre as ciências tem dificultado o trabalho arqueológico que, muitas vezes, sem os dados ambientais necessários, não consegue fazer as interpretações arqueológicas de forma acertada, caindo em contradições ou conclusões ambíguas.

No sudeste do estado do Piauí, mais especificamente na região da Serra da Capivara, estudos relativos ao paleoambiente Pleistocênico e Holocênico têm sido desenvolvidos com o intuito de compreender o ambiente onde o homem estava inserido em tempos pretéritos.

No Agreste de Pernambuco não existem ainda, como um todo, investigações aprofundadas sobre a questão paleoambiental. Em Buíque, algumas pesquisas foram realizadas do ponto de vista vegetacional, o que permitiu a partir dos dados obtidos das análises das fitofisionomias (observando a datação obtida das amostras) inferir o clima a que a vegetação estava submetida. No entanto, na região de Venturosa e Pedra não há pesquisas específicas dessa natureza, o que dificultou a conclusão do tema aqui abordado. Os dados obtidos acerca dessas áreas foram levantados a partir de pesquisas arqueológicas realizadas na década de 80 pela equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos - NEA⁵³.

Em que pese os poucos dados de paleoambiente no contexto do agreste pernambucano, as interpretações acerca das investigações arqueológicas realizadas na área de Venturosa (1986) permitiram afirmar que os grupos humanos que habitavam as regiões há pelo menos 2.000 anos AP, partilhavam um clima semi-árido. As condições climáticas provavelmente limitaram o número de indivíduos entorno do mesmo habitat devido à dependência direta das limitadas fontes de água e outros recursos alimentares que margeavam os sítios. Possivelmente, devido ao número reduzido de indivíduos, os grupos tinham grande mobilidade, deslocando-se constantemente a procura de alimentos e água, condição *sine qua non* para a sobrevivência⁵⁴.

⁵³ AGUIAR, Alice. **A Tradição Agreste: análise de 20 sítios de arte rupestres em Pernambuco.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1986. P. 52/54.

⁵⁴ Aguiar, Alice. **A Tradição Agreste: Estudo sobre arte rupestre em Pernambuco.** IN: *Revista CLIO – Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco* Nº 8. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1986. P. 57

As pesquisas realizadas acerca da vegetação do Vale do Catimbau possibilitaram observar uma rica quantidade de espécies da vegetação arbórea e arbustiva⁵⁵. No estrato herbáceo, a presença das cactáceas *Opuntia sp* (*cactus*) e *Pilosocereus sp* (*facheiro*) no topo da Serra do Catimbau, caracterizaram a fisionomia vegetacional dessa área alta da Serra. No fundo do vale, nas áreas de relevo ondulado e nas vertentes das serras, aparecem núcleos esparsos de palmáceas, principalmente ouricuri e babaçu, e menos presente, a carnaúba (Foto 9).

O babaçu (*Attalea speciosa*) é uma palmeira que ocorre principalmente na região de transição entre a Floresta Amazônica e o cerrado do Brasil Central, sendo estendida até a Bahia. As regiões de ocorrência dessa palmácea caracterizam, pois, zona de ecótono⁵⁶. A presença dessa palmeira nos domínios da caatinga, especialmente na região do Vale do Catimbau, representa testemunhos, em refúgios ecológicos, de expansão pretérita dessa mata transicional em períodos de maior umidade que, ao encontrar uma região de clima úmido, estabeleceu-se no vale da serra.

A origem vegetacional dos brejos está associada às variações climáticas ocorridas durante o Pleistoceno, as quais influenciaram de forma contundente na distribuição do revestimento florístico das regiões. Em escalas regionais, focando a região nordeste, essas mudanças climáticas causaram sucessivas expansões e retrações da Floresta Atlântica em locais onde a caatinga era dominante⁵⁷. Nos períodos finais do Pleistoceno houve um retorno das florestas a sua distribuição original, restando, porém, “ilhas” de Floresta Atlântica e de espécies típicas das Florestas Cerranas em locais de micro-climas favoráveis, com maior umidade e precipitação.

Estudos dos isótopos de carbono da matéria orgânica do solo (MOS) e das plantas da região, aliado a datações de ¹⁴C dos fragmentos de carvão originados

⁵⁵ RIBEIRO, Adauto de Souza. **Dinâmica paleoambiental da vegetação e clima durante o quaternário tardio em domínios da mata atlântica, brejo do semi-árido e cerrado nordestino utilizando isótopos do carbono da matéria orgânica do solo e planta**. Tese de Doutorado apresentada ao /Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002. P. 117-120.

⁵⁶ RIBEIRO, Adauto de Souza. *Op. Cit.* P. 119-120.

⁵⁷ TABARELLI, Marcelo; SANTOS, André M. de Melo. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. IN: **Brejos de Altitude em Pernambuco e na Paraíba. História Natural, Ecologia e Conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – Universidade Federal de Pernambuco. 2004. P. 19.

de paleoincêndios (no fundo do vale os fragmentos foram colhidos a, no máximo, 4 metros de profundidade)⁵⁸, indicaram que há pelo menos 8.000 anos A.P. a vegetação da Serra do Catimbau não sofreu modificações significativas, predominando nesse período as plantas do tipo C₃⁵⁹ (floresta)⁶⁰.



Foto 9 - Núcleos de babaçu no sopé da Serra de Jerusalém, próximo ao sítio Toca do João. No primeiro plano à direita, um exemplar de carnaúba. Fonte: Ricardo Pessôa.

As conclusões a que RIBEIRO (2002) chegou permitiram observar que, independente de variações climáticas que possam ter ocorrido durante o período do Holoceno, as fitofisionomias da região não foram modificadas. Paralelamente, pesquisas realizadas no Vale do Icatu (BA)⁶¹ indicaram, a partir das análises dos

⁵⁸ O autor não indica a que profundidade o material foi recolhido, citando apenas a profundidade do solo de algumas áreas da pesquisa. RIBEIRO, Adauto de Souza. **Dinâmica paleoambiental da vegetação e clima durante o quaternário tardio em domínios da mata atlântica, brejo do semi-árido e cerrado nordestino utilizando isótopos do carbono da matéria orgânica do solo e planta**. Tese de Doutorado apresentada ao /Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002.

⁵⁹ C₃ = isótopo de ¹³C, presente no tipo vegetacional de florestas; C₄ = Isótopo de ¹⁴C presente nas vegetações abertas / herbáceas / (gramíneas).

⁶⁰ RIBEIRO, Adauto de Souza. *Op. Cit.* P. 117-120; 170-171.

⁶¹ OLIVEIRA, Paulo E. de, BARRETO, Alcina Magnólia Franca & SUGUIO, Kenitiro. Late Pleistocene/Holocene climatic and vegetational history of Brazilian caatinga: the fossil dunes of the middle

polens da vegetação da área e do vale que o padrão climático e vegetacional (caatinga) observado atualmente na área pesquisada, foi estabelecido após 4.240 anos A.P.

Cabe salientar, que durante o período de 7.000 a 5.000 anos A.P houve um esquentamento do clima no Nordeste Brasileiro. Esse fenômeno não aconteceu apenas em escala regional, mas em uma dimensão global. A Idade Hipsitérmica, também conhecida como Ótimo Climático correspondeu a um esquentamento de pelo menos 1^oC a 2^oC na temperatura média global, no intervalo de 9.000 a 2.500 anos A. P⁶².

Assim, é importante observar a relação Homem – recurso natural quando se discute o binômio homem – meio, devido as suas necessidades teleonômicas. Os recursos naturais sempre foram os elementos de sobrevivência dos grupos e a falta ou mesmo insuficiência deles poderia resultar em conflitos ou até mesmo em deslocamentos para áreas mais atrativas. Durante os períodos de maior esquentamento, possivelmente, os grupos que viviam no agreste e sertão de Pernambuco podem ter necessitado migrar para áreas onde o clima estivesse mais ameno.

Desta forma, possíveis migrações de grupos para áreas mais atrativas do ponto de vista ecológico em períodos pretéritos, como é o caso dos brejos de altitude e do litoral do estado, devem ser pesquisadas, principalmente na região do Estado de Pernambuco, onde há uma grande concentração de sítios arqueológicos, sobretudo nas regiões do agreste e sertão do Estado.

São Francisco River. IN: Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology. Reprinted from Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology 152; Elsevier; Department of Geology, The Australian National University, Canberra; Department of Earth Sciences, Syracuse University, Syracuse, New York; Institute of General Geology, University of Copenhagen, Copenhagen. 1999. P. 335.

⁶² SUGUIO, Kenitiro. Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais: Passado + presente = futuro. Paulo's Comunicação e artes gráficas, São Paulo.1999. P.55.

CAPÍTULO IV

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO CONTEXTO DA PAISAGEM.

4.1 Aspectos da Geopaisagem e os Sítios Arqueológicos

Conforme mencionado (Cap. III), a área de estudo compreende dois compartimentos geograficamente separados, os quais constituem, também, duas unidades de geopaisagem distintas que interessam particularmente no estudo arqueológico.

Muito embora essas unidades (ou domínios) estejam inseridas na região fisiográfica do Agreste Pernambucano, especificamente na microrregião de Arco-verde, encerram particularidades de geopaisagem decorrentes das feições geológicas – em primeira ordem como identidade de herança – e geomorfológicas, estas, mediante os mecanismos morfoclimáticos.

De um lado, na região que compreende os municípios de Venturosa e Pedra, o terreno geológico está representado por rochas Pré-cambrianas com predomínio de gnaisses e granitos diversos. As rochas gnáissicas exibem estruturas que se orientam preferencialmente na direção nordeste-sudoeste. Essas estruturas planares são medianamente empinadas (da ordem de 40° a 50°) a subverticais. Os corpos graníticos, de um modo geral, são alongados também segundo a direção nordeste. Além da gnaissificação, como estrutura planar, as rochas gnáissicas como as graníticas apresentam vários sistemas de fraturas.

Por outro lado, na unidade Catimbau o terreno geológico é formado de rochas sedimentares areníticas as quais se dispõem com estratificação horizontal predominante (ver Cap. III, seções 3.2 a 3.4). Em decorrência, as organizações morfoestrutural e morfoescultural são desiguais da unidade Venturosa-Pedra.

Em função das estruturas fortemente marcadas nos terrenos de Venturosa-Pedra, bem como pelas diferenças de resistibilidade das rochas aos processos de erosão-intemperismo, os sistemas orográfico e hidrográfico orientam-se, essencialmente, segundo a direção nordeste-sudoeste. Deste modo, em grande parte da

região de Venturosa e Pedra, configura-se um modelado periódico do relevo com elevações interpondo-se aos baixios onde estão instalados os cursos d'água. Esta configuração é muito evidente na região leste de Venturosa (Figura 4). As elevações típicas são Serra do Bucu, Serra da Catinga Branca e Serrote do Barbado e os cursos fluviais principais que se interpõem como os riachos Chã de Souza, das Cabaceiras, da Luiza e Magé. As elevações, ao modo de serras, podem ser contínuas por quilômetros de extensão – a exemplo da Serra do Bucu – ou descontínuas como unidades morfológicas "ilhadas" (Serrote do Barbado, Serrote da Pedra Furada; Foto 4). Na região ao sul de Venturosa bem como em Pedra, onde também ocorrem sítios de pintura rupestre, este padrão geomorfológico se mantém (Figura 5), sendo, portanto, uma feição dominante como referido.

De modo geral, as vertentes não são abruptas, ao modo de escarpas, mas discretamente íngremes. Nessas vertentes se destacam, com grande regularidade em toda a área, matacões⁶³ fixos ou como elementos deslocados de porções mais elevadas. Os matacões (Foto 10) são formas comuns na paisagem e relevantes do ponto de vista arqueológico, uma vez que 90% dos sítios arqueológicos investigados na área estão inseridos nesse tipo de feição morfológica – a exceção do sítio Pedra Furada. Por outro lado, a importância desses elementos, de ordem morfo-estrutural-morfoescultural, fica demonstrada pela constatação de que cerca de 64% dos sítios de pinturas rupestres investigados se constituem de abrigos sob rochas em matacões⁶⁴ (ver a seguir).

Muito embora esses corpos rochosos, fixos ou rolados, predominem nas vertentes, são também encontrados nos topos das elevações, nas partes inferiores das encostas ou ainda em regiões baixas e planas com destaque na paisagem (Fotos 2, 17, 33, 45). Frequentemente apresentam estruturas cavernícolas, constituindo abrigos sob rochas, ou superfícies de exposição planas, encurvadas ou algo onduladas internas as cavidades ou situadas a céu aberto (Foto 47).

⁶³ Resultam de erosão e intemperismo de rochas. Formas com tendência ao arredondamento. Alguns autores aplicam o termo "matacão" para fragmentos de rochas destacados ou deslocados, outros consideram a formação sem deslocamento (*in situ*).

⁶⁴ Peri-Peri I e II, Sítio do Barbado, Pedra da Buquinha I e II, Pedra do Chapéu e Pedra do Caboclo.

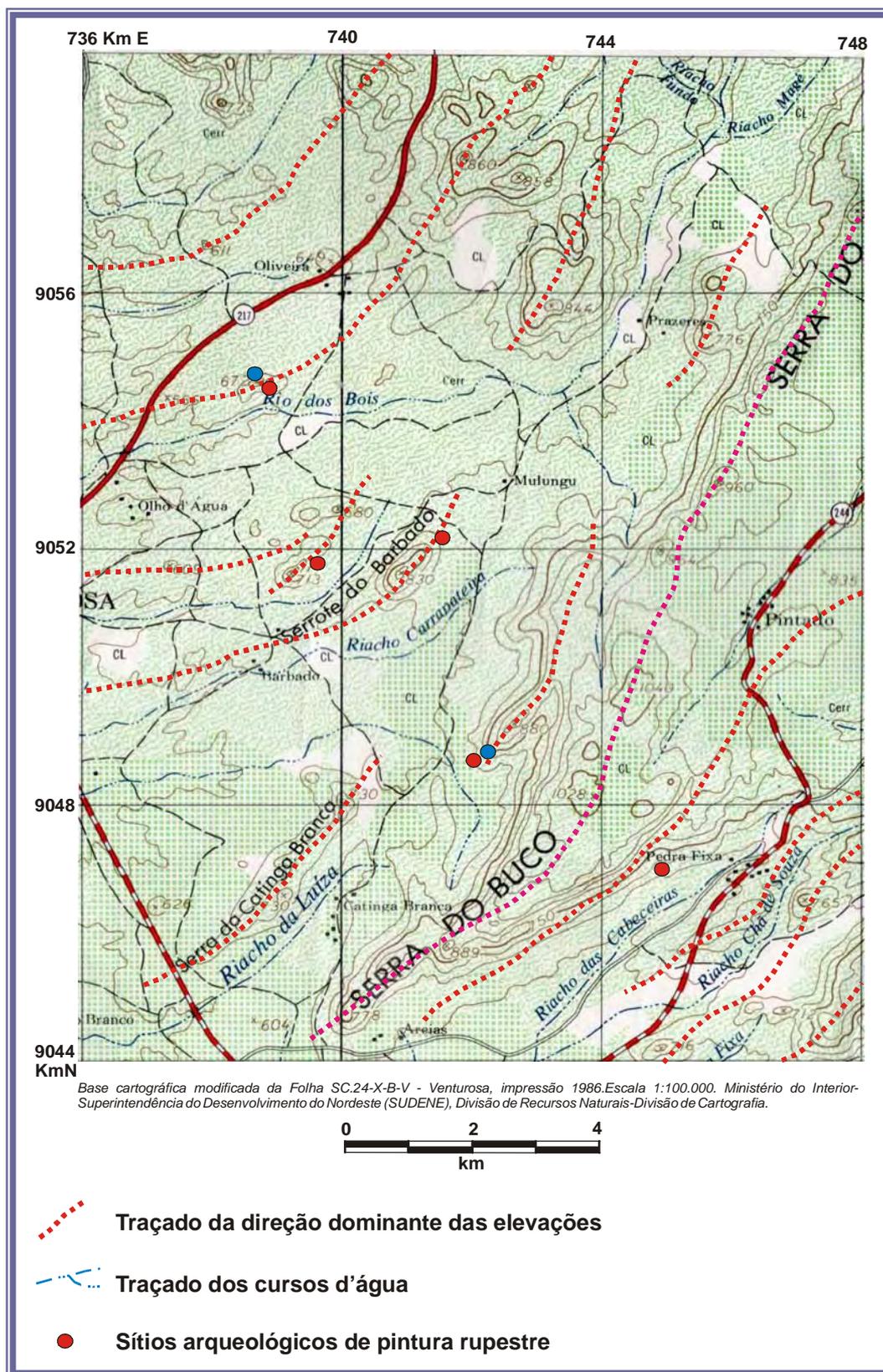


Figura 4 - Orografia e hidrografia orientadas na direção nordeste-sudoeste. Região leste de Venturosa-PE.

Essas estruturas cavernícolas são decorrentes de processos naturais de erosão e intemperismo que atuam ao longo das estruturas planares (gnaissificação⁶⁵, fendas) nas superfícies expostas das rochas, bem como em arestas e vértices de blocos originalmente angulosos.

As fraturas nas rochas representam superfícies de fraquezas de modo que uma porção da rocha pode desabar por razão do seu peso. Nas condições em que planos de descontinuidades – como fendas e gnaissificação – apresentam declividades medianas (da ordem de 20° a 40°), as estruturas de abrigo são mais possantes e resultam, sobretudo, de tombamentos de blocos do teto por ação da gravidade em combinação com processos de alteração (intemperismo químico) ao longo desses planos. Outro aspecto importante, na formação dos abrigos sob rocha, é a variação térmica que, em associação com as alterações químicas exercidas sobre as rochas, tendem a modelar formas arredondadas (esfoliação esferoidal) e superfícies de exposição, na maioria das vezes de contextura lisa e polida. Na figura 6 é demonstrada, esquematicamente e de maneira simplificada, a formação de estrutura cavernícola mediante tombamento de blocos. Como referido acima, no processo participam variações térmicas, alterações químicas de minerais agindo na superfície da rocha, ao longo de fendas e da gnaissificação. O resultado é a instabilidade de partes do matacão com desmoronamento de blocos os quais são geralmente observados no piso dos abrigos (Foto 10).

Os processos intempéricos interferem de modo contundente nos painéis rupestres dos sítios arqueológicos. Existem esfoliações nas rochas dos abrigos, nos paredões a céu aberto que comprometem diretamente os painéis rupestres, uma vez que, com a descamação das porções mais externas da rocha, as pinturas que as sobrepõem são parcial ou fortemente destruídas. Esse processo é generalizado nos três municípios estudados, sendo mais intenso nas rochas da região de Catimbau. Neste último caso, a natureza das rochas tem papel essencial para que ocorra a degradação das pinturas por descamação e/ou por dissolução por águas pluviais (Fotos 11 A, B e C) e eventualmente por ação eólica.

⁶⁵ Estrutura planar desenvolvida por metamorfismo e deformação de rochas.

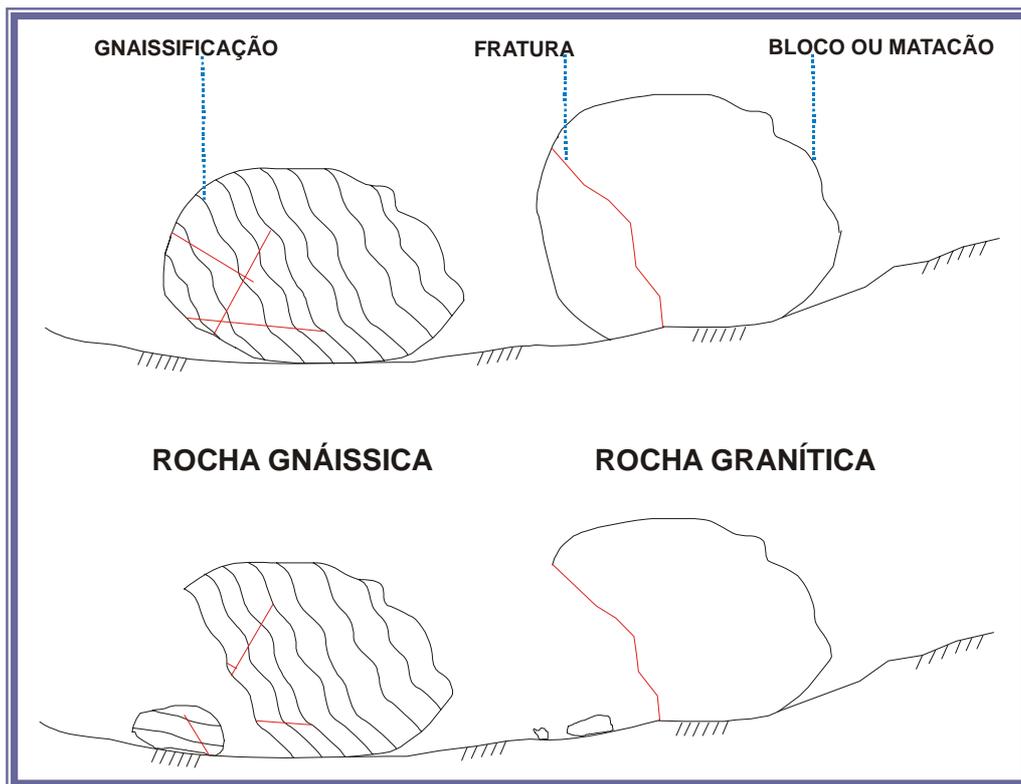


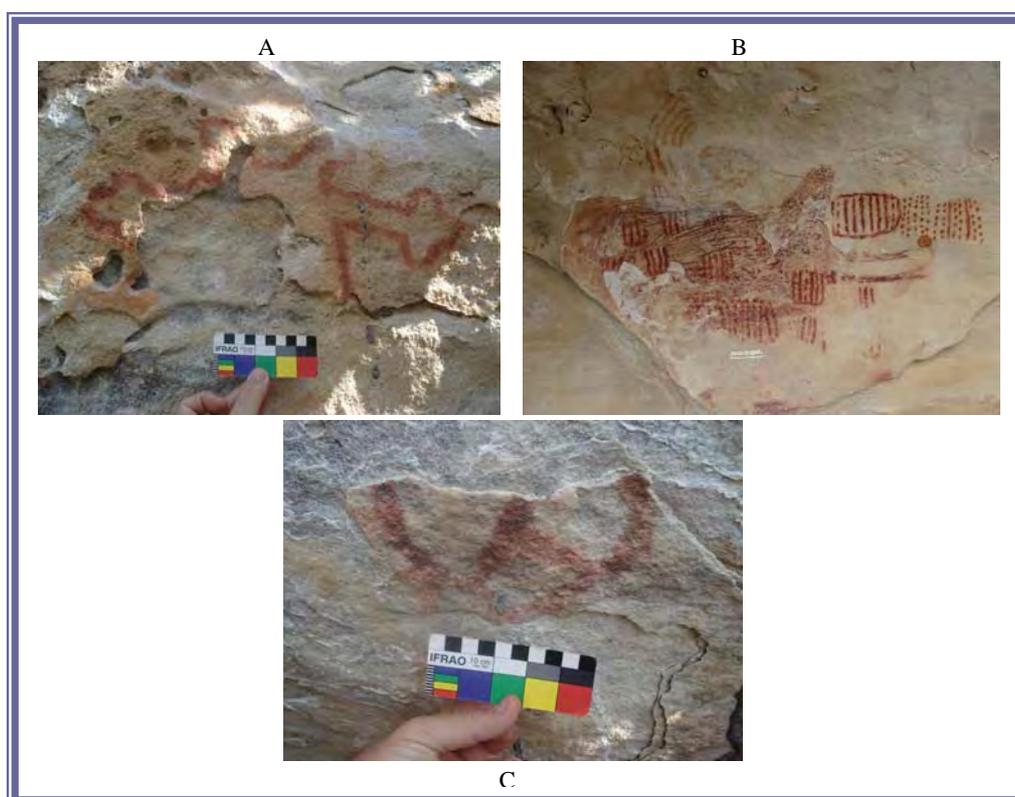
Figura 6 - Esquema explicativo do processo de formação de abrigos em matacões através de estruturas planares (fendas e gnaissificação).



Foto 10 - Esfoliação esferoidal e conjunto de fraturas no matacão do sítio de Peri-Peri I. Notar blocos no piso do abrigo. Venturosa-PE. Fonte: Marília Perazzo.

Em contrapartida ao conjunto dessas estruturas (matacões, gnaissificação, fendas), que resultaram em abrigos e paredões favoráveis a ocupação pelos grupos de caçadores-coletores, há de se mencionar a presença de fontes d'água (bicas ou olhos-d'água) nas proximidades dos sítios (Foto 12). Essas fontes se relacionam ao acúmulo de água nas fendas das rochas e que podem ser perenes ou não. Entretanto, eventualmente foram encontrados os "cacimbões" ou "caldeirões", os quais são tão freqüentes nos terrenos Pré-cambrianos do Nordeste Brasileiro. Pelos tipos litológicos encontrados e as freqüentes fendas nas rochas, certamente que devem ocorrer em vários locais da região de Venturosa-Pedra.

Complementarmente aos aspectos essencialmente de natureza geológica-geomorfológica (morfoestrutura e morfoescultura), a cobertura vegetal mais exuberante e variada ocupa os espaços de maior umidade retida no terreno por mais tempo. Esses espaços são principalmente as regiões de vertentes com solo razoavelmente desenvolvido e os locais de baixadas. Nas encostas de rochas aflorantes ou nos topos das elevações, a vegetação torna-se mais rarefeita.



Fotos 11 A-B-C - Ilustrações da degradação de grafismos rupestres por dissolução e descamação em arenitos. Catimbau-PE. Fonte: Marília Perazzo.

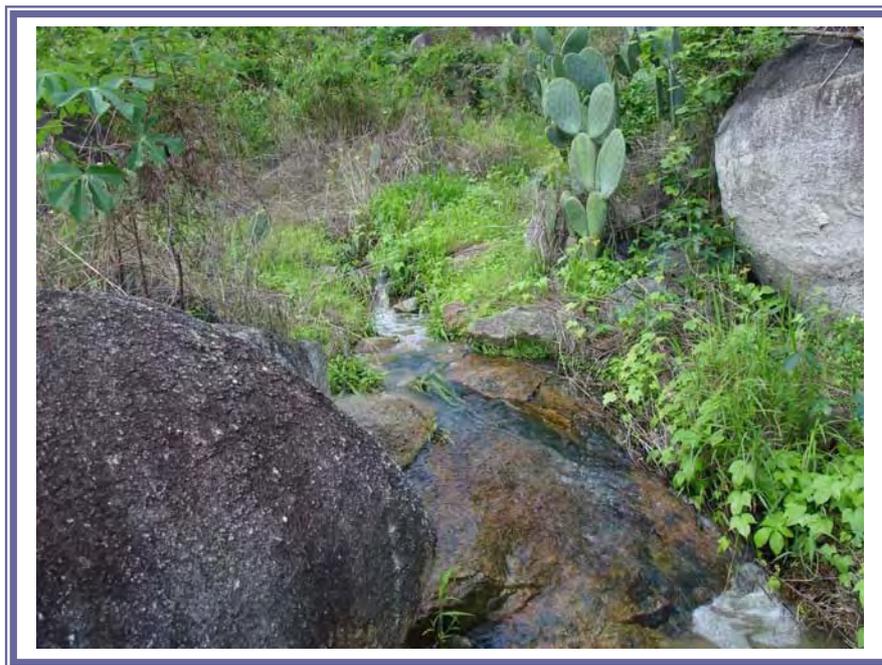


Foto 12 - Filete d'água proveniente de fonte em fendas na encosta sudeste da Serra do Buco. Sítio Pedra do Chapéu. Observação em março de 2007. Fonte: Ricardo Pessôa.

No domínio Catimbau, por circunstâncias geológicas, com respostas morfoesculturais da paisagem de relevo, as posições e distribuições, geometrias, dimensões e freqüências de estruturas cavernícolas e outras de importância arqueológica, contrastam com o cenário observado no domínio de Venturosa-Pedra.

Por um lado, em toda a seqüência de arenitos aflorantes na região, a estratificação é regionalmente horizontal porém com freqüentes "sets" de estratificação cruzada. Por outro lado, ocorrem níveis ou horizontes estratigráficos composicionalmente e texturalmente (composição mineralógica, variação granulométrica) diferenciados os quais têm menor resistência aos agentes de erosão e intemperismo (decomposição química, desagregação). Completa o quadro a presença comum de fendas oblíquas e empinadas em relação aos estratos.

É neste conjunto de fatores que se desenvolveram as estruturas em abrigo e paredões côncavos a céu aberto. Tais estruturas se encontram nas encostas escarpadas em pontos elevados ou ao nível do solo e nas paredes verticais de "morros testemunhos" (Fotos 5, 13, 14).



Foto 13 - Relações entre fendas e estratificação como elementos primários na formação de estruturas cavernícolas. Indicações das setas: Vermelhas, fendas oblíquas à estratificação; Brancas, "set" de estratificação cruzada; Amarela, estratificação horizontal dominante. Primeiro plano à esquerda, sítio Homem sem cabeça; ao fundo, sítio Serrinha. Catimbau-PE. Fonte: Ricardo Pessoa.

Na foto 15, está representado um excelente exemplo da formação de estruturas cavernícolas pela concorrência de fatores como estratificação horizontal, estratificação cruzada e variações de resistência aos agentes de erosão e intemperismo. As estruturas estão na escala de dimensões centimétricas, entretanto pode-se observar que mantêm morfologias similares aquelas de dimensões métricas dos abrigos. A recorrência, em diversas escalas de tamanhos, é um fenômeno comum na natureza e explicado por seguir a lei dos fractais.

Em face do relevo e natureza litológica, fontes d'água são esperadas ocorrerem nos locais escapados, nas nascentes de riachos e mais preferencialmente nos níveis topográficos de sopé das elevações como é o caso da fonte registrada no sítio Toca do João (Foto 16).

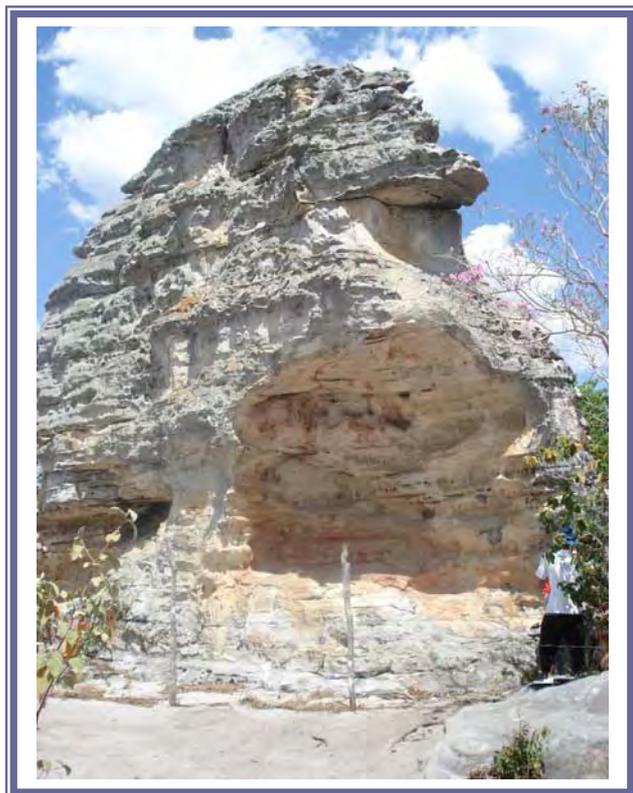


Foto 14 - "Morro testemunho" com paredão côncavo. Sítio Concha I. Catimbau-PE. Fonte: Marília Pezzzo.

Foto 15 - Relações entre estratificação horizontal, cruzada e variações composicionais na formação de estruturas cavernícolas de dimensões centimétricas. Morfologias idênticas, em qualquer escala, podem ser explicadas pela lei geométrica dos fractais. Setas: Brancas, morfologias cavernícolas; Vermelha, estratificação cruzada; Azul, estratificação horizontal. Sítio Dedo de Deus I. Catimbau-PE. Fonte: Ricardo Pessôa.

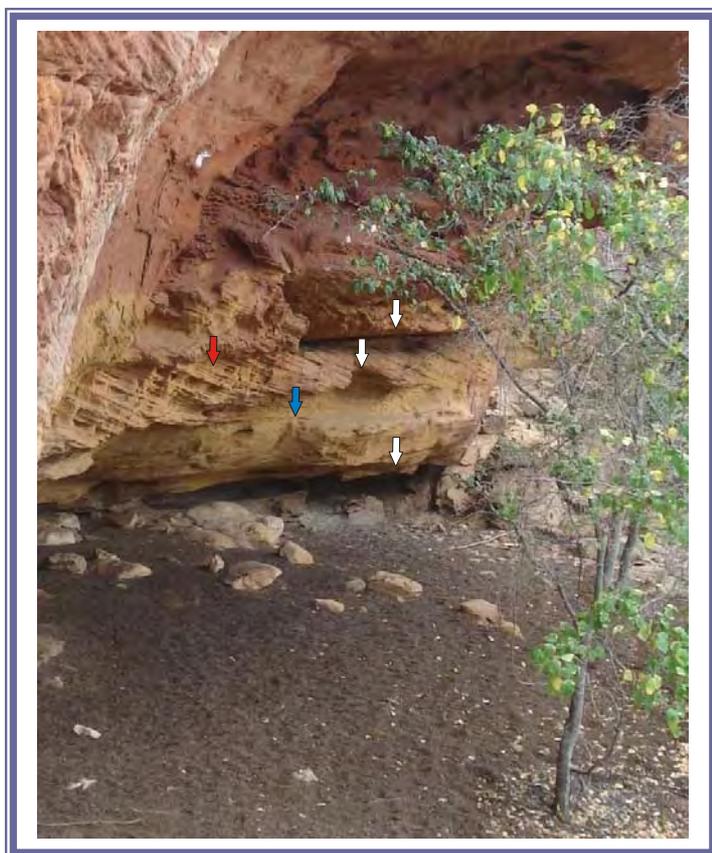




Foto 16 - Córrego oriundo de descarga d'água de fonte situada no sopé da Serra de Jerusalém. A estrutura em tijolos destina-se a captação da água por morador da localidade. Sítio Toca do João. Catimbau-PE. Fonte: Ricardo Pessôa.

4.2 Análise Espacial dos Sítios Arqueológicos

A estruturação da geopaisagem, discutida na seção precedente e sobretudo considerando os seus aspectos físicos, se constitui em um suporte importante para o entendimento da distribuição espacial dos sítios arqueológicos.

A paisagem natural é um sistema amplo e complexo, envolvendo os aspectos de subsistemas físico, biótico (flora e fauna) e, no tema desta dissertação, o homem dependente desses subsistemas. Neste sentido, a distribuição espacial dos sítios arqueológicos pode ser lida como a ocupação ou apropriação do espaço como sistema produtor-fornecedor de recursos às necessidades dos grupos humanos que habitavam a região.

Os elementos do espaço físico e biótico, como abrigos, painéis rochosos, flora e fauna, estão arranjados em decorrência de fatores geológicos-geomorfológicos, constituindo, na totalidade, a geopaisagem.

Com base no número de sítios de pinturas rupestres estudados (Tabela 1, Figura 5), o modo de ocupação da paisagem demonstra diferenciação nos dois domínios ou unidades de geopaisagem anteriormente definidos.

Dos 25 sítios pesquisados, cerca de 56% correspondem a abrigos sob rocha, sendo 6 abrigos na região de Venturosa, 1 em Pedra e 7 em Catimbau.

Na região de Venturosa-Pedra, os sítios seguem um posicionamento grosseiramente linear de orientação noroeste-sudeste, portanto transversalmente as direções orográficas e hidrográficas dominantes na região (Figuras 4, 5, 7). Embora não se possa afirmar, face ao número reduzido de sítios, admite-se que esta distribuição reflete a maneira na qual se encontra todo um conjunto de recursos naturais como abrigos sob rocha, outras exposições de rochas para a prática do grafismo, caça-coleta e fontes d'água. Supõe-se, também, que esta distribuição dos sítios se relacione aos trajetos para outros locais, sempre a busca dos espaços produtores-fornecedores de recursos.

As figuras 7, 8, 9 e 10 ilustram a correlação entre a distribuição espacial dos sítios e os elementos da paisagem física. No perfil da figura 8, pode-se notar que os sítios se posicionam nas encostas das elevações e próximos aos cursos d'água ou fontes de água. As cotas altimétricas se situam entorno de 650 m a 700m. Nessas cotas, os matacões não apenas são mais abundantes como mais próximos aos suprimentos de água. As figuras 9 e 10 são representações em 3D da região de Venturosa destacando as posições de sítios em relação às formas de relevo.

No domínio Catimbau, é oportuno rever alguns aspectos geológicos pertinentes às presenças de estruturas cavernícolas que se caracterizam como abrigos sob rocha e exposições de superfícies rochosas identificadas para a prática de grafismo.

Em decorrência do posicionamento horizontal da estratificação, de toda a seqüência de arenitos da Formação Tacaratu, as exposições de arenitos ocupam extensa área e os processos de modelado do relevo esculpturaram formas singulares, distintas do domínio Venturosa-Pedra.

Tabela 1 – Relação dos Sítios Arqueológicos Estudados

LOCALIDADE – MUNICÍPIO – NOME DO SÍTIO		LOCALIDADE – PROPRIETÁRIO DA TERRA	COORDENADAS ⁽¹⁾		UTM (m) ⁽²⁾		COTAS (m)
CATIMBAU - BUIQUE							
01	Homem sem Cabeça	Cânion	8° 31' 30,2"	37° 14' 41,5"	693.196	9.057.210	950 a 940
02	Serrinha	Cânion-Serra Branca	8° 31' 30,6"	37° 14' 40,9"	693.214	9.057.194	950 a 940
03	Sítio do Veado	Brejo de São José - Cânion	8° 32' 01,7"	37° 14' 37,2"	693.345	9.056.276	850
04	Furtoso II	Sítio Lagoa do Mato - José Bezerra (Zé Pequeno)	8° 32' 31,5"	37° 15' 43,5"	691.291	9.055.332	900 a 850
05	Serra Branca	Sítio Arcoverde - Antônio Ramos	8° 32' 36,2"	37° 14' 36,8"	693.331	9.055.178	900
06	Pedra da Concha I	Sítio Aparecida - Dioclecio	8° 33' 24,1"	37° 14' 54,4"	692.789	9.053.712	850
07	Pedra da Concha II	Sítio Aparecida - Dioclecio	8° 33' 22,8"	37° 14' 46,2"	693.037	9.053.748	850
08	Sítio Pititi	Sítio do Pititi - Manoel Siqueira	8° 33' 27,8"	37° 14' 32,3"	693.479	9.053.610	850
09	Toca do João	Serra de Jerusalém - Francisco Araújo	8° 35' 18,3"	37° 14' 31,3"	693.476	9.050.198	770
10	Casa de Farinha	Sítio do Pititi - Manoel Siqueira	8° 33' 25,7"	37° 13' 38,5"	694.483	9.053.652	850
11	Caiana	Brejo de S. José	8° 32' 55,5"	37° 13' 55,3"	694.597	9.054.580	900
12	Alcobaça	Fazenda. Serrote Preto - José Maria dos Santos	8° 32' 23,8"	37° 11' 38,5"	698.786	9.055.534	750
13	Dedos de Deus I	Fz. Serrote Preto - José M. dos Santos	8° 32' 13,3"	37° 11' 31,7"	698.995	9.055.856	780
14	Dedos de Deus II	Fz. Serrote Preto - José M. dos Santos	8° 32' 13,9"	37° 11' 30,1"	699.044	9.055.838	780

MUNICÍPIO – NOME DO SÍTIO		LOCALIDADE – PROPRIETÁRIO DA TERRA	COORDENADAS ⁽¹⁾		UTM (m) ⁽²⁾		COTAS (m)
PEDRA							
01	Pedra Redonda	Fz. Pedra Redonda- João Carlos	8° 44' 07,3"	36° 48' 25,2"	741.280	9.033.694	550
02	Pedra do Caboclo	Fz. Pedra do Caboclo- Levi Vaz	8° 42' 25,2"	36° 53' 00,9"	732.868	9.036.880	600
03	Poço da Figura	Fz. Cachoeirinha- Paulo da Silva	8° 44' 31,4"	36° 49' 12,4"	739.833	9.032.962	540 a 530
04	Prata	Fz. Prata-Serrote do Bucu - Pedro Galvão	8° 41' 23,7"	36° 51' 46,6"	735.151	9.038.756	650 a 600

MUNICÍPIO – NOME DO SÍTIO		LOCALIDADE – PROPRIETÁRIO DA TERRA	COORDENADAS ⁽¹⁾		UTM (m) ⁽²⁾		COTAS (m)
VENTUROSA							
01	Pedra Furada	Fz. Goiabeira-Serrote da Pedra Furada	8° 34' 22,5"	36° 49' 34,2"	739.273	9.051.678	700 a 680
02	Peri-Peri I	Fz. Oliveira-Paulo Tenório	8° 32' 42,8"	36° 50' 02,5"	738.425	9.054.746	680 a 650
03	Peri-Peri II	Fz. Oliveira-Paulo Tenório	8° 32' 43,6"	36° 49' 59,6"	738.513	9.054.722	680 a 650
04	Pedra da Buquinha I	Boqueirão- Gedeão Galindo	8° 35' 54,5"	36° 48' 09,5"	741.848	9.048.836	700 a 650
05	Pedra da Buquinha II	Boqueirão - Gedeão Galindo	8° 35' 53"	36° 48' 06,1"	741.952	9.048.880	700 a 650
06	Pedra do Chapéu ou Pedra do Letreiro	Morro do Chapéu	8° 36' 49,9"	36° 46' 33,0"	744.790	9.047.116	680 a 650
07	Sítio do Barbado	Sítio do Barbado - José Zacarias.	8° 33' 58,1"	36° 48' 27,0"	741.333	9.052.416	700 a 650

⁽¹⁾ Datum Córrego Alegre-MG. ⁽²⁾ Formato da posição UTM UPS, Datum de Mapa Córrego Alegre-MG.

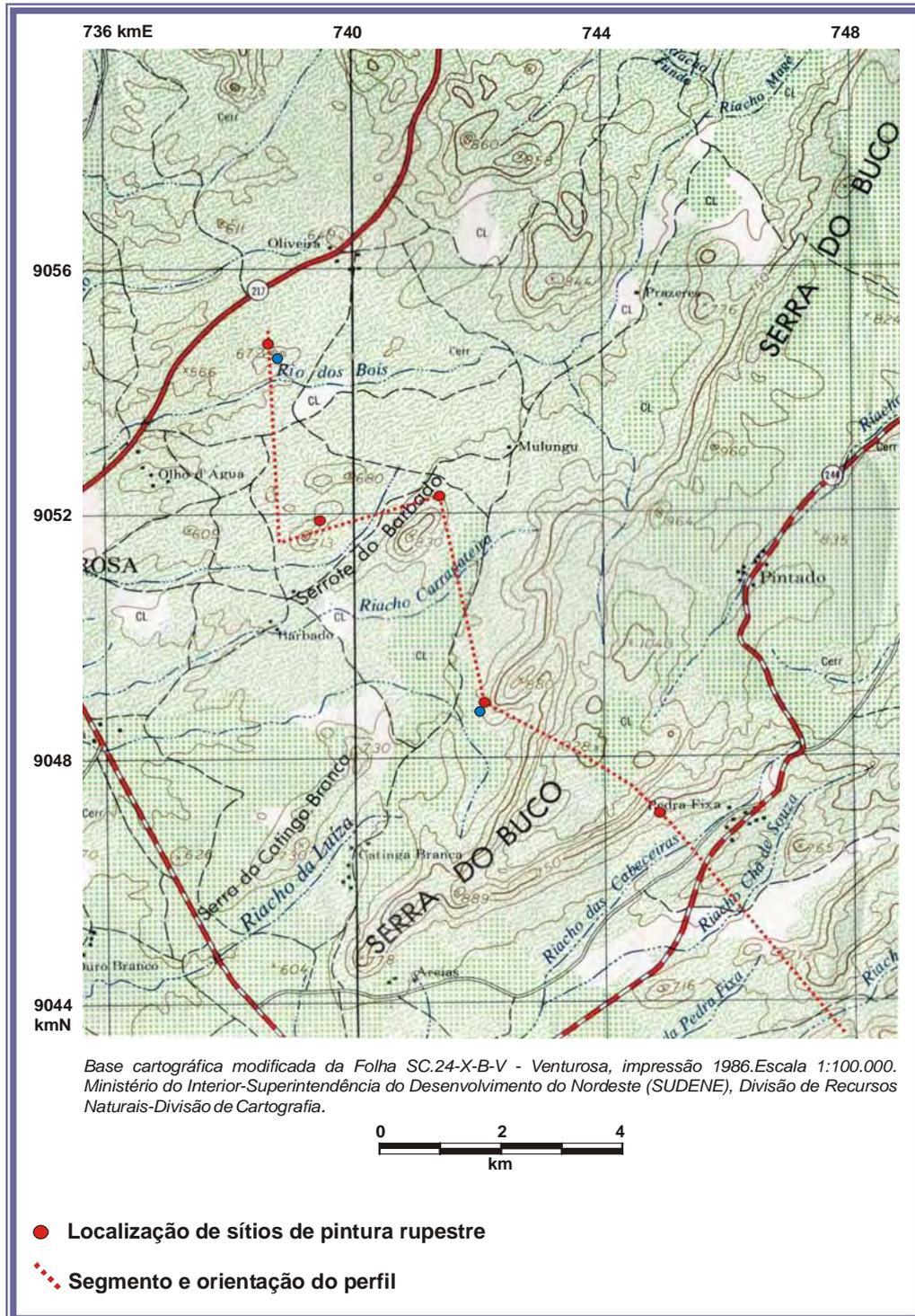


Figura 7 - Trecho leste da folha Venturosa com indicação do segmento do perfil morfológico representado na figura 8.

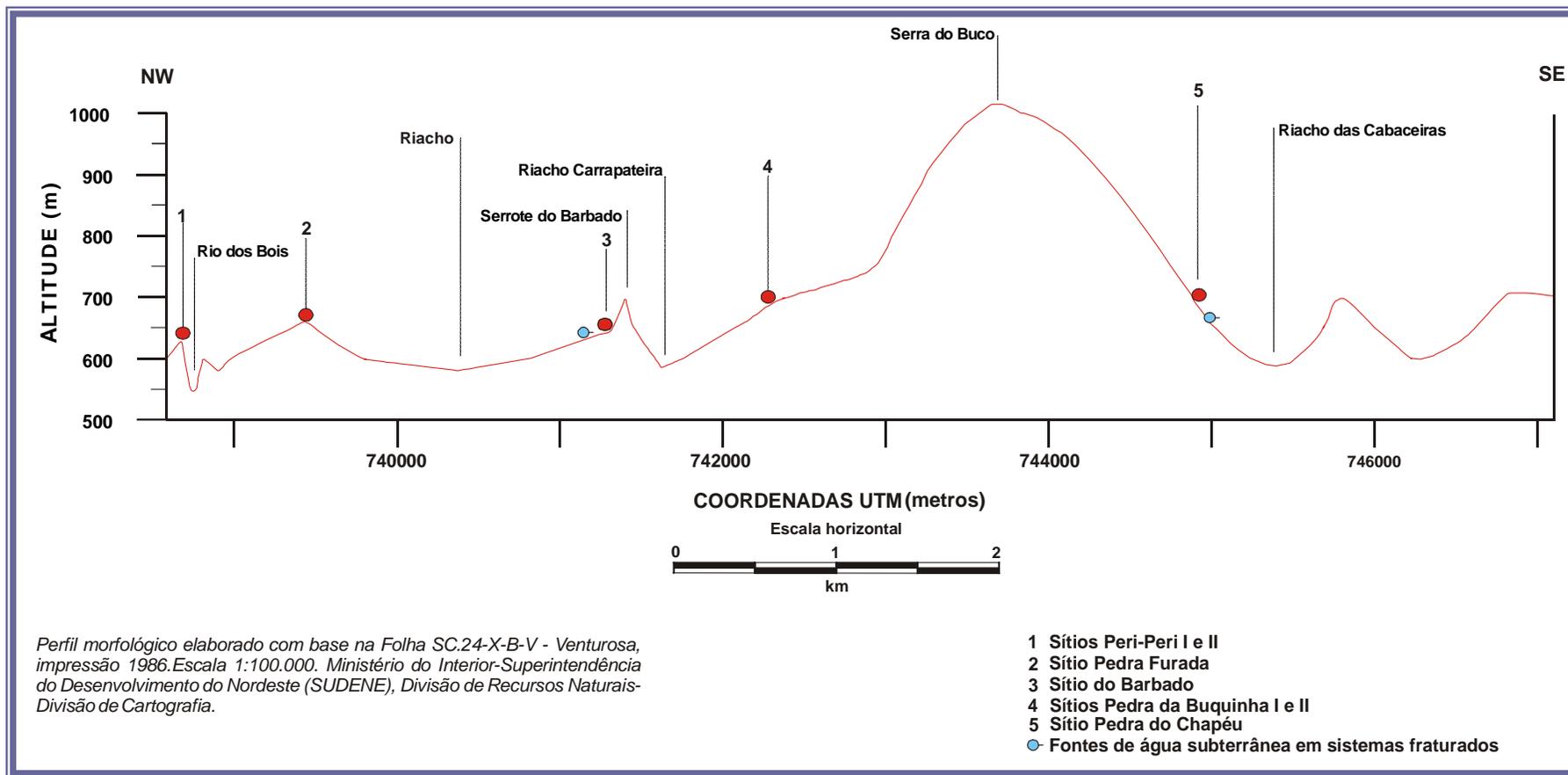


Figura 8 - Representação em perfil da posição de sítios de pintura rupestre em relação aos acidentes fisiográficos. Região leste de Venturosa.

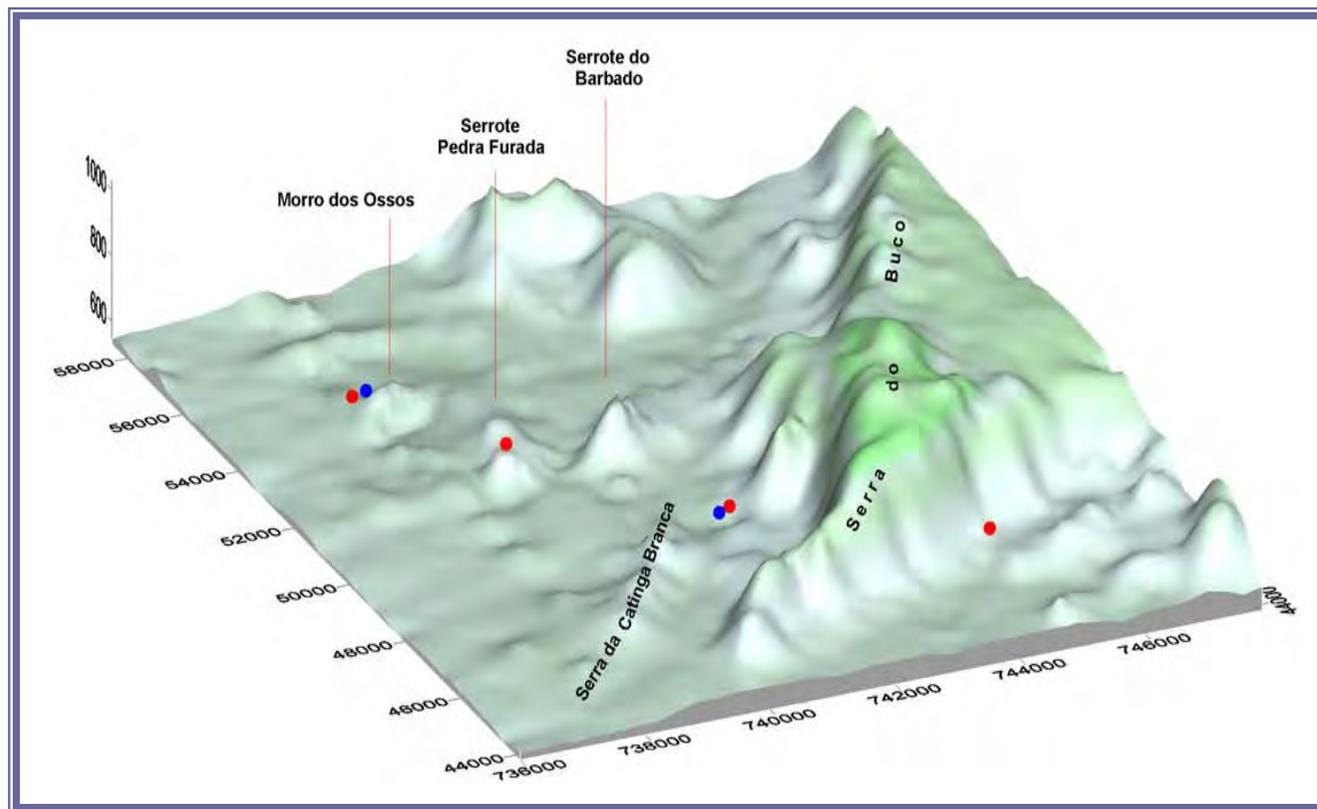


Figura 9 - Modelamento 3D de parte da região leste de Venturosa. Círculos em azul e vermelho representam os sítios arqueológicos de pintura rupestre. Observador olhando para nordeste.

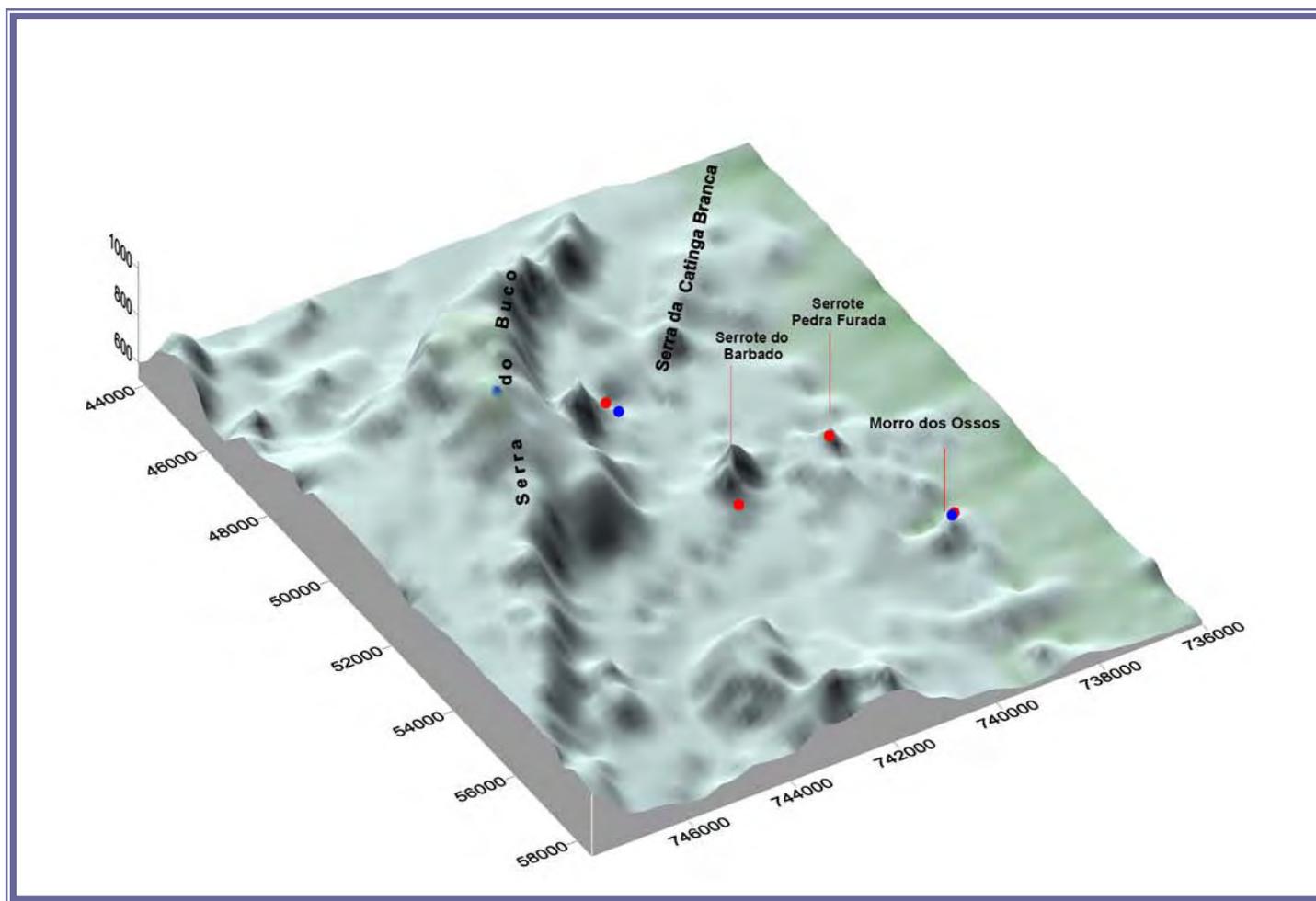


Figura 10 - Modelamento 3D de parte da região leste de Venturosa. Círculos em azul e vermelho representam os sítios arqueológicos de pintura rupestre. Observador olhando para sudoeste.

Os processos de modelado do relevo definiram posições no relevo, formas e dimensões das estruturas cavernícolas e superfícies rochosas como, por exemplo, nos sítios arqueológicos Concha I e II (Fotos 14, 82). De todos os sítios examinados e constituindo estruturas em abrigo, essas cavidades se encontram em bordas das encostas íngremes (escarpadas; como no sítio Toca do João), nas vertentes do cânion ou "em morros testemunhos" (Fotos 5, 13, 14, 58, 82).

No espaço geográfico, onde dominam os sítios arqueológicos estudados, cerca de 93 % se distribuem aproximadamente no entorno do cânion de Catimbau, sendo a exceção o sítio Toca do João. Essa distribuição tem uma conformação média aproximada de uma curva de concavidade voltada para o cânion (Figura 11). Identifica-se, também, que 86 % dos sítios estão nas vizinhanças de riachos e apenas dois (sítios do Veado e Caiana) se localizam a cerca de 400 metros a 1 km do riacho mais próximo (Figura 11). Embora esses cursos d'água sejam intermitentes, supõe-se da existência de fontes (ou bicas) em suas proximidades ou que o suprimento deste recurso se encontre no sopé da escapa do cânion ou no vale, onde estão os riachos do Brejo e Salgado. No caso do sítio Toca do João, além de ser um abrigo sob rocha, existe uma fonte como mostrada na Foto 16. Além desses aspectos, nos vales a flora é mais densa e diversificada enquanto que nos topos das serras a vegetação de caatinga é, em geral, menos densa (Fotos 5, 6, 58, 96).

No que diz respeito às cotas altimétricas de posição dos sítios, observa-se uma diferença da ordem de 200 m, sendo o sítio mais elevado no terreno com cota aproximada de 940 m e o de cota mais baixa no entorno de 750 m (Tabela 1, Figuras 12, 13). Essas diferenças na altimetria podem ser atribuídas às variações de resistibilidade das camadas de arenito, quando da atuação dos processos de erosão-intemperismo na construção de estruturas cavernícolas e/ou superfícies de exposição (ao modo de painéis). As figuras 14 e 15 são representações em 3D da região norte de Catimbau destacando as posições de alguns sítios arqueológicos em relação às formas de relevo.

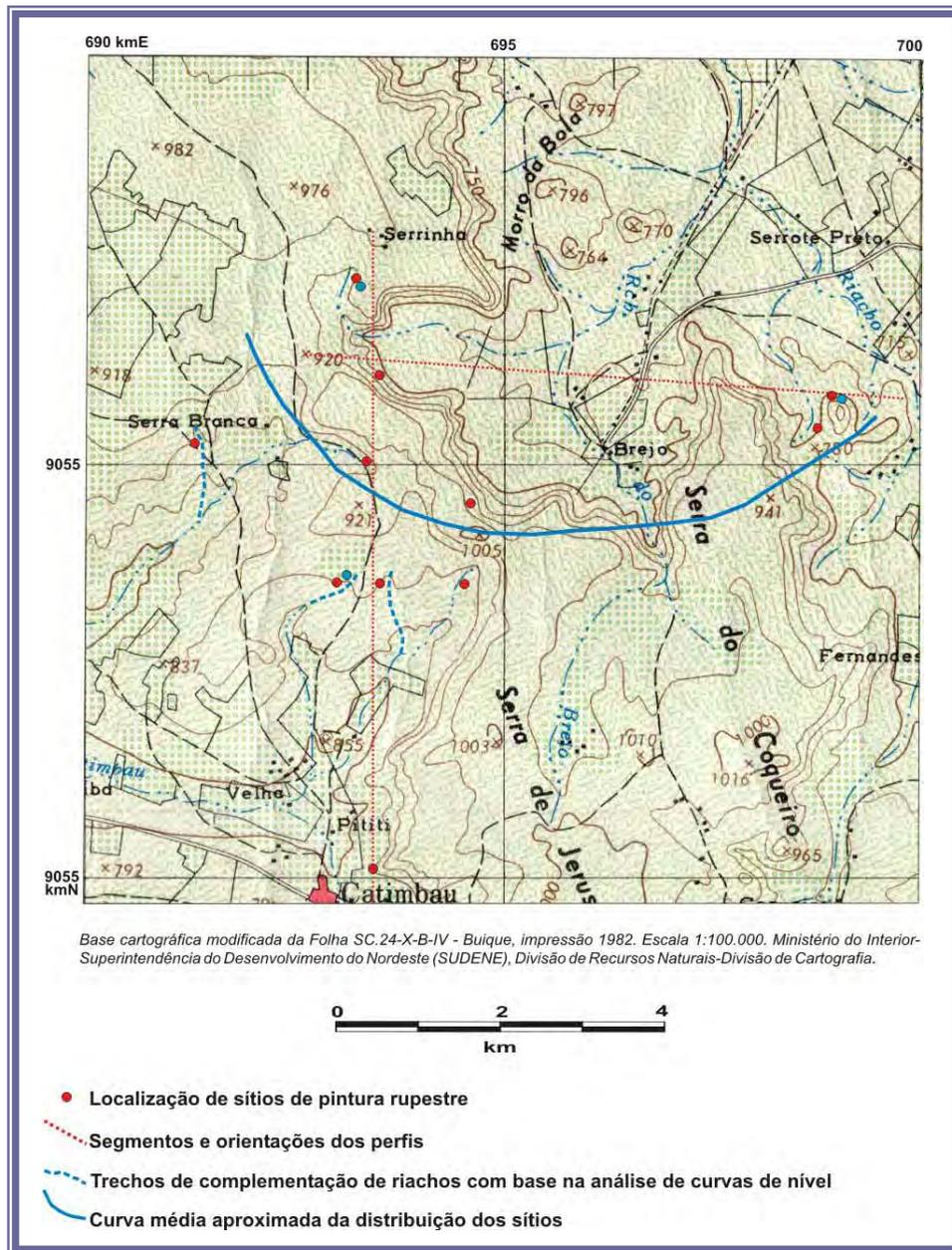


Figura 11 - Trecho norte de Catimbau ilustrando a distribuição de sítios de pintura rupestre e os segmentos dos perfis representados nas figuras 12 e 13.

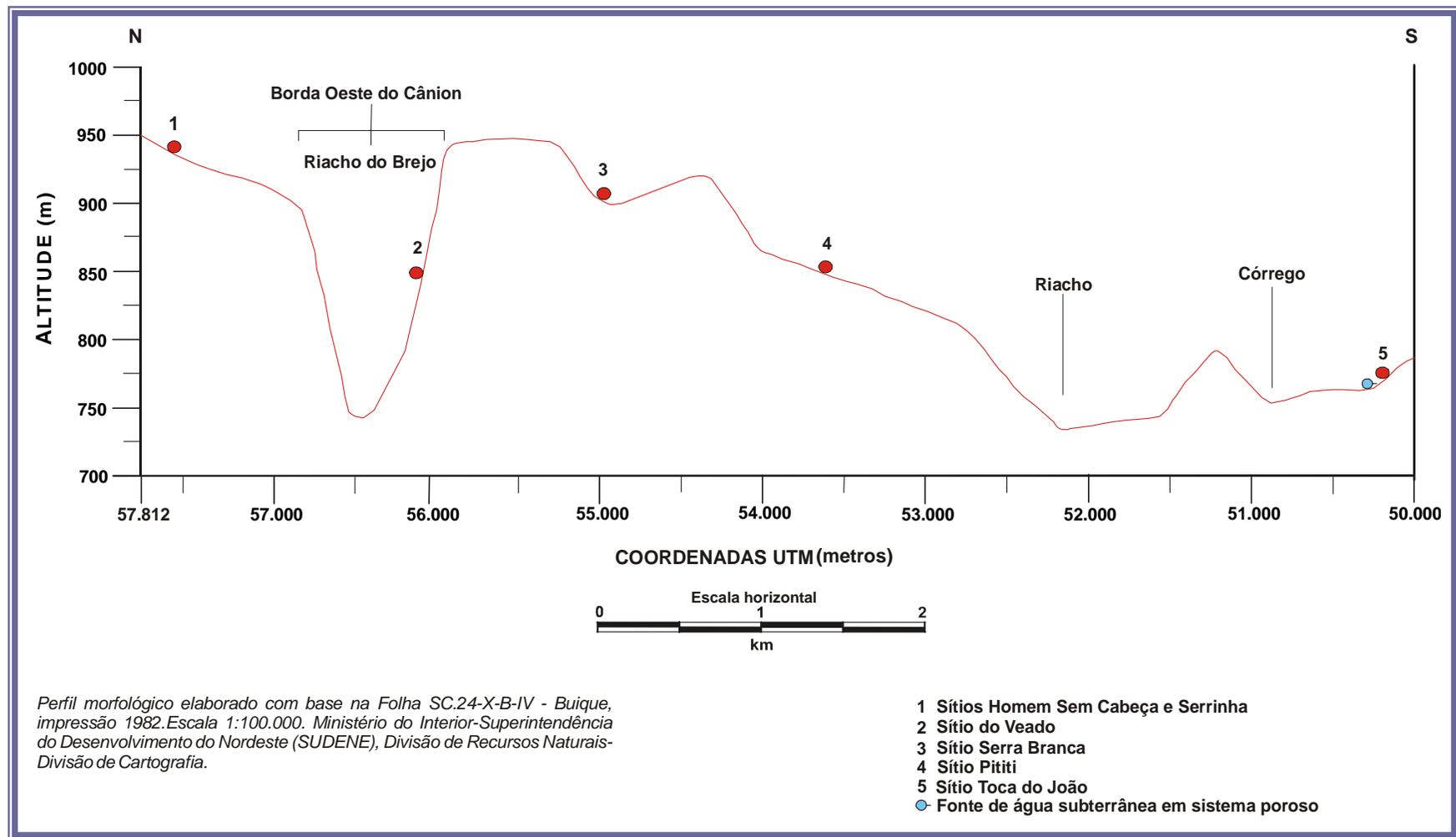


Figura 12 - Representação em perfil N-S da posição de sítios de pintura rupestre em relação aos acidentes fisiográficos. Região norte de Catimbau.

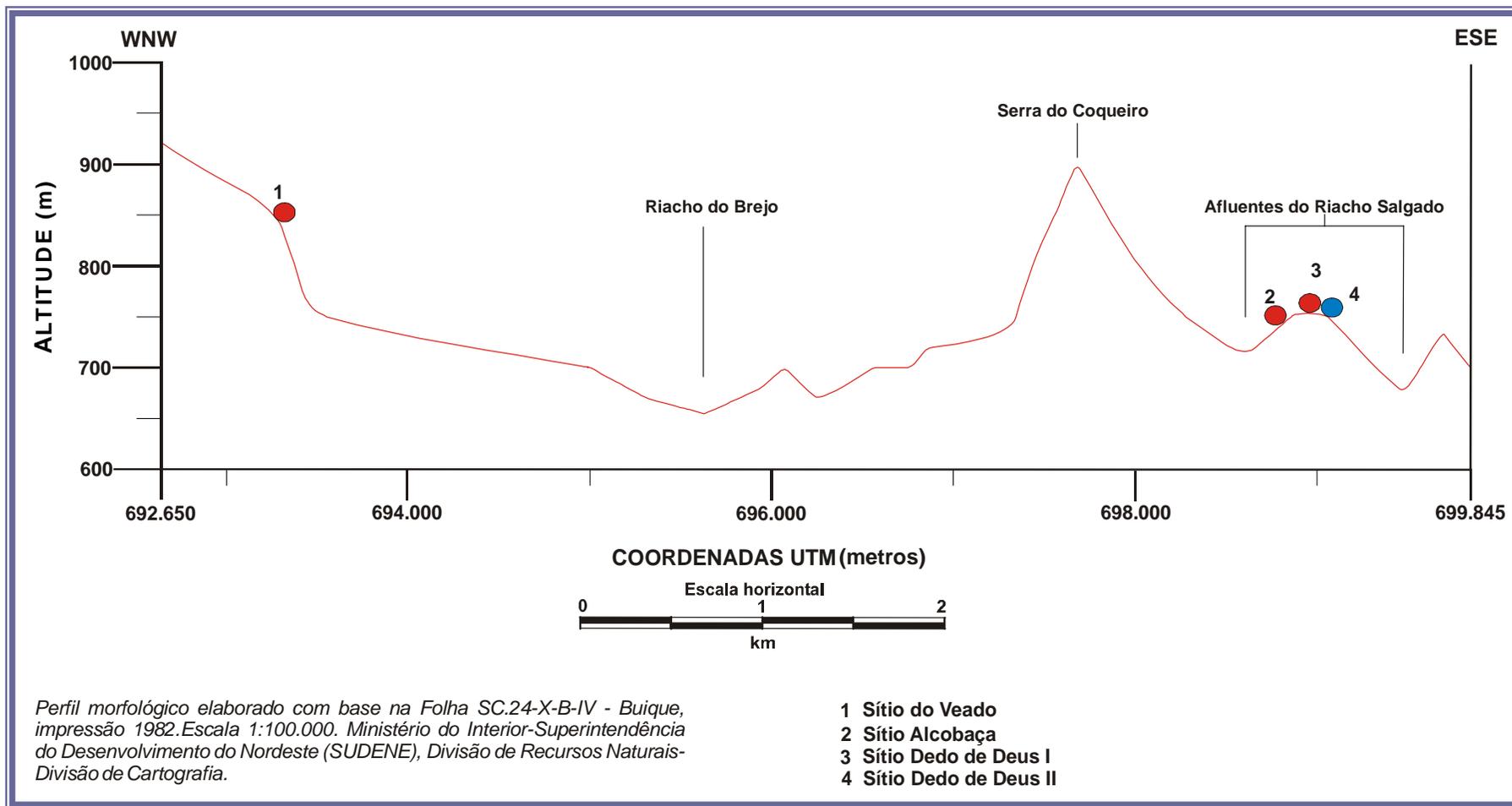


Figura 13 - Representação em perfil WNW-ESE da posição de sítios de pintura rupestre em relação aos acidentes fisiográficos. Região norte de Ca-timbau.

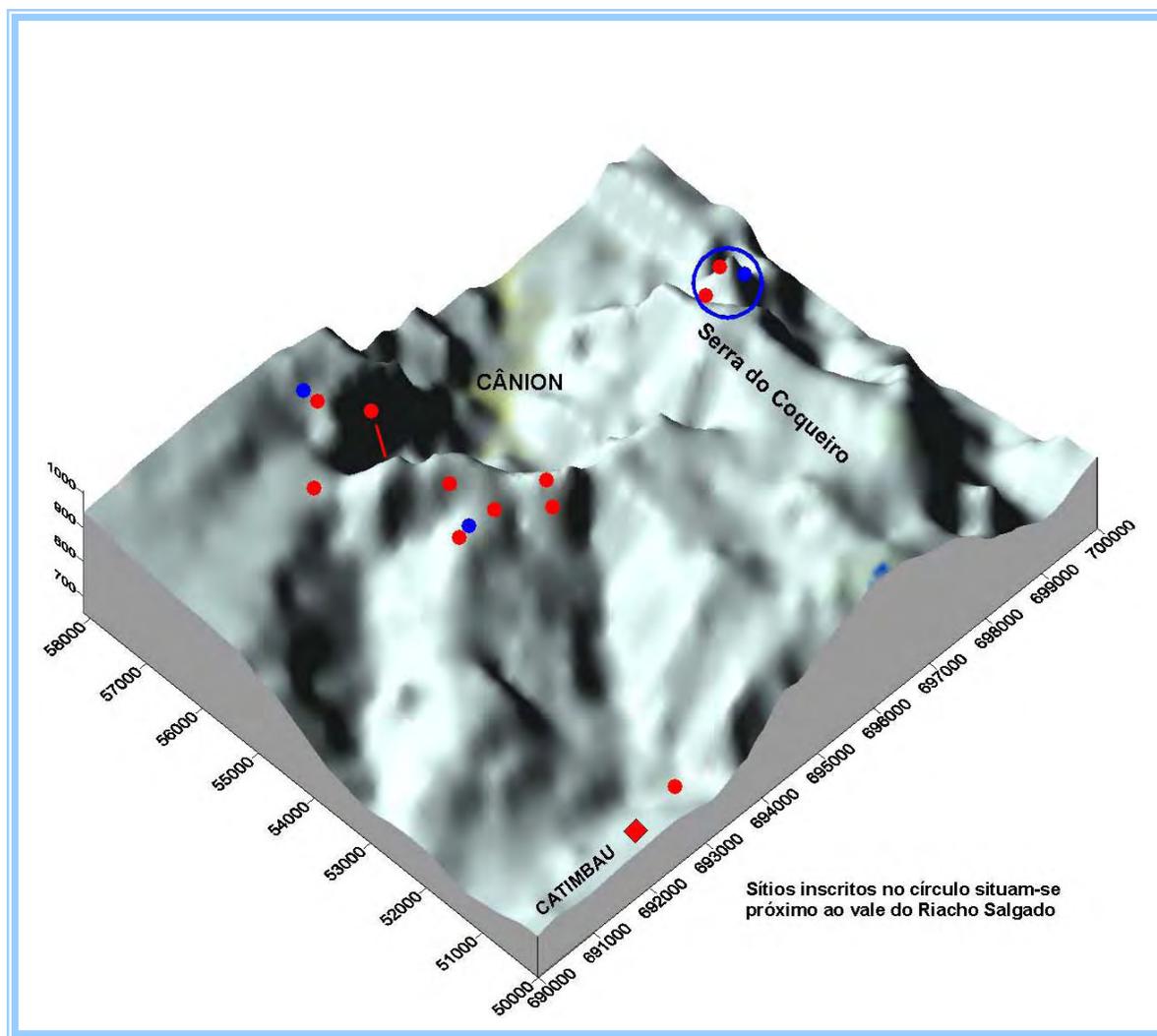


Figura 14 - Modelamento 3D da região norte de Catimbau mostrando distribuição dos sítios arqueológicos de pintura rupestre. Observador olhando para nordeste.

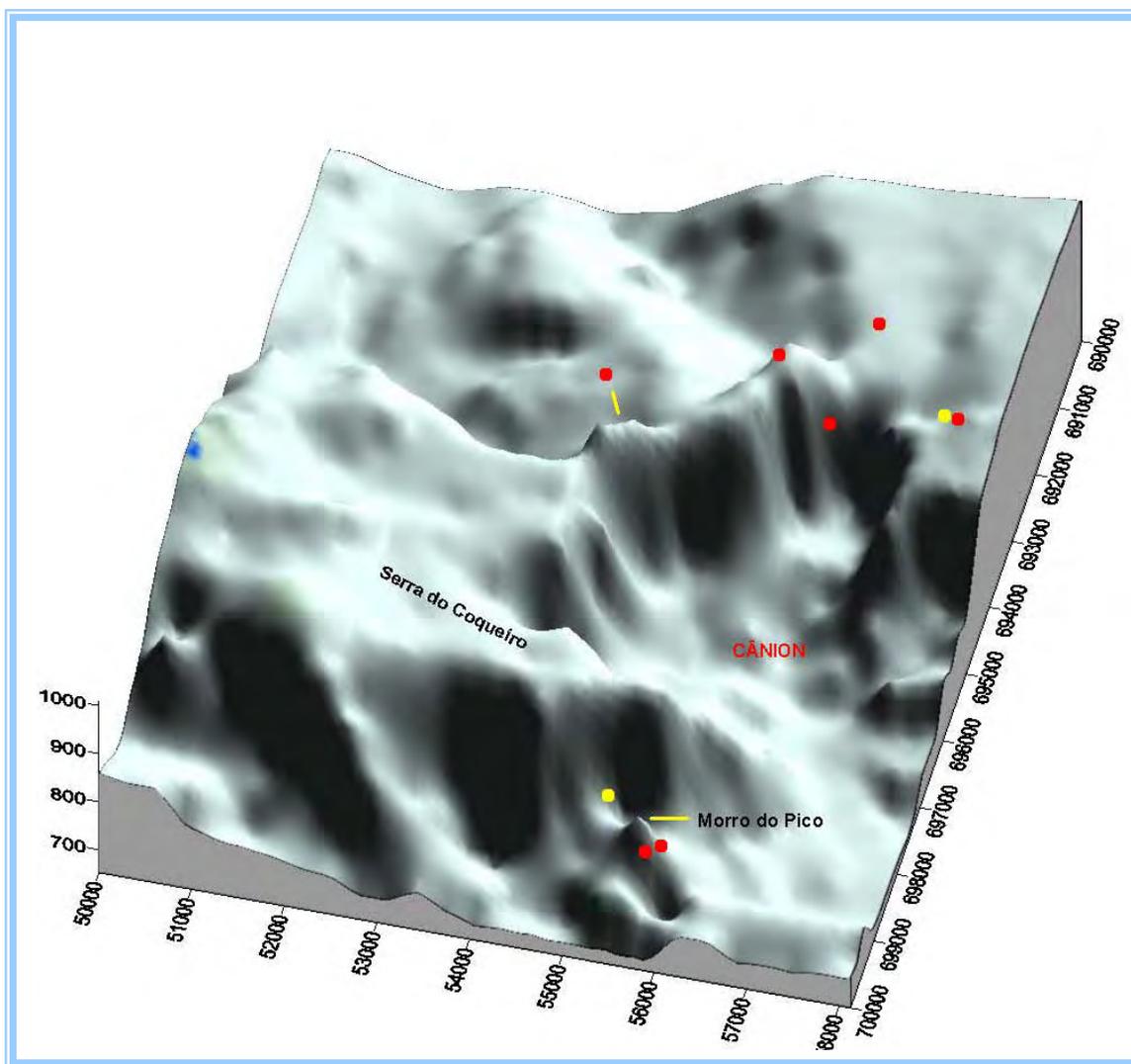


Figura 15 - Modelamento 3D da região norte de Catimbau mostrando distribuição dos sítios arqueológicos de pintura rupestre. Observador olhando para sudoeste.

4.3 Os Sítios Arqueológicos de Venturosa, Pedra e Catimbau

4.3.1 Os Sítios Arqueológicos do Município de Venturosa

O Sítio Peri-Peri I



Foto 17 - O Sítio Peri-Peri I no contexto da paisagem. Matacão localizado a esquerda da foto, no sopé da elevação (Morro dos Ossos). Fonte: Marília Perazzo.

O sítio Peri-Peri I está localizado na Fazenda Oliveira, situada do lado esquerdo da PE-217 que liga o município de Alagoinha ao de Venturosa, distando 6 km do último. Localizado a aproximadamente 600 metros da pista, o sítio é de fácil acesso e está assentado no sopé do Morro dos Ossos.

Nas proximidades do sítio existem caldeirões que acumulam água da chuva e a conservam mesmo nos períodos de seca. A drenagem próxima da área é feita pelo rio Dos Bois, que corre na direção Nordeste-Sudoeste.

O sítio está situado em um afloramento rochoso granítico porfirítico⁶⁶, de cor avermelhada, no qual se formou um abrigo sob rocha com dimensões de aproximadamente seis metros de largura, seis metros de profundidade e treze metros de altura (observada a parte mais alta). Resultante de intemperismo e erosão da rocha, o afloramento possui formas com tendências ao arredondamento, conhecido como matacão.



Foto 18 - O abrigo sob rocha do sítio Peri-Peri I. Observam-se fraturas na rocha, podendo ter ocasionado queda de blocos. Fonte: Marília Perazzo.

A constituição do abrigo se deu, provavelmente, pela ação de um conjunto de variáveis como descamação, aumento e diminuição de temperatura - uma vez que há uma oscilação térmica do período diurno para o noturno na região - combinado com fraturas horizontais existentes na rocha, as quais desencadeiam a queda de blocos. As rochas que compõem as paredes do abrigo estão em processo de descamação, resultando no deslocamento, e consequentemente, na destruição das pinturas existentes no abrigo.

⁶⁶ Granito formado por feldspato potássico, feldspato plagioclásio, quartzo e minerais acessórios.

Todo o afloramento, denominado de Peri-Peri I, está coberto por pinturas rupestres da Tradição Agreste. Devido à presença dos grafismos na quase totalidade do afloramento, para facilitar a análise, o sítio foi dividido em três setores: A área do abrigo (Setor 1), e suas laterais direita (setor 2) e esquerda (setor 3). Vale salientar que essa divisão foi feita com o observador na mira Leste. Na área do Abrigo existem dois painéis de pinturas onde os grafismos de composição (zoomorfos e antropomorfos) e os grafismos puros aparecem juntos na composição gráfica, mas sem formar cenas. Há a presença de marcas de mão em positivo na parte superior dos painéis, além de grafismos não reconhecíveis como traços isolados e agrupados paralelamente, representações em forma de círculos e grafismos conhecidos como “armadilhas” - assinalado por AGUIAR (1986) como típico do estilo Cariris Velhos.

Na direção nordeste do sítio (setor 2), existe um grande paredão medindo aproximadamente 25 metros de comprimento contendo pinturas rupestres em toda sua extensão. Devido à coloração róseo-avermelhada da rocha as pinturas acabam se misturando com as manchas formadas em decorrência do intemperismo químico, o que dificulta para o espectador distinguir as manchas intrínsecas da rocha aos pigmentos dos grafismos. Além disso, a presença da pátina decorrente do escoamento de água ou até mesmo, outros fatores como oscilação de temperatura e pressão, causa descamações e deslocamentos na rocha, fato este bastante prejudicial aos painéis de pinturas rupestres localizados nessas áreas onde a rocha apresenta-se mais frágil.

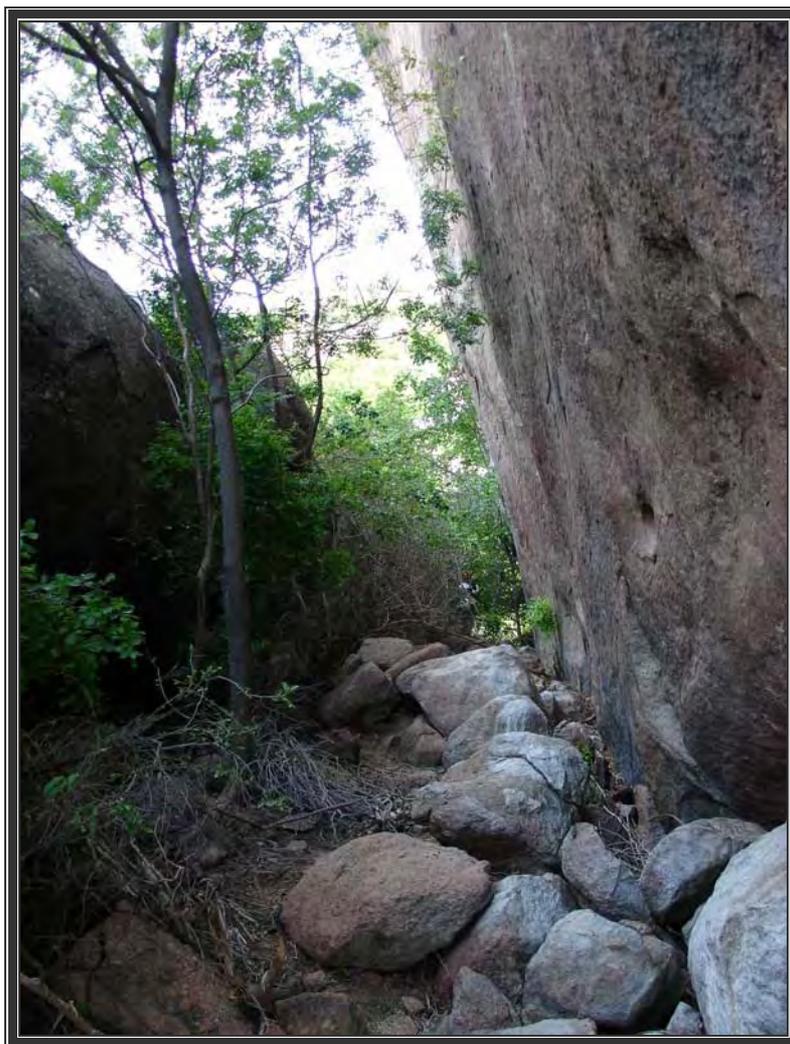


Foto 19 - Superfície lisa e plana da lateral esquerda do Peri-Peri I.
Fonte: Marília Perazzo.

Nesse paredão aparecem conjuntos gráficos isolados compostos por grafismos puros e grafismos de composição. Em geral, as figuras desse painel aparecem sucessivamente no decorrer do paredão sem formar cenas complexas, existindo apenas, como é o caso da fileira de emas, composições com poucos componentes associados que podem ser interpretados como cena. Além das emas, a presença de quelônios e figuras que lembram tartarugas também estão representadas no painel. As marcas de mão em positivo aparecem na parte superior do paredão, recorrente em todos os painéis do sítio.

No setor 3 observou-se apenas um pequeno número de grafismos puros, como traços e a composição conhecida como “armadilha”. Essa composição é formada por uma figura de forma retangular ou quadrada preenchida internamente por linhas paralelas e horizontais que se cruzam. Esse grafismo é

recorrente em outros sítios da região, como o Sítio do Barbado, o Toca do Chapéu e o sítio Pedra da Buquinha I.

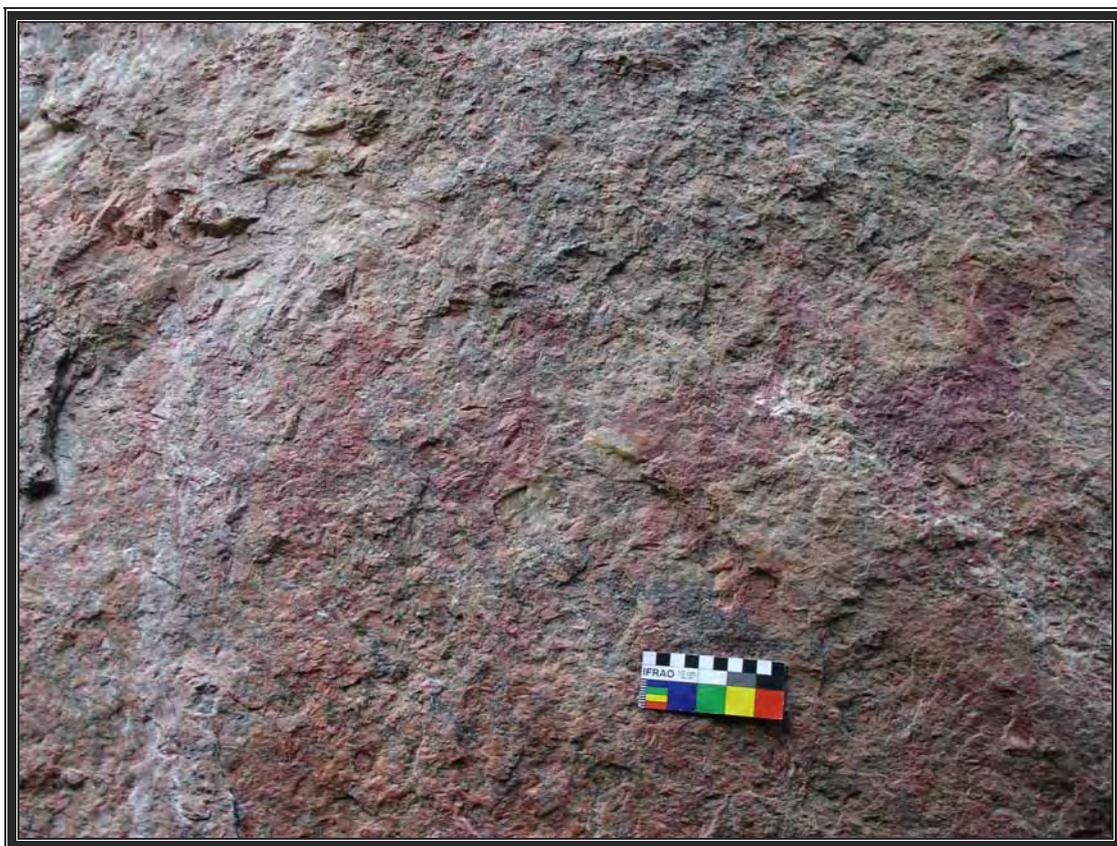


Foto 20 - Fileira de emas localizada no plano vertical, a 2, 5 metros de altura. As manchas brancas sobrepondo as figuras são resultado do escoamento da água das chuvas ocasionando a formação da pátina. Sítio Peri - Peri I. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Peri-Peri II



Foto 21 - Abrigo sob rocha do Sítio Peri-Peri II. Fonte: Marília Perazzo.

O sítio Peri-Peri II situa-se na vertente do Morro dos Ossos, a aproximadamente trinta metros do abrigo sob-rocha do Peri-Peri I (Foto 17). É formado por um matacão granítico porfirítico, com as bordas arredondadas e de cor avermelhada. Comparado ao abrigo sob rocha do Peri-Peri I, o Peri-Peri II, possui um pequeno abrigo sob rocha com uma altura aproximada de dois metros (da parte mais alta), oito metros de comprimento e três de largura.

Em Peri-Peri II existe apenas um painel policromático, composto por grafismos de cor vermelha, amarela e branca. No momento da pesquisa de campo, o sítio foi visitado nos períodos da manhã e da tarde para a melhor visualização dos grafismos, pois a vegetação que margeia o sítio dificulta a incidência da luz no ambiente. Esse aspecto dificultou a compreensão do universo gráfico, pois as pinturas em amarelo e branco não apresentavam nitidez suficiente para a percepção das formas pelo espectador. As fotografias tiradas no local tam-

bém não permitiram uma observação detalhada devido à falta de luz, condição *sine qua non* para uma boa fotografia. Assim, apenas os grafismos representando zoomorfos (um conjunto de dois componentes) puderam ser observados. Esses grafismos interpretados por AGUIAR (1986) como um veado, possuem um dinamismo que não é recorrente em outros painéis da Tradição Agreste. O conjunto gráfico de Peri- Peri I e II, quando relacionado aos zoomorfos possui um aspecto naturalista incomum aos outros sítios da região (observada a cena das emas e a representação dos veados de Peri-Peri II).



Foto 22 - Representações de zoomorfos no Sítio Peri-Peri II. Fonte: Marília Perazzo.

Dessa forma, a análise do ponto de vista gráfico do sítio fica prejudicada, pois não obtivemos uma visão panorâmica do painel, e por conseguinte, não se pode fazer a análise. Nesse momento, apenas através das pesquisas realizadas por AGUIAR (1986), podemos ter referências das pinturas e suas composições, uma vez que não foi possível voltar ao sítio posteriormente devido ao prazo do término da presente pesquisa, o que não invalida análises futuras desse sítio. No entanto, inserimos Peri-Peri II nas nossas análises devido à

necessidade de interpretar o conjunto de sítios das regiões no contexto da paisagem local e regional, já que quanto mais sítios conhecidos forem abordados - obtendo dessa forma um universo mais amplo de informações - mais precisas serão as conclusões do ponto de vista da análise espacial e paisagística.

O Sítio do Barbado



Foto 23 - Vista panorâmica da paisagem onde o sítio está inserido. O Sítio do Barbado situa-se no afloramento mais à direita da foto, na encosta da elevação indicado pela seta. Observar formas arredondadas nos matacões. Fonte: Ricardo Pessôa.

O Sítio do Barbado está localizado na vertente do Serrote do Barbado, na localidade conhecida também como sítio do Barbado. O Serrote do Barbado é bastante elevado, de encostas íngremes caracterizado como um inselberg⁶⁷, onde se observa visivelmente uma superfície de grandes fraturas. Dessa elevação escorre pelas fendas, decorrentes das fraturas, água que se infiltra pelo terreno arenoso de aluvião e colúvio, formando um pequeno riacho que corre no sentido oeste. Em alguns locais, como no sopé da elevação, existem fontes de água perenes.

⁶⁷ "Denominação usada por Bornhardt para as elevações ilhadas que aparecem em regiões de clima árido. (...) Os inselbergs são como que resíduos da pediplanação, em climas áridos quentes e semi-áridos, à semelhança dos *monadocks*, devido à pediplanação, em regiões de clima úmido." IN: GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Geografia 4ª Edição. 1972. P. 235.

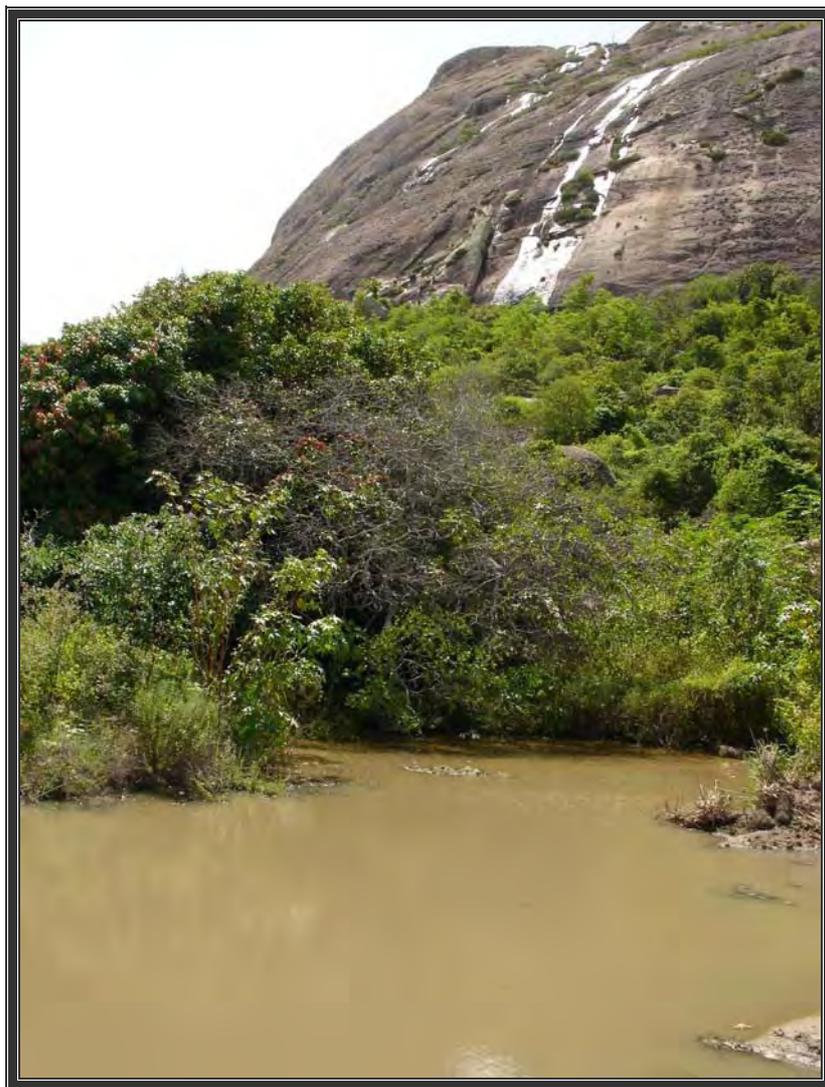


Foto 24 - Vista parcial do Serrote do Barbado. No sopé há uma fonte d'água. No primeiro plano, o alagado corresponde a uma barreira feita por moradores do local e não provém da fonte d'água. Observação em março de 2007; em período chuvoso. Fonte: Ricardo Pessoa.

O Sítio do Barbado é um afloramento granítico porfirítico, de cor avermelhada com bordas arredondadas na forma de matacão, onde o conjunto de fraturas horizontais decorrentes de variações de temperatura e pressão desencadeou a queda de blocos e conseqüentemente a formação de estruturas na forma de cavidades ou abrigos. O sítio está coberto por pinturas rupestres da Tradição Agreste, na cor vermelha e branca, como ocorre em Peri-Peri II. Devido a grande concentração de pinturas e sua distribuição nas diversas faces do afloramento dividiremos o sítio em três setores, para facilitar a descrição e a análise. No setor 1, local onde não há abrigo, apenas uma pequena reentrância da rocha, são poucos os grafismos existentes como marcas de mão em positi-

vo, na parte superior do painel, além de traços e grafismos não reconhecíveis distribuídos aleatoriamente no painel.

Na margem direita do sítio, observador olhando em direção sudoeste, existe dois abrigos, onde o primeiro (setor 2), com pequenas dimensões possui apenas um painel, pintado somente com na cor vermelha. Localizado a dois metros de altura, os grafismos observados são marcas de mão em positivo localizados na parte superior do painel, além de grafismos puros como traços sinuosos e lineares e gradis (também conhecidos como “armadilhas”). Esses grafismos estão dispostos de forma aleatória não formando cenas.



Foto 25 - Abrigo sob rocha coberto por pinturas da Tradição Agreste. Sítio do Barbado. Fonte: Marília Perazzo.

O segundo abrigo (setor 3) possui vários grafismos, pintados nas cores vermelha e branca. Esses grafismos estão distribuídos no painel sem uma ordem aparente, não formando cenas. Observa-se a presença de sobreposições de grafismos no painel, o que indica momentos diferentes da realização gráfica. No conjunto gráfico representado abaixo, fica clara a sobreposição dos grafismos lineares de cor branca sobre a figura antropomórfica bicromática. Outro

aspecto importante a se observar é a presença majoritária de figuras com um geometrismo aparente como linhas sinuosas, lineares e curvilíneas, gradis, linhas que se cruzam na horizontal e vertical, as quais foram assinaladas como grafismos comuns da Tradição Agreste. As marcas de mão em positivo também estão presentes nesse abrigo, localizadas nas áreas superior dos painéis, característica recorrente em todos os sítios da Tradição.

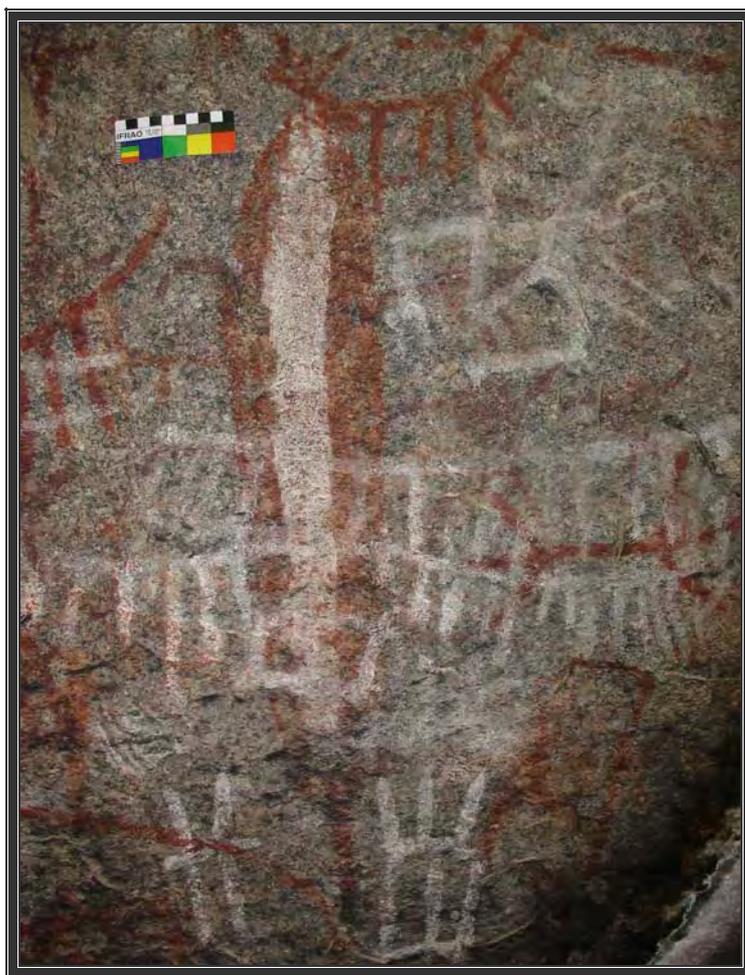


Foto 26 - Indicação de sobreposição de grafismos. Sítio do Barbado. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Pedra Furada

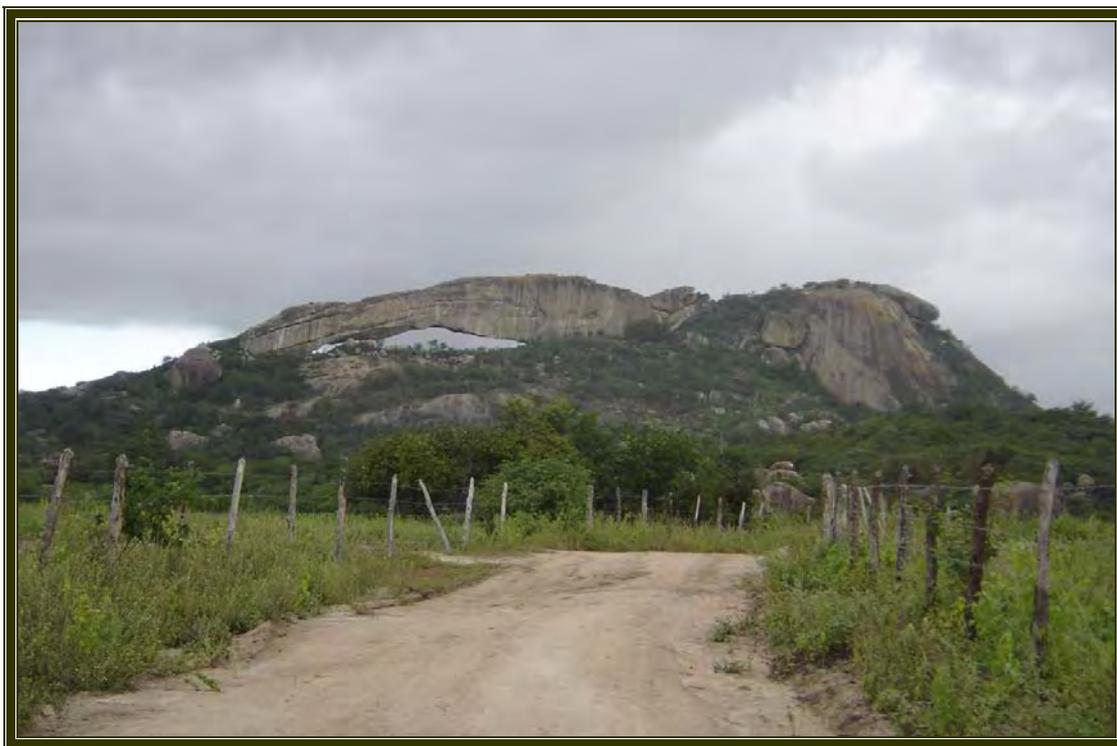


Foto 27 - Panorâmica da Pedra Furada. Fonte: Marília Perazzo.

O sítio Pedra Furada está situado no cume do Serrote da Pedra Furada, sendo o único sítio da região localizado no topo de uma elevação. A formação geológica da Pedra Furada sugere a forma de um arco, que devido às fraturas existentes acompanhando o formato arqueado da serra, permitiu a queda de blocos e a formação desse aspecto imponente do relevo. A Pedra Furada, em seu aspecto físico, é um sítio singular na região, pois até o momento é o único sítio encontrado na área onde as pinturas rupestres não aparecem em matacões e, por outro lado, a forma imponente do relevo separa duas regiões de várzea, podendo ser admirada de diversos ângulos, dos vários sítios que circundam tal elevação.

Em ambos os lados do arco da Pedra Furada existem pinturas rupestres. Dividimos, para facilitar a análise o sítio em 4 setores, onde há a presença dos registros gráficos. O setor 1 está localizado a esquerda do arco (observador olhando para SE), estando o painel composto por grafismos não reconhecíveis, composto por pontos, traços e manchas de cor vermelha. Provavelmente feitos a dedo, quando observados os traços e angulosidade das curvas.

Além dessas manchas vermelhas localizadas a leste do painel, existe também a presença de uma figura zoomórfica, composta por quatro patas e uma longa calda, conhecida na região como “o elefante da Pedra Furada”. Esse zoomorfo chama muita atenção devido à curvatura que a calda faz, lembrando a tromba de um elefante, o que explica o nome dado pela população. No entanto, as características morfológicas da pintura (as quatro patas, a calda e a cabeça) sugerem a figura de uma onça.



Foto 28 - Representação zoomórfica. Setor 1 do Sítio Pedra Furada. Fonte: Marília Perazzo.

Os setores 2, 3 e 4 estão localizados a direita do arco (observador olhando para SW). No setor 2 existe uma maior riqueza de detalhes das pinturas, aparecendo grafismos puros e de composição, como antropomorfos e zoomorfos. As pixações feitas pelos visitantes encobriram todo o painel, não sendo possível observar de forma clara os grafismos. As figuras de antropomorfos e zoomorfos estão perdidas no meio das pixações feitas em toda a rocha. Esse painel praticamente foi encoberto pelos nomes e datas estampadas em todo o topo da elevação. Pode-se observar apenas a presença de antropomorfo, zoomorfos e grafismos puros sem formar cenas. Pesquisas anteriores nesse sítio

indicaram a presença de 26 antropomorfos nesse painel, onde em apenas um existia a indicação de sexo. No entanto, em função das inscrições sobrepostas às rupestres, podemos observar, com muita dificuldade, apenas 4.



Foto 29 - Conjunto de pinturas rupestres indicadas pelas setas, sobrepostas por pixações. Fonte: Marília Perazzo.

Os traços mais delicados e a angulosidade das formas sugerem a elaboração desses grafismos com instrumentos de ponta fina, contrastante ao traçado dos grafismos do setor 1 do sítio.

No setor 3, estão representados três grafismos, dois antropomorfos e um zoomorfo. Uma das figuras antropomorfa está representada a quatro metros do solo, possuindo um tamanho maior que as outras. Os membros superiores elevados dão uma conotação de movimento à figura, e a forma arredondada do ventre sugere a representação de uma mulher grávida. O outro antropomorfo, de menor tamanho, está localizado abaixo da figura maior, e o zoomorfo no plano esquerdo da imagem.

No setor 4 do sítio, o painel é composto por um zoomorfo quadrúpede, já bastante desgastado pela pátina - decorrente do escoamento de água sobre o grafismo - além de pixações que também encobrem parcialmente a pintura.



Foto 30 - Em detalhe, antropomorfo e zoomorfo nos planos superior e inferior respectivamente. Fonte: Marília Perazzo.

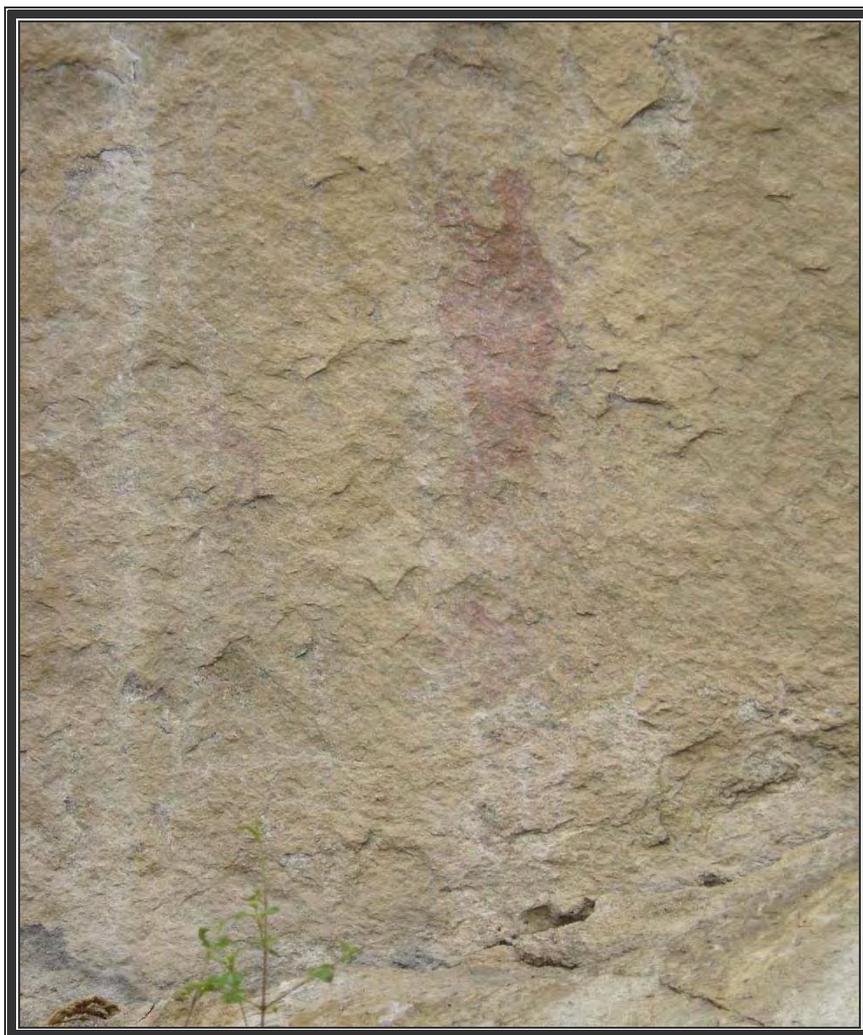


Foto 31 - Figura antropomorfa representando provavelmente uma mulher grávida. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Pedra da Buquinha

O sítio Pedra da Buquinha é formado por um matacão granítico com bordas arredondadas, localizado no sopé da Serra do Buco, na localidade denominada Boqueirão. Coberto por pinturas rupestres da Tradição Agreste, os grafismos predominantes nesse sítio são os geometrizados, do estilo “Geométrico Elaborado” indicado no Trabalho de AGUIAR (1986), além da existência de marcas de mãos e zoomorfos e antropomorfos em pequena quantidade. Por nesse sítio possuir muitas pinturas em todas as faces do matacão, o dividimos em 5 setores.



Foto 32 - Panorâmica da Pedra da Buquinha na paisagem. Os dois matacões assinalados são os sítios Pedra da Buquinha I (à direita) e a Buquinha II (à esquerda). Fonte: Marília Perazzo.

No setor 1, na área norte do matacão, foram observados no painel 2 pequenos nichos de pinturas, com formas geometrizadas, linhas paralelas e marcas de mão da parte superior do painel.

No setor 2 foram observados dois painéis rupestres, estabelecidos, nessa pesquisa, como painel A e B. O painel A está localizado a NE do paredão,

medindo 3 metros de comprimento por 2,90 de altura. Nesse painel está situado numa área desprotegida, tendo incidência direta de sol e chuva, estando, dessa forma, as pinturas manchadas podendo ser observado apenas algumas figuras com formas geometrizadas. Outro fator de desgaste da rocha é o intemperismo, causador dos deslocamentos da rocha e do desgaste dos painéis rupestres. Esse processo foi observado em todos os painéis do sítio. Nesse painel foi observada a presença de pinturas enterradas, fazendo-se necessário um estudo mais detalhado do local, uma vez que há possibilidades de desenvolver escavações em toda área do sítio.

Separando o painel A do B, existe um abrigo formado por um conjunto de fraturas da rocha e desmoronamento de blocos. O painel B localiza-se na área leste do sítio e é composto por grafismos geométricos elaborados formando ângulos retos de 90° e com preenchimento interno. Devido ao intemperismo, a rocha apresenta-se rachada e observa-se deslocamento da rocha, uma vez que as pinturas foram destacadas do paredão.

O setor 3 está localizado na área sudeste do matacão e é formado por um abrigo sob rocha com 20 metros de comprimento e 4 de altura. As pinturas rupestres estão espalhadas por todo o abrigo, existindo, no seu lado esquerdo, pinturas enterradas. As pinturas existentes nesses painéis são linhas sinuosas paralelas, círculos concêntricos, grafismos puros, “armadilhas” e mãos em positivo na parte superior do painel, característica típica da Tradição Agreste.

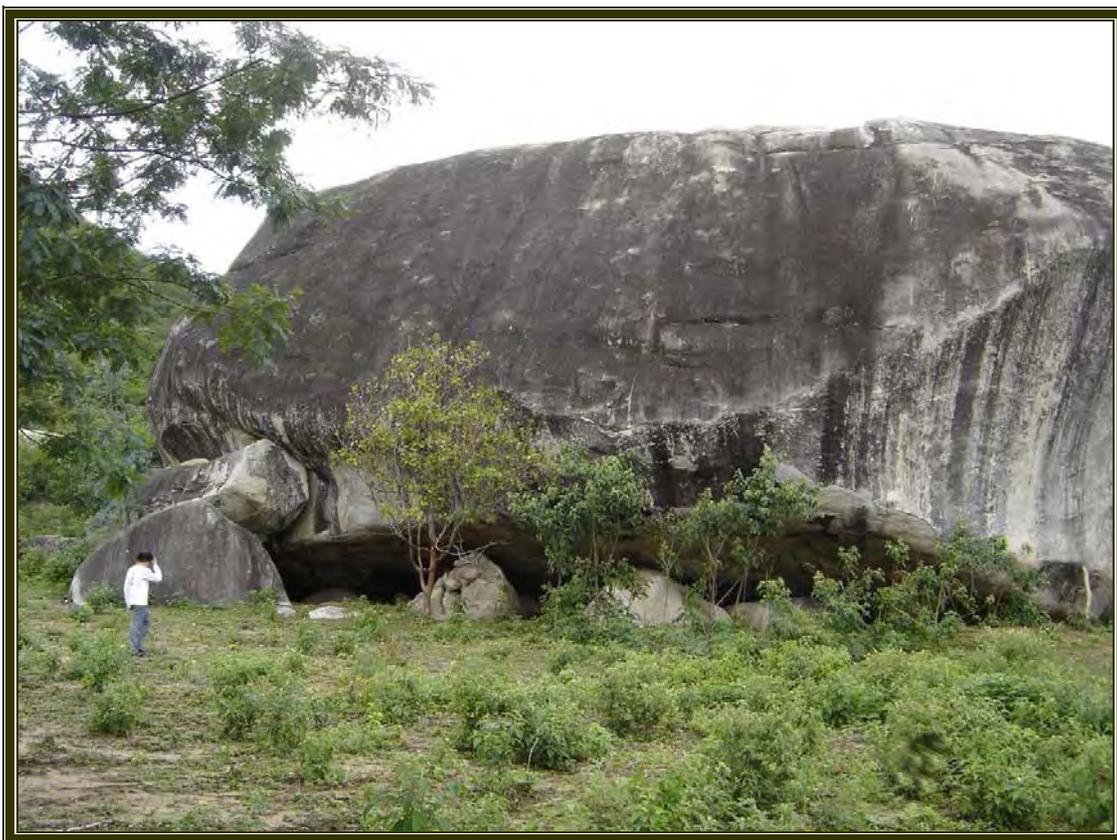


Foto 33 - Setor 3 do sítio. Abrigo sob rocha com pinturas rupestres. Sítio Pedra da Buquinha. Fonte: Marília Perazzo.

No setor 4, localizado na área oeste do sítio, o painel está localizado em uma fenda do matacão, e mede aproximadamente 3 metros de largura e 3,5 de altura. As pinturas encontradas são bem elaboradas, traços bem delineados, linhas com paralelismo perfeito, antropomorfos, além da presença de um grafismo puro com contorno aberto, diferente de todos encontrados na região. As pinturas estão distribuídas desde a parte superior do painel até a base da rocha, o que mostra a extrema necessidade de se escavar esse sítio, visto que no decorrer de todo o matacão as pinturas se encontram na base da rocha e, como referido anteriormente, enterradas. Nesse local as pinturas estão protegidas, pois há uma inclinação vertical da fenda formando uma proteção na parte superior, onde há possibilidade de se abrigar.



Foto 34 - Pinturas rupestres da Tradição Agreste. Sítio Pedra da Buquinha. Fonte: Marília Perazzo.

O setor 5 está localizado na área noroeste do matacão, e é formado por um painel composto por grafismos puros, com traços bem elaborados. Esse grafismos foram identificados por AGUIAR (1986) como pinturas do estilo Geométrico Elaborado. Nesse painel, mesmo de difícil acesso por se localizar na parte superior do matacão, a aproximadamente 9 metros do solo, existem pichações sobrepondo as pinturas. Na parte superior do painel, observou-se a presença de um grafismo com morfologia, identificada por nós, recorrente a um

antropomorfo, com apenas a identificação da cabeça e dos membros superiores. No entanto, com processo de desgaste da rocha, houve deslocamento e destruiu parte da pintura.

O matacão com formas arredondadas situado a aproximadamente 70 metros a norte da Pedra da Buquinha, foi denominado por nós como **Pedra da Buquinha II** por está localizado bem próximo ao sítio anteriormente citado. De fácil acesso, apenas coberto por uma vegetação fechada, o matacão forma um pequeno abrigo sob rocha, localizado na vertente da Serra do Boco, onde se encontram pinturas rupestres da Tradição Agreste. Os grafismos encontrados são linhas, dois antropomorfos isolados, sem formar cenas, e dois grafismos puros.

O Sítio Pedra do Chapéu ou Pedra do Letreiro



Foto 35 - Sítio Pedra do Chapéu no contexto da paisagem. Fonte: Marília Perazzo.

O sítio Pedra do Chapéu está localizado na vertente da Serra do Buco, sendo formado por um matacão arredondado composto por granito cinza fino. De fácil acesso, o sítio está próximo a uma fonte d, que na época de chuva, forma uma queda de água que deságua no Riacho das Cabeceiras.

No sítio encontramos 3 painéis rupestres da Tradição Agreste, composto por figuras antropomórficas, zoomórficas, grafismos puros, “armadilhas” e mãos na parte superior do painel. O painel 1, localizado na entrada do sítio, possui dimensões de 6 metros de largura e 3,5 de comprimento.

Observa-se a presença de grafismos puros, “armadilhas”, figuras antropomórficas e zoomórficas. Os antropomorfos aparecem elaborados com técnicas diferenciadas. O primeiro, os dedos dos pés e mãos estão indicados de forma discreta estando a figura representada de forma ereta. O segundo antropomorfo observado, os pés e mãos estão representados com dedos avantaja-

dos, precisamente quatro em cada membro, estando a figura apresentada com indicação da curvatura dos joelhos e cotovelos. Essa forma de retratar os membros superiores e inferiores com a indicação de dedos nos antropomorfos aparece também no sítio Pedra Redonda, no município de Pedra e nos sítios Casa de Farinha e Alcobaça, no Vale do Catimbau.

Os zoomorfos representados são quelônios e tartarugas, existindo também a presença de figuras chamadas por AGUIAR (1986) como formas de sol (grafismos compostos por linhas que se cruzam em diversas direções). A figura da “armadilha” (Foto 1) é representada a 2,0 metros do solo e há presença de marcas de mãos na parte superior do painel, localizadas a 2,5 metros do solo.



Foto 36 - Antropomorfo associado a linhas dispostas verticalmente. Sítio Pedra do Chapéu.
Fonte: Marília Perazzo.

O painel 2 possui apenas um conjunto de grafismos formado por um antropomorfo, onze linhas dispostas verticalmente paralelas entre si, onde cinco possuem dimensões maiores. Esses grafismos estão associados formando uma cena, uma vez que o antropomorfo está representado voltado para os tra-

ços e seus membros superiores, evocando movimento, estão em direção às linhas de maior dimensão.

No painel três estão representados um conjunto de marcas de mãos, de tamanhos variados, além de figuras como um provável ornamento. A representação de ornamentos não é recorrente nos sítios da região, aparecendo apenas nesse painel. Essas representações existem com maior frequência em sítios de Tradição Nordeste na região do Seridó. No Sítio Xiquexique I, Seridó, os ornamentos aparecem relacionados diretamente com as figuras antropomorfas que compõem a cena, as quais seguram explicitamente os adereços, além de aparecer uma representação isolada no plano superior da cena (Foto 37). Em Venturosa, a apresentação gráfica da cena difere significativamente da observada no Seridó, visto que os conjuntos gráficos fazem parte de Tradições distintas. As características gráficas são diferenciadas, quando da observação dos painéis rupestres das duas regiões, uma vez que no conjunto gráfico do sítio Pedra do Chapéu, a representação do possível acessório aparece próximo a um conjunto de mão em positivo, elemento recorrente da Tradição Agreste, podendo ser apenas um componente intrusivo nessa composição (Foto 38).



Foto 37 - Observa-se a presença de adereços na cena da Tradição Nordeste. Seridó - RN. Fonte: PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História*. p.157



Foto 38 - Conjunto de marcas de mãos e a figura de um provável adereço. Fonte: Marília Perazzo.

Na área onde se encontram as pinturas não há a presença de abrigos, no entanto, ao lado do painel 3 existe um abrigo sob rocha, com vários blocos interrompendo o acesso a ele, provavelmente, esses blocos caíram em momentos diferentes em decorrência da erosão e de fraturas nas horizontal e vertical observadas em campo.

4.3.2 Os Sítios Arqueológicos do Município de Pedra

O Sítio Pedra Redonda

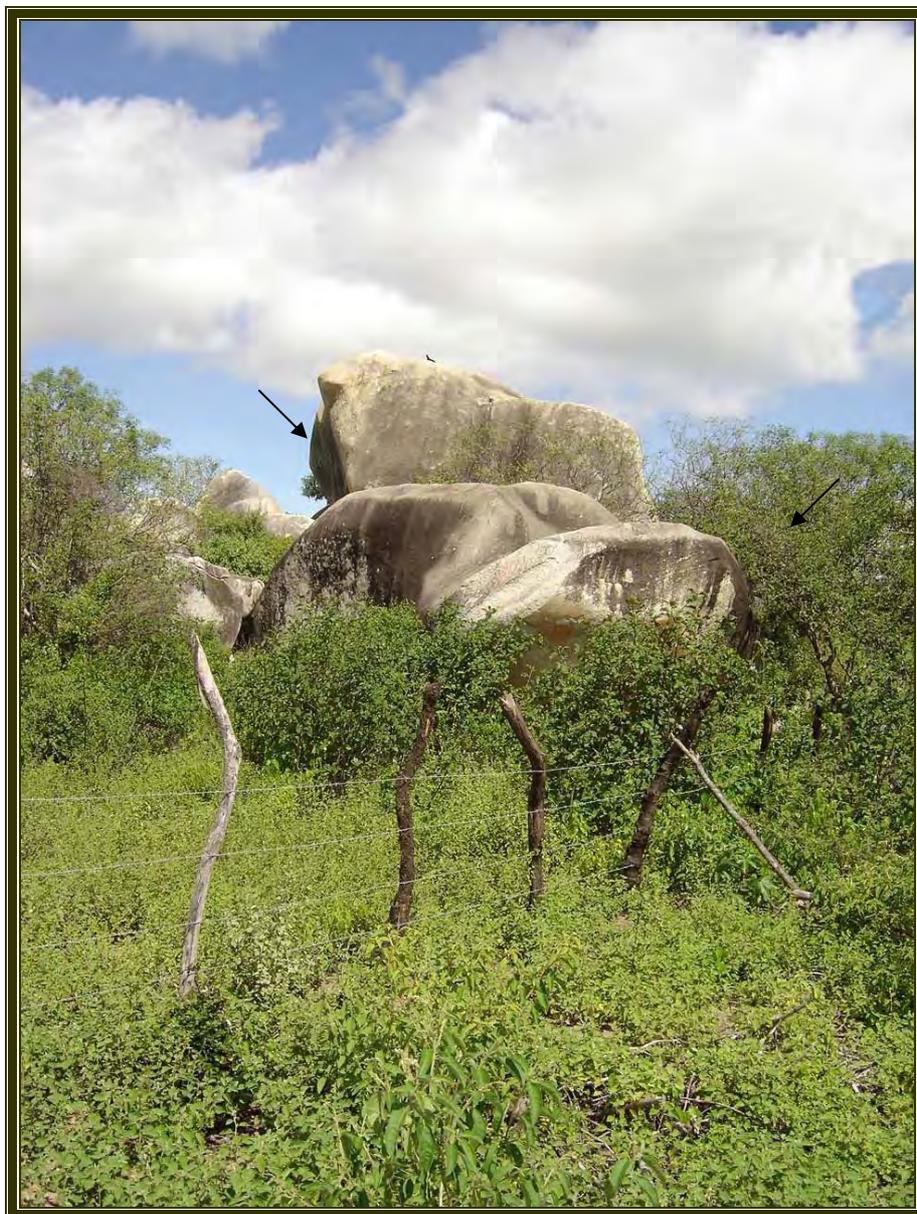


Foto 39 - O sítio Pedra Redonda na paisagem. Observa-se o arredondamento das bordas dos matacões. As setas indicam os matacões onde se encontram as pinturas rupestres. Fonte: Marília Perazzo.

O sítio Pedra Redonda emerge no meio do vale, nas proximidades do Riacho Seco, na localidade do mesmo nome. É constituído por três grandes blocos graníticos, nos quais não há presença de abrigos. Os registros rupestres encontrados nesse sítio pertencem à Tradição Agreste, estando situados apenas no bloco 1 (observado no primeiro plano da foto), e no bloco 3 (observado no terceiro plano da foto 39).

No bloco 1 o painel possui grafismos puros nas cores vermelha e amarela. O sítio contém repetidos grafismos com formas arredondadas e alguns traços e manchas que não permitem reconhecimento. O painel está bastante deteriorado, com esfoliações na rocha, rachaduras e, sobretudo, deslocamentos, uma vez que tem exposição direta aos raios solares e à chuva. Os grafismos estão bem apagados nesse setor do sítio, de tal modo que fica impossível a identificação dos traços e das manchas existentes no painel.



Foto 40 - Primeiro matacão pintado do sítio, identificado como bloco 1. Observa-se a deterioração da rocha no local onde se encontram as pinturas. Fonte: Marília Perazzo.

O bloco 3 possui uma face íngreme medindo aproximadamente 6,5 m de altura e 10 m de largura. Coberto por grafismos da Tradição Agreste, esse paredão está se deteriorando, sendo observada a presença de diversas fraturas e deslocamento da rocha. O painel encontrado nessa área do sítio é composto por grafismos puros, e grafismos reconhecíveis como antropomorfos e zoomorfos, os quais não formam cenas. Os grafismos puros são formados por linhas sinuosas, círculos concêntricos e grafismos que não permitem reconhecimento.

Um antropomorfo de dimensões menores aparece usando um adereço na cabeça. Os pés e as mãos aparecem representados com três e quatro dedos, respectivamente, além de se observar a curvatura dos joelhos bem definida. O antropomorfo central, de maior dimensão, possui aproximadamente um metro de altura estando representado de forma estática, assemelhando-se à representação de uma figura totêmica. Esse antropomorfo está representado com adornos na cabeça, provavelmente um cocar indígena, e no membro superior direito da figura observa-se um adorno arredondado. As representações de cotovelos estão bem acentuadas na figura, podendo observar também as mãos com cinco dedos bem definidos. O braço direito da figura aparece de forma avantajada, desproporcional aos demais membros e a representação das pernas e pés estão voltadas também para o lado direito, o que pode indicar uma tentativa de representar a figura de perfil, o que não acontece devido à representação da cabeça, claramente reproduzida em posição frontal. Ao lado esquerdo do antropomorfo de maior dimensão, no plano inferior, observa-se um grafismo cujas características não estão bem definidas, podendo ser observado como um zoomorfo.



Foto 41 - Antropomorfo em posição frontal, representado de forma estática, típico da Tradição Agreste. Sítio Pedra Redonda Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Poço da Figura

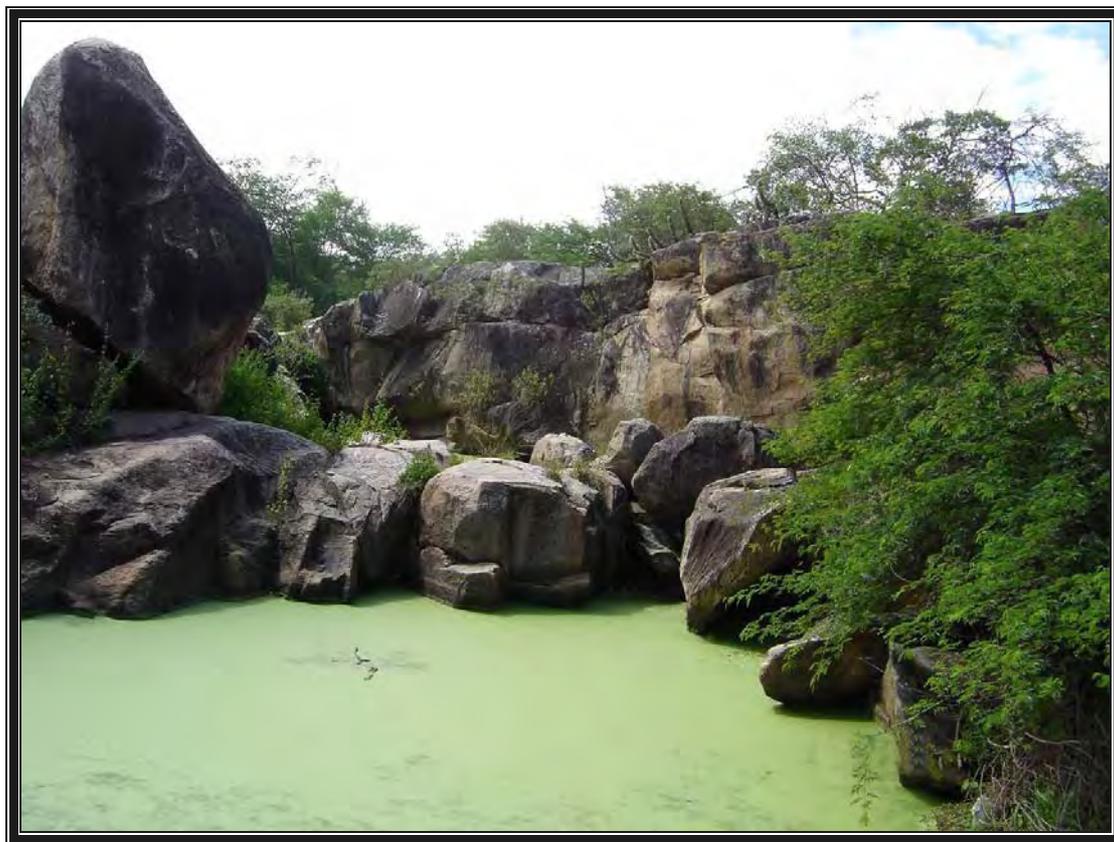


Foto 42 - Os registros gráficos estão localizados no matacão granítico do terceiro plano da imagem, medindo aproximadamente 5 m de altura por 30 m de comprimento. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Poço da Figura é formado por um matacão que emerge na planície, nas proximidades do Riacho Sêco, na localidade conhecida como Fazenda Cachoeirinha. Possui, margeando os matacões do seu entorno, uma fonte de água intermitente e não há formação de abrigo no local. Os registros rupestres encontrados são da Tradição Agreste, e estão expostos às intempéries (raios solares, ventos, chuva), o que é observado no péssimo estado de conservação a que esses registros gráficos se encontram. As figuras estão bastante apagadas, e em diversos locais do painel restam apenas manchas vermelhas, sinais das pinturas apagadas pelo tempo.

Duas áreas do matacão de maior extensão foram pintadas, o qual foi dividido em dois painéis. O primeiro possui um antropomorfo de aproximadamente um metro de altura e uma figura não reconhecida, devido à falta de conservação da rocha. O antropomorfo de maior dimensão aparece com os braços

abertos, tendo a mão direita bem delineada com a indicação de cinco dedos. O busto do grafismo é representado de forma arredondada, indicando a presença de seios, mais abaixo da figura observa-se um contorno de acinturado da figura e, posteriormente, o alargamento do quadril, o que indica uma figura feminina. Ao lado dessa figura, observa-se uma de menor dimensão, mas sua morfologia não permite reconhecimento, fato agravado pelas intempéries a que esses grafismos vêm sendo expostos. O segundo painel possui grafismos puros e a presença a figura da “armadilha”, tão comum nessa Tradição.

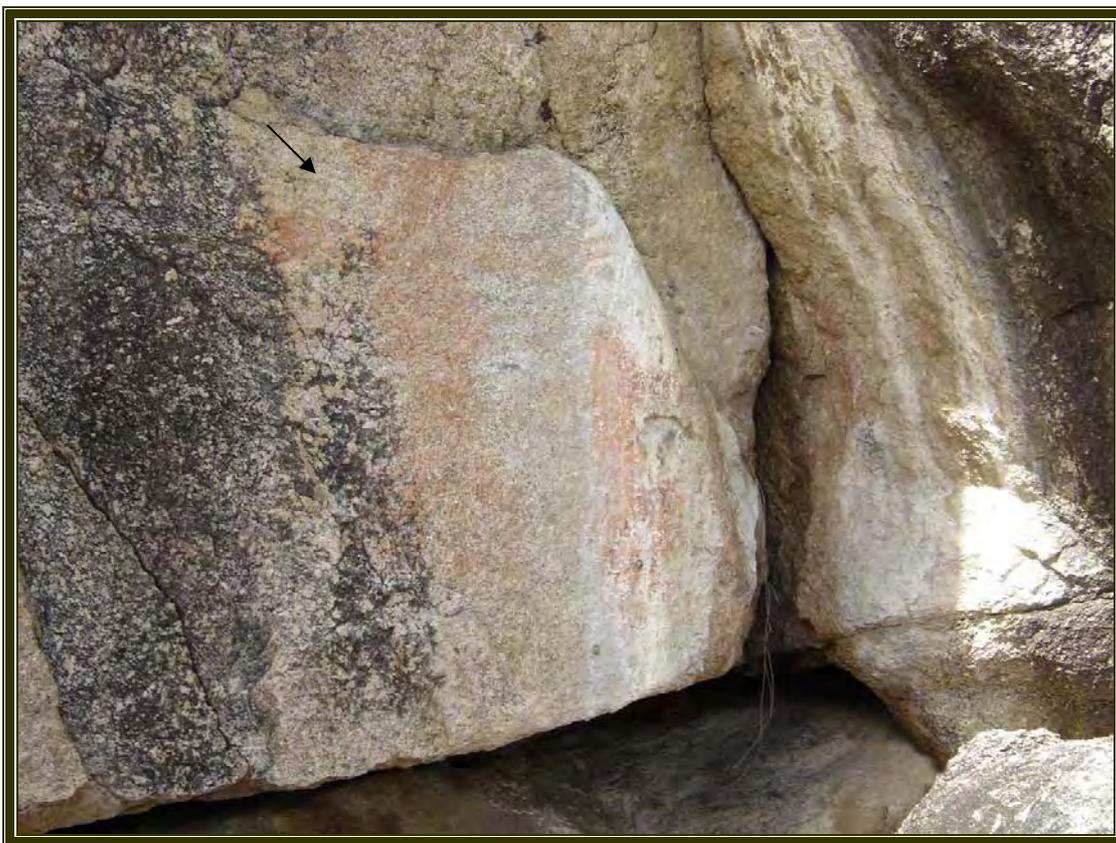


Foto 43 - Antropomorfo com indicação feminina. Observam-se as fraturas na rocha nos planos horizontais e verticais. Sítio Poço da Figura. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Pedra do Caboclo



Foto 44 - Matacão rochoso coberto por vegetação arbórea. Fonte: Marília Perazzo.

O sítio Pedra do Caboclo é um matacão de aproximadamente 9 metros de altura e 13 metros de comprimento, que emerge na planície, nas proximidades da Serra do Caboclo.

Apenas um painel foi observado no sítio, onde se observa grafismos puros elaborados, com traçados circulares concêntricos bem definidos. Duas figuras zoomorfas aparecem com traçados morfológicos bem definidos (as patas com 3 dedos bem assinalados), sem formar cenas. Nesse sítio o número de grafismos é reduzido, mas suas características gráficas são recorrentes aos sítios da Tradição Agreste pesquisados na área.

O Sítio Prata



Foto 45 - Vista panorâmica do Sítio Prata. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Prata é formado por um conjunto de matacões graníticos localizados na encosta do Serrote Redondo. Dois matacões arredondados são observados no topo de um afloramento granítico localizado na encosta desse serrote, nos quais se pode observar a presença de painéis de grafismos rupestres.

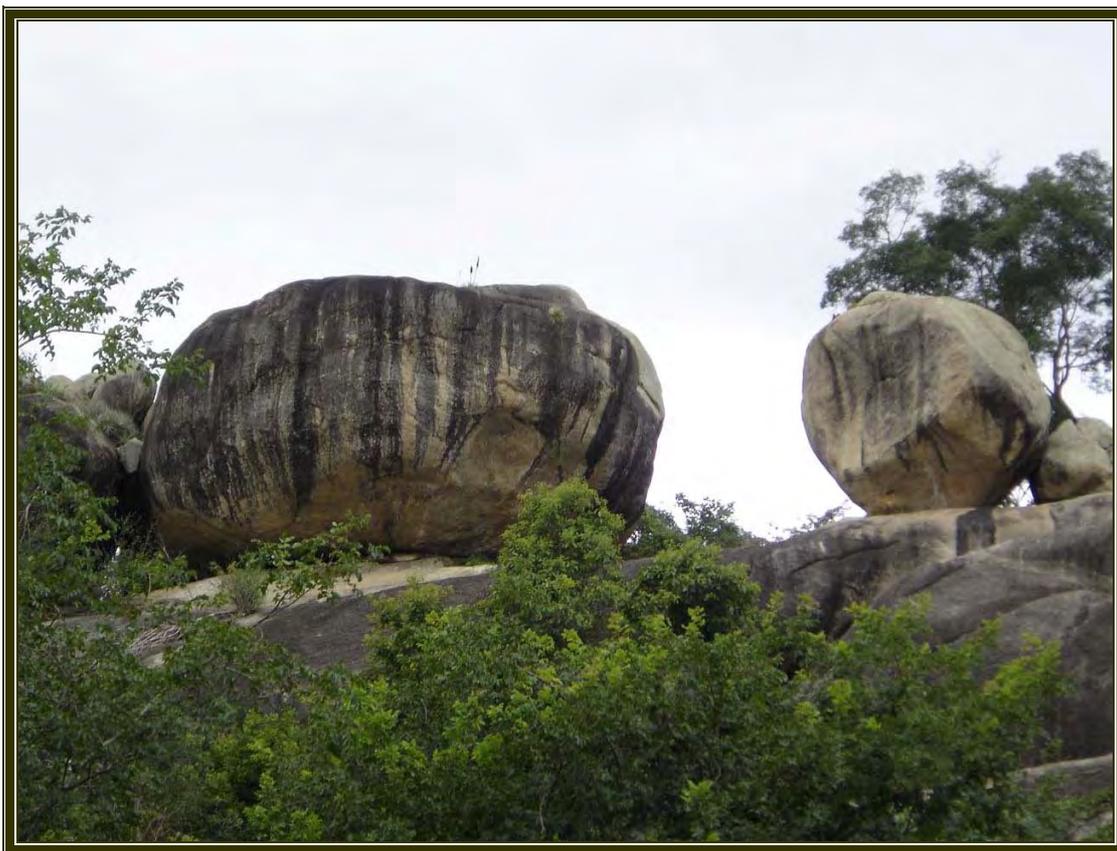


Foto 46 - À direita, de menor dimensão, o matacão 1 com pinturas rupestres na sua parte inferior. À esquerda, matacão 2 com grafismos também localizados no plano inferior. Fonte: Marília Perazzo.

No matacão 1 (observado no primeiro plano da foto), há um painel composto por grafismos puros, com tendência ao geometrismo, um antropomorfo representado de forma esquemática e um zoomorfo. Os grafismos puros aparecem como linhas sinuosas se cruzando ao modo de “redes”, as “armadilhas”, círculos concêntricos e grafismos de contorno aberto e fechado com ângulos retos. O zoomorfo situa-se no plano superior do painel. É caracterizado por apresentar, de forma bem definida, as patas com três dedos cada, além de um enorme rabo, configurando-o como um quelônio.

O antropomorfo aparece logo abaixo do zoomorfo. As características desse antropomorfo são peculiares ao sítio, pois em nenhum outro essa figura é representada de forma estática, com os membros, superiores e inferiores, flexionados de forma esquemática. Não há referência de dedos nas mãos e pés, o que o diferencia dos demais antropomorfos representados da Tradição Agreste. No matacão 2 há um número menor de grafismos, quando comparado

ao matacão 1, aparecendo apenas grafismos com morfologias que não permitem reconhecimento.

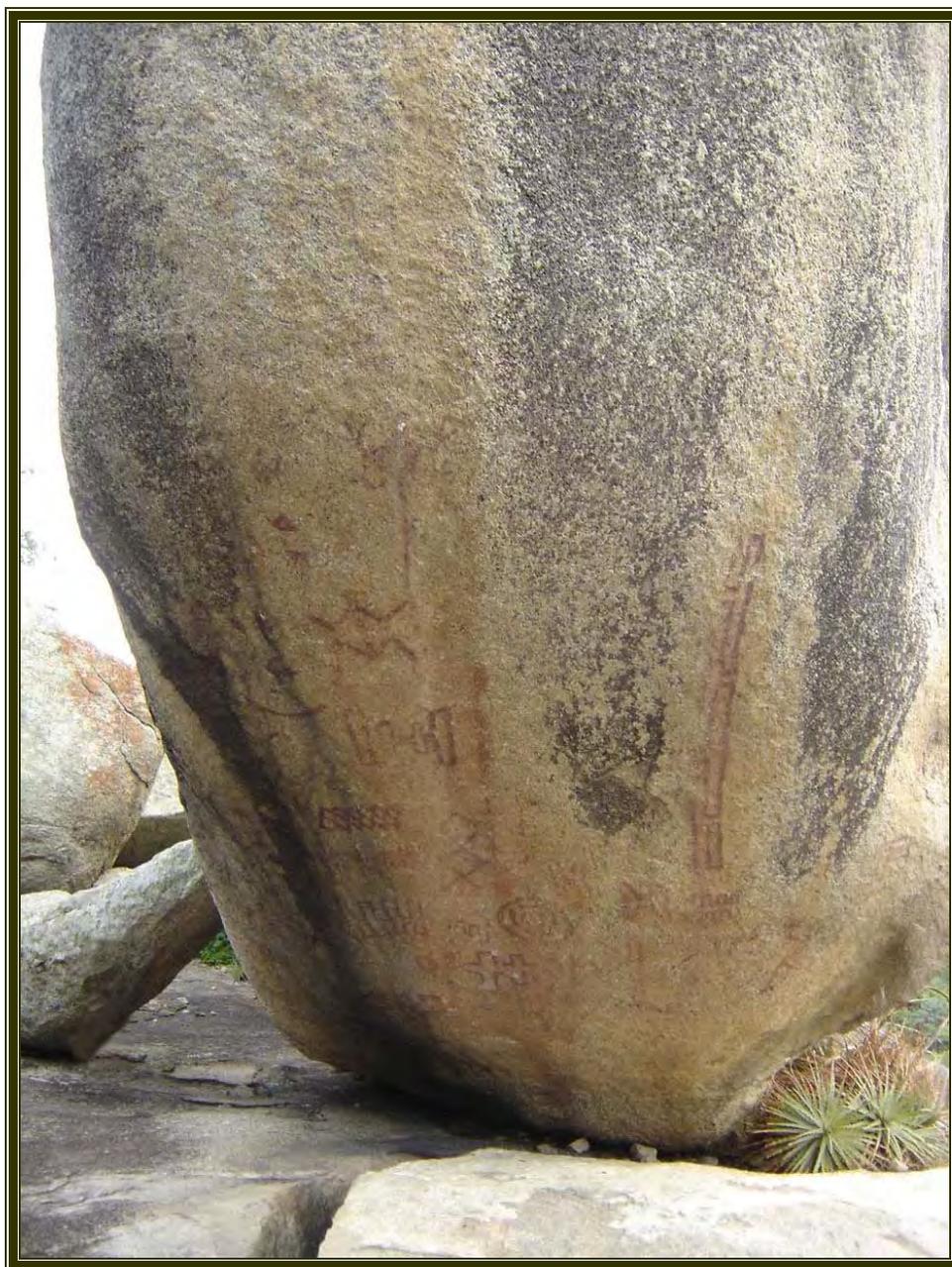


Foto 47 - Conjunto de grafismos da matacão 1 do Sítio Prata. Grafismos puros elaborados, antropomorfo e zoomorfo. Sítio Prata. Fonte: Marília Perazzo.

4.3.3 Os Sítios Arqueológicos de Catimbau

Sítio Homem sem Cabeça



Foto 48 - Sítio Homem Sem Cabeça localizado no primeiro plano da foto. A indicação da seta mostra o painel 1, exposto completamente às intempéries. Fonte: Marília Perazzo.

O sítio está localizado na encosta da Serra Branca, numa altitude de 940 metros. Localizado próximo ao topo do cânion, o sítio Homem sem Cabeça é um afloramento de arenito, de estratificação plana paralela horizontal. O intemperis-

mo químico imprime na rocha, de modo irregular, uma tonalidade creme escura amarelada, vermelho amarronzado a um vermelho intenso. Numa superfície recente da rocha, a coloração é creme esbranquiçada. Na área central do afloramento (mira NE) há uma concavidade com dimensões de 8,5 metros de largura, 1,5 metros de altura (na parte mais larga) e 1 metro de profundidade.

Nos dois lados do afloramento existem estruturas com concavidades, no entanto, nenhuma se dispõe como um abrigo, devido às pequenas dimensões. Os painéis rupestres apresentam grafismos apenas da Tradição Nordeste, estando localizados nas duas faces do afloramento (observador olhando para NE e SO). Esse sítio, até o momento, foi o único, na região de Catimbau, onde se encontram pinturas rupestres filiadas apenas à Tradição Nordeste.



Foto 49 - Detalhe do Painel 1. Pinturas rupestres da Tradição Nordeste representando cena de guerra. Fonte: Marília Perazzo.

O painel um, situado a NE do sítio, está localizado a 4 metros do solo, medindo 80 cm de largura (na sua face mais ampla) e 50 cm de altura, estando completamente exposto às intempéries. Na área do painel há deslocamentos na rocha, resultando no desaparecimento de fragmentos de alguns grafismos (Vide

foto 49). Fraturas na diagonal são observadas podendo ocasionar um desmembramento da rocha resultando na quebra do painel ao meio. No entanto, apesar de exposto aos agentes intempéricos, algumas figuras apresentam-se bem conservadas.

Painel composto apenas por antropomorfos, sem indicação de cabeça, com dimensões de 2,5 cm até 9 cm, compondo uma cena de guerra. Observam-se dois grupos representados localizados, em sua maioria, nas extremidades do painel. Os antropomorfos do grupo da direita estão representados com os braços erguidos em direção ao grupo rival, apenas um antropomorfo desse conjunto, o localizado a frente do grupo, aparece representado com os braços abertos, em posição de enfrentamento. Os componentes desse grupo aparecem de forma mais agrupada e com um maior número de figuras que o da esquerda, possuindo os grafismos dimensões menores e o corpo representado de forma mais arredondada.

O grupo da esquerda possui uma quantidade menor de figuras, representadas com os braços abertos e o corpo comprido e abaulado. Em todos os componentes desse grupo, com exceção do antropomorfo utilizando um adereço, a indicação de sexo está presente. Nesse grupo, três antropomorfos se destacam no conjunto geral do painel, pois dois estão deslocados do restante dos componentes e outro possui adereços em sua composição. Nesses três componentes pode-se observar na parte superior do membro inferior, uma maior exuberância no traçado, o que pode indicar a representação das coxas. Dos grafismos deslocados, o do plano superior está representado com os braços levantados voltados para o grupo da direita, direção indicada pela representação de sexo na margem direita da figura, possuindo, pois, dimensões maiores do que os antropomorfos do grupo rival. O antropomorfo representado segurando uma provável arma é o único na composição da cena que aparece utilizando um elemento nas mãos, estando representado na parte central inferior do painel. A expressão de movimento retratada por essa figura indica, de forma contundente, o retrato de uma cena de enfrentamento entre os grupos. Outro grafismo que se diferencia dos demais da composição gráfica é o antropomorfo utilizando um adereço nas costas. Esse tipo de adereço é observado nas representações ritualísticas dos Tupinambás, sendo utilizado pelos pajés da tribo como forma de diferenciação hierárquica. No entan-

to, não há como interpretar os grafismos devido ao hermetismo⁶⁸ das pinturas rupestres. No plano inferior do painel, três figuras antropomórficas com os braços abertos aparecem separadas do restante, com dimensões menores das demais representadas, dando uma conotação de não participação da cena.

Na outra face do afloramento (a SO do sítio) há dois painéis rupestres com grafismos da Tradição Nordeste. Localizados na área de concavidade da rocha, as pinturas estão mais protegidas das intempéries do que as do painel 1, entretanto, não possuem um estado de conservação como o observado nesse painel.

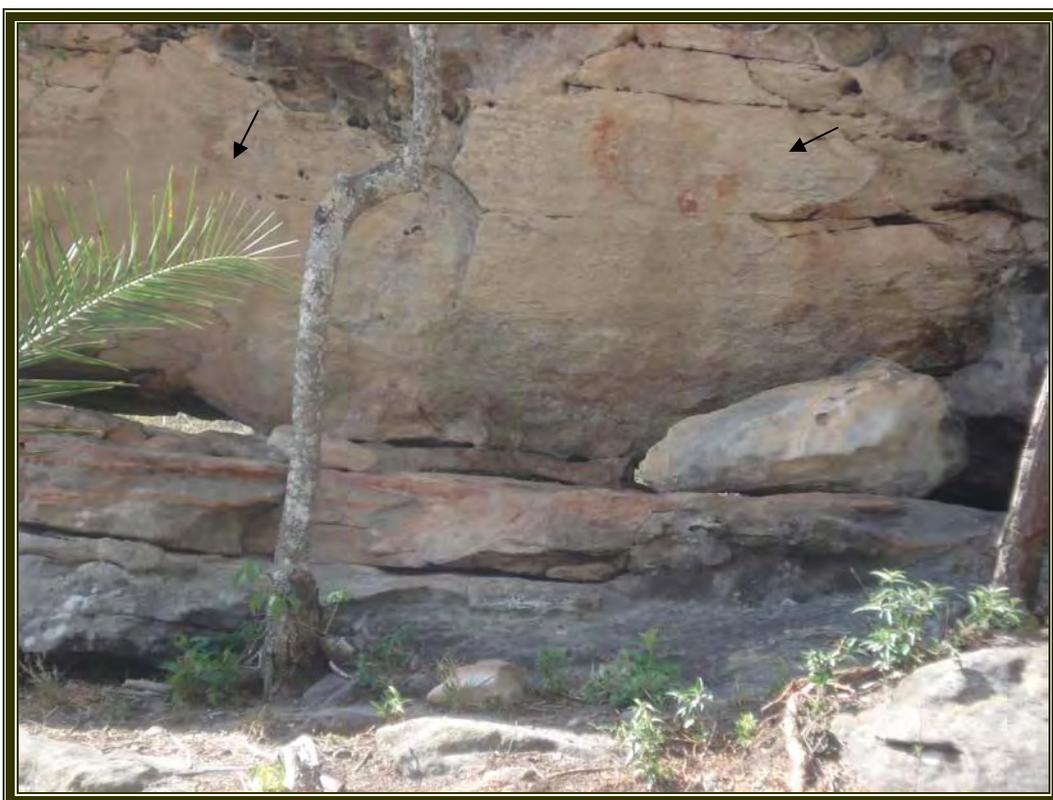


Foto 50 - Vista sudoeste do sítio onde estão localizados dois painéis rupestres da Tradição Nordeste indicado pelas setas. Fonte: Marília Perazzo.

O painel dois localiza-se a esquerda da foto acima indicada, possuindo a representação de apenas um antropomorfo isolado com figuras lineares paralelas não passíveis de reconhecimento. O pigmento utilizado na elaboração da figura

⁶⁸ “O hermetismo é uma das características, nas pinturas rupestres, dos grupos de ação que consideramos emblemáticos, nos quais reconhecemos as figuras, mas a mensagem nelas contidas está perdida. Esse hermetismo poderia ser necessário para manutenção das hierarquias no interior do grupo, das ideologias e da preservação das identidades.” MARTÍN, Gabriela. *Fronteiras Estilísticas e Culturais na Arte Rupestre da Área Arqueológica do Seridó (RN, PB)* IN: *CLIO Arqueológica* Nº 16 – Vol 1. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003. p. 17.

antropomórfica é vermelho, no entanto, mais claro do que o utilizado na elaboração das figuras representadas paralelamente ao antropomorfo. As esfoliações da rocha e o deslocamento destruíram parte da pintura, podendo, no entanto, serem observadas características morfológicas, tais como pernas e corpo, que possibilitam compreender a temática da figura.



Foto 51 - Representação isolada de um antropomorfo e de figuras não reconhecíveis. Fonte: Marília Perazzo.

O painel três está composto por três antropomorfos com dimensões diferenciadas. À esquerda do painel, o de maior dimensão, possui todas as características morfológicas de um antropomorfo bem definidas (cabeça, corpo e membros). Os braços, erguidos na direção norte, acompanham o movimento dos demais grafismos representados na cena. As duas figuras antropomórficas localizadas mais a direita do painel, não possuem representação de cabeça, o que as diferencia do grafismo de maior dimensão. O antropomorfo mais a direita está representado em um plano superior ao do grafismo central, indicando uma perspectiva de profundidade, o que denota uma idéia de movimento intrínseca a cena. Esse movimento impresso na cena é também observado na indicação dos braços

dos dois antropomorfos erguidos na mesma direção (direita da imagem) e no mesmo sentido (diagonal), com um artefato em punho. As esfoliações na rocha destruíram parte das pinturas, no entanto pode-se observar, apenas no antropomorfo mais a direita, um preenchimento maior na parte superior da representação das pernas, o que pode indicar a presença de coxas.

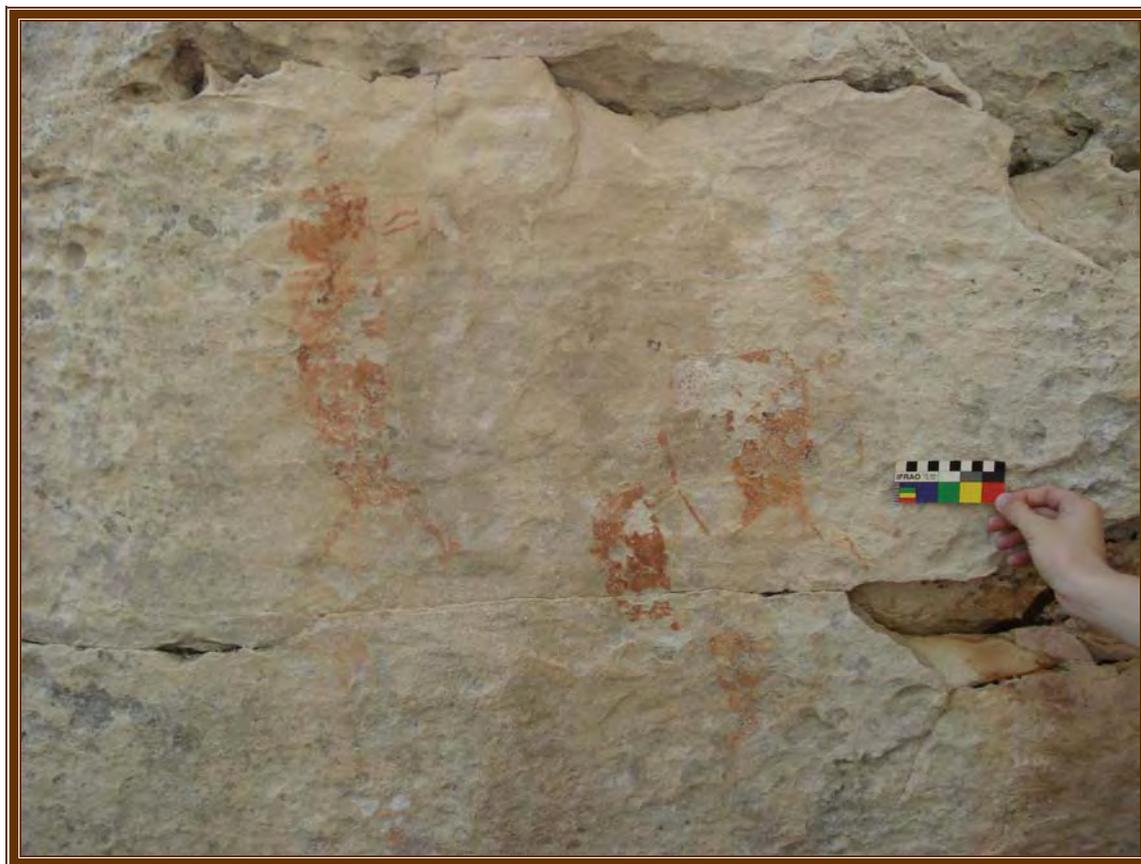


Foto 52 - Conjunto de figuras antropomórficas do painel três. Fonte: Marília Perazzo.

No painel três observa-se a presença de fraturas no plano horizontal e de deslocamentos da rocha, ocasionado à desintegração de partes das pinturas rupestres. Essas fraturas estão presentes em todo o afloramento, o que demonstra grande risco para os grafismos.

Sítio Serrinha



Foto 53 - Paredão onde se localizam as pinturas rupestres. Na parte basal observa-se um arenito com coloração mais clara e aspecto menos grosseiro comparado à área do arenito acinzentado. Fonte: Marília Perazzo.

Localizado a aproximadamente 100 metros do Homem Sem Cabeça sítio serrinha está situado na vertente da Serra Branca, na sua margem mais alta (Vide foto 56, sítio localizado no último plano da imagem, onde há uma estrutura de abrigo bem delineada pela quedas de blocos). Composto por um paredão de arenito grosseiro, com grão em torno de 1 mm até níveis de seixos angulosos com 1

cm de comprimento na dimensão maior do grão de quartzo, de estratificação horizontal, o sítio possui na sua extremidade direita um grande abrigo com acesso impossibilitado devido a presença de grandes blocos amontoados decorrentes de desmoronamentos. Essa queda de blocos se deu, provavelmente, devido as fraturas existentes na rocha, decorrentes dos agentes intempéricos. Dessa forma, a área visitada do sítio foi apenas a do paredão rochoso.

As pinturas rupestres localizadas no paredão rochoso quase vertical estão situadas, em sua maioria, na sua parte basal, bem próximas ao solo, onde o arenito apresenta-se mais fino, com uma tonalidade creme - amarelada a vermelho - amarronzada. O deslocamento da rocha, ocasionado pelo intemperismo, destruiu parte das pinturas, necessitando, com urgência, a presença de profissionais da área de conservação de pinturas, para que não se perca todo o acervo gráfico do sítio. Duas Tradições rupestres foram identificadas no conjunto gráfico do sítio, a Nordeste e a Agreste.

As pinturas da Tradição Nordeste possuem um maior número de grafismos, e estão localizadas perto do solo, na área onde o arenito possui coloração mais clara. Um conjunto gráfico com cinco foi identificado nessa área do sítio. A primeira representação está muito comprometida pelo deslocamento, no entanto, pode-se observar a representação de uma figura antropomórfica, pela composição do corpo e pelo traço, na margem direita superior da figura, indicando os resquícios do braço.

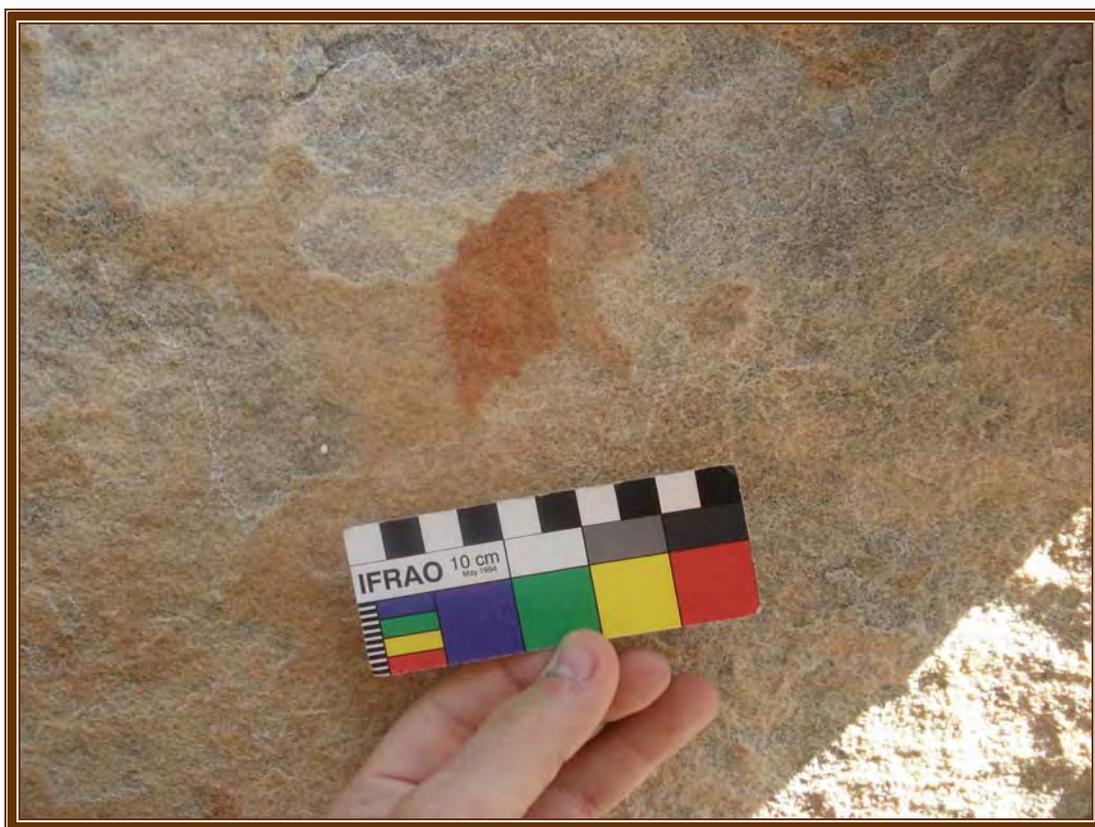


Foto 54 - Grafismo em parte destruído pela ação do deslocamento da rocha. Fonte: Marília Perazzo.

Um segundo grafismo encontrado é a figura de um antropomorfo isolado, com a parte inferior completamente destruída. A temática da figura é reconhecida devida à presença de traços essenciais de reconhecimento que compõe a imagem de um antropomorfo. Nesse caso, sem os membros inferiores, o antropomorfo possui representação de tronco, cabeça e membros superiores erguidos. A figura está representada de perfil, uma vez que o delineamento da cabeça em função do pescoço está acompanhando a direção dos braços.

O terceiro conjunto gráfico está composto por três antropomorfos enfileirados, onde dois estão localizados em um plano horizontal inferior à terceira figura, o que denota uma percepção de profundidade e circularidade da cena. Entre o primeiro e o segundo antropomorfo, observado da esquerda para a direita, há a presença de um grafismo linear, a exemplo de um artefato. O segundo antropomorfo encontra-se posicionado, em relação ao terceiro, de forma frontal, estando os grafismos lineares localizados entre os dois antropomorfos. (Foto 55)

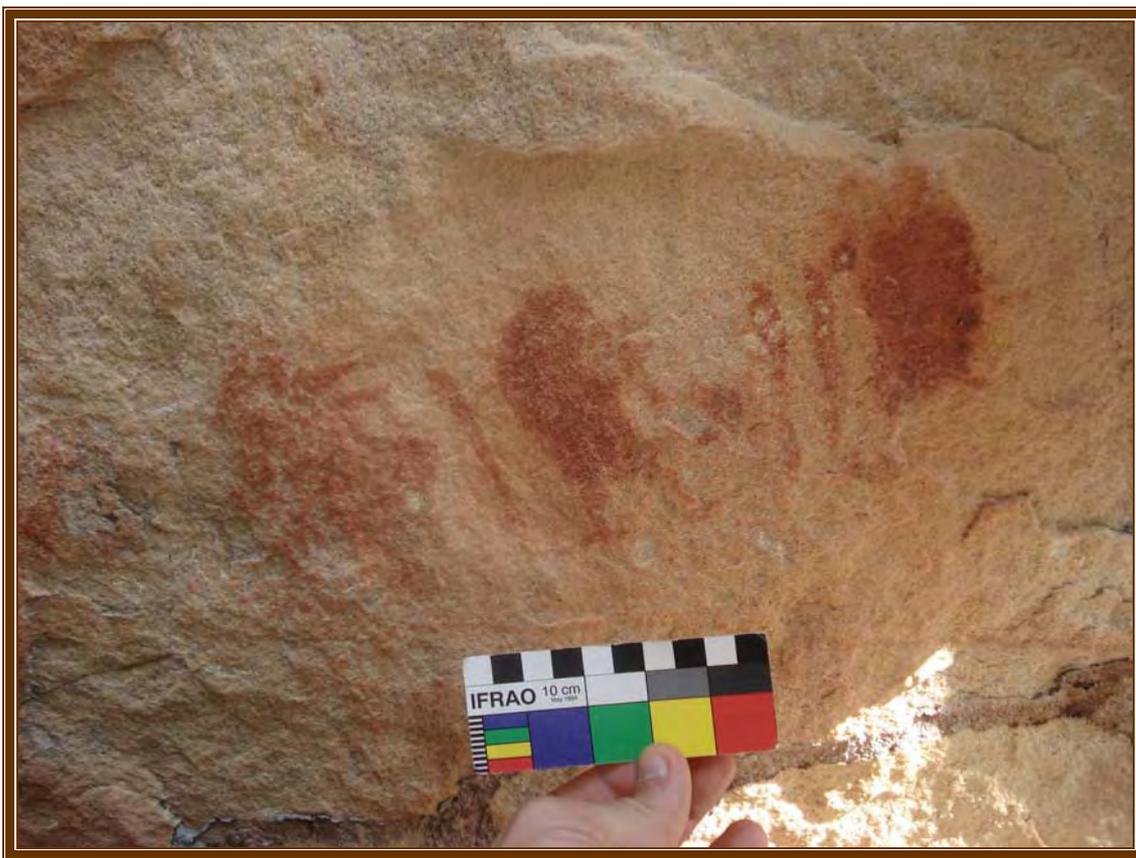


Foto 55 - Representação de antropomorfos enfileirados. Fonte: Marília Perazzo.

Outro conjunto gráfico encontrado está localizado a 15 cm do solo e aparece representado por uma figura zoomorfa associada a um grafismo não reconhecível. Ao lado esquerdo da imagem observam-se pequenos traços de um afigura provavelmente destruída pelo processo intempérico.

Além do deslocamento e esfoliação da rocha, os cupins são outros agentes passíveis de destruir os painéis rupestres da região. Em um grafismo com forma circular localizado a direita do quarto conjunto gráfico (Foto 56), os cupins sobrepõem a parte central da figura, tornando-se parte integrante dessa pintura.

Mais à direita do painel, após as representações gráficas da Tradição Nordeste, encontram-se três grafismos com técnicas de elaboração e temáticas completamente diferentes aos dos grafismos da Tradição Nordeste. O traço das figuras foi elaborado com outros tipos de ferramentas, uma vez que o traço é mais grosso do o observado na Tradição Nordeste, o detalhamento das figuras é menor e não há interação entre os elementos.



Foto 56 - Representação circular, em parte sobreposta por uma fileira de cupins. Fonte: Marília Perazzo.

Os grafismos da Tradição Agreste estão nesse sítio, representados por um grafismo composto por linhas que se cruzam nos planos verticais e horizontais, também conhecido com “armadilha” – típico dessa Tradição – um grafismo não reconhecível e um zoomorfo de contorno fechado não preenchido, medindo 40 cm de comprimento por 20 cm de largura, situado a 1,95 m do solo. As figuras dessa Tradição não formam cenas, estando, sobretudo, compostas de forma esquemática. Essas figuras também foram bastante afetadas pelos agentes do intemperismo.



Foto 57 - Representação zoomorfa de contorno fechado. Observa-se o deslocamento da rocha, agente destruidor de parte da pintura. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio do Veado



Foto 58 - Localização do sítio indicada pela seta. Observar o relevo escarpado que compõe o complexo morfológico do cânion. No topo, as irregularidades do terreno são decorrentes do intemperismo e erosão diferenciais. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio do Veado está localizado na escarpa da Serra Branca, localidade conhecida como Brejo de São José. De difícil acesso, o caminho para chegar ao sítio é feito pela Trilha do Cânion. O sítio é formado por um abrigo sob rocha, de arenito fino a muito fino, com estratificação horizontal paralela, onde se encontram pinturas rupestres da Tradição Nordeste e Agreste.

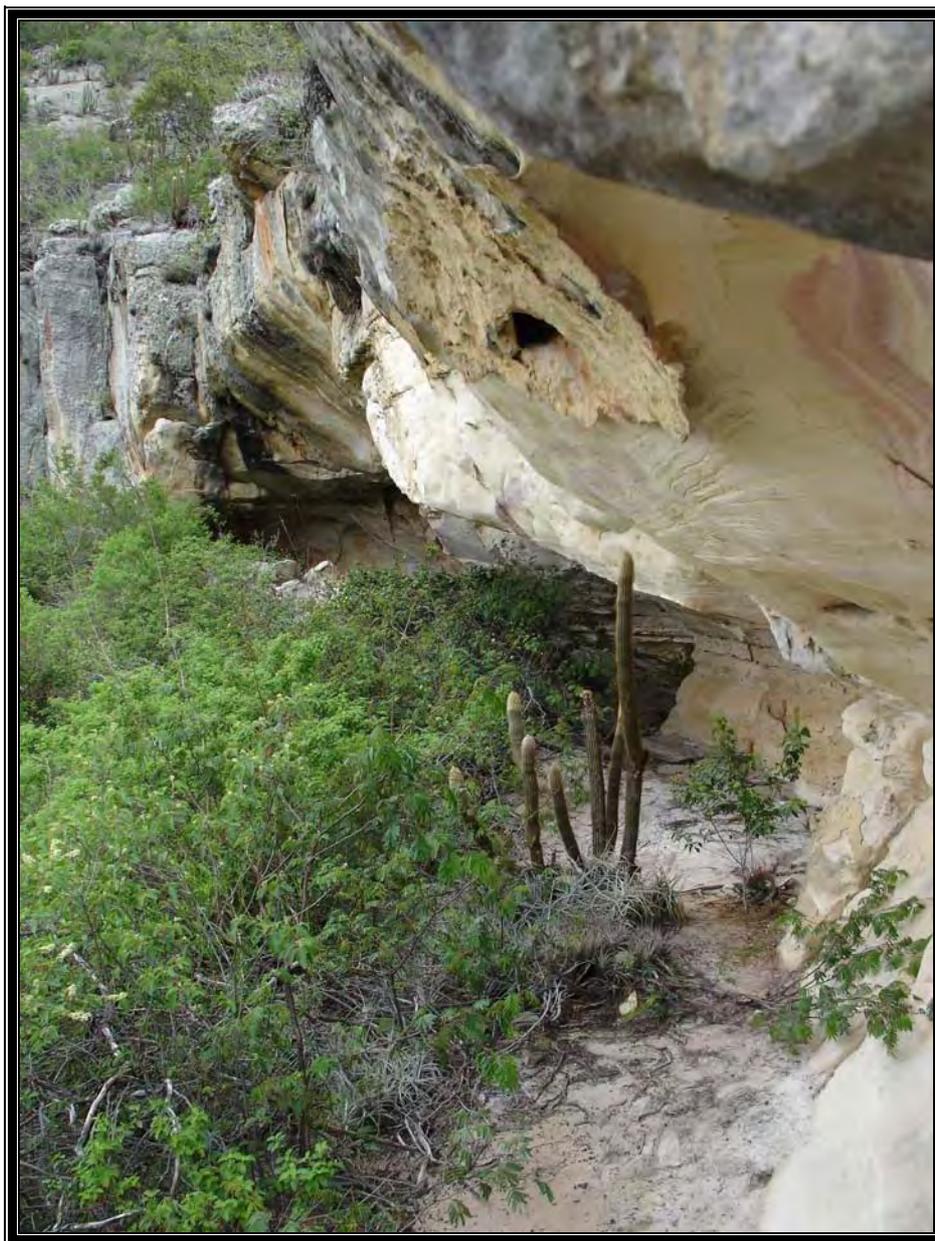


Foto 59 - Estrutura cavernícola em abrigo localizada na meia encosta da escarpa da Serra Branca. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

Três painéis rupestres foram identificados na área do abrigo. O painel um está composto por três nichos gráficos delineados no plano horizontal. O primeiro representa a figura de um Veado, com a indicação das patas bem definidas, o corpo delineado, indicação de cauda, cabeça, orelhas e chifres. O veado, como conhecido pelos habitantes da região, possui um dinamismo intrínseco à figura, impondo um movimento ao zoomorfo. As patas dianteiras estão representadas de forma paralela ao corpo do animal, seguindo o traçado da base do tronco, enquanto que as patas traseiras apresentam-se perpendiculares ao tronco. Essa

diferenciação na representação das patas, um par perpendicular e outro paralelo, impõem à figura a idéia de movimento.



Foto 60 - Abrigo sob rocha onde se localiza o painel 1. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

Outro aspecto observado é a representação da cabeça do animal em posição frontal, o que não acompanha a posição de perfil do restante da imagem, característica importante na observação da percepção de movimento da figura. Nos sítios do Sudeste do Piauí (Serra da Capivara), a representação de zoomorfos, principalmente de veados é majoritária na Tradição Nordeste e no estilo Serra da Capivara, possuindo um alto grau de complexidade. São grafismos com elaboração minuciosas, representados com uma dinâmica admirável⁶⁹. As representações de veados, na Serra da Capivara, podem aparecer de forma isolada ou formando cenas, associadas a antropomorfos e/ou zoomorfos, o que as diferenciam dos grafismos representado veados do sítio do Veado da área de Catimbau, único sítio, até o momento, encontrado contendo esse tipo de representação.

⁶⁹ PESSIS. A.M. *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHAM-PETROBRÁS. São Paulo; A&A Comunicação. 2003. P. 119.*



Foto 61 - Representação de um zoomorfo (veado). Observam-se os fraturamentos da rocha sobre o grafismo. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

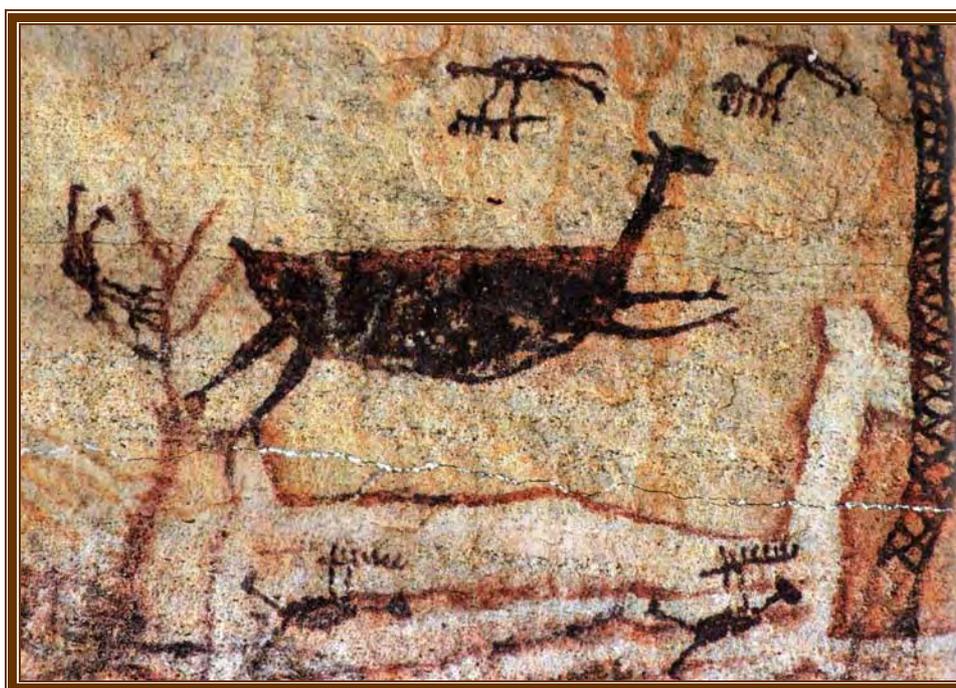


Foto 62 - Cena de caça ao veado. Sítio Toca do Estevo III. Fonte: PESSIS. A. M. *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. p. 134.*



Foto 63 - Representação de um zoomorfo sobreposto por grafismos da Tradição Agreste. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

O segundo nicho é composto por um grafismo da Tradição Nordeste sobreposto por um conjunto de pinturas da Tradição Agreste. A sobreposição, processo de pintar sobre uma pintura pré-existente, foi percebida, nesse sítio, como uma escolha cultural do grupo, pois não há ausência de espaço para pintar e, sobretudo, o conjunto de grafismos agreste encontra-se sobrepondo apenas um grafismo do painel.

Esse aspecto é interessante, pois, a figura do veado pintada à esquerda desse conjunto gráfico, não sofreu nenhum tipo de sobreposição, estando da mesma forma como foi pintada originalmente. Na figura, observam-se, pelo menos, duas camadas de pinturas, a primeira, mais antiga, representada por um zoomorfo, provavelmente com características semelhantes ao descrito anteriormente, possuindo uma coloração amarronzada, diferente das demais pinturas, todas elaboradas em tons avermelhados. Esse grafismo possui apenas, devido ao deslocamento da rocha, as representações das patas dianteira, do corpo e parte do pescoço. Dessa forma, a morfologia do grafismo é semelhante ao do zoomorfo descrito anteriormente, não possuindo recorrência apenas na morfologia do pes-

coço, mais alongado que no primeiro. Sobrepostos ao zoomorfo, encontram-se grafismos puros lineares e pontilhados, encontrados em diversos sítios da Tradição Agreste.

Um conjunto de círculos concêntricos pintados na parte superior do painel, sobrepondo parte do zoomorfo, é também representado no terceiro nicho do painel. O conjunto de círculos desse nicho possui, em sua parte superior, três linhas que desenhadas tendo início no círculo mais externo, se curvam e voltam para o mesmo círculo, mas em pontos divergentes.

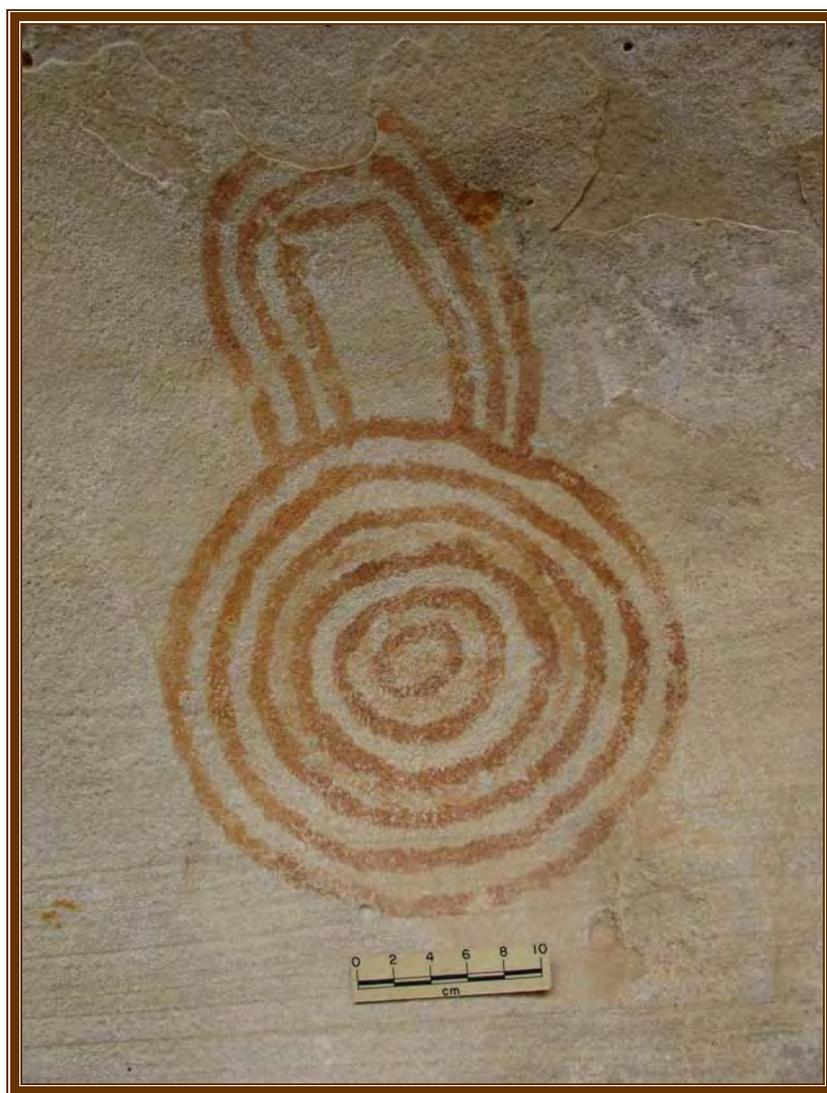


Foto 64 - Conjunto de círculos concêntricos. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

O painel dois localiza-se à direita do um, possuindo três conjuntos gráficos eqüidistantes. O primeiro, a esquerda do painel, está representado por um conjun-

to de linhas verticais paralelas entre si, comum nos sítios da área de Catimbau. O segundo, no plano inferior direito, é composto por pontos enfileirados, também recorrentes nos demais sítios da área, principalmente Casa de farinha, Pititi e Pedra da Concha I.



Foto 65 - Conjunto de grafismos rupestres do painel dois. Na ilustração, são observadas a estratificação horizontal do arenito e cavidades oriundas de intemperismo e erosões diferenciais. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

O terceiro conjunto gráfico, muito destruído pelo deslocamento e esfoliação da rocha, é composto por um conjunto de antropomorfos enfileirados no plano horizontal. Esse tipo de representação gráfica é comum em sítio da Tradição Nordeste, na área do Seridó e do Parque Nacional Serra da Capivara - PI (Foto 66). Os registros gráficos que compõem essa cena estão em processo de destruição, em função do deslocamento da rocha, mas alguns aspectos podem ser observados. Todos os antropomorfos, a primeira vista, possuem morfologias recorrentes como presença de cabeça arredondada, corpo e membros superiores elevados para o plano superior. Das figuras que ainda podem ser percebidas, todas possuem os membros superiores erguidos em direção à outra figura, podendo, essas, estar em posições frontais, ou uma de costas para outra, seguindo a com-

posição da fila. Outro aspecto observado é a representação de antropomorfos em planos horizontais diferenciados, o que denota uma idéia de profundidade na realização da cena. As figuras humanas possuem pequenas dimensões, variando de 1,5 a 2 cm de largura. Na foto 67 observa-se uma fratura, que corta o painel na diagonal, no plano superior, passando no centro do espaço onde a cena se comporta. Esse fraturamento pode ocasionar na queda de bloco, desmembrando a cena pela metade.

O painel três é composto por um grafismo representando uma mão, localizado no teto do abrigo, à direita do painel dois. As representações de marcas de mão, localizadas na parte superior dos painéis ou no teto dos abrigos, são características da Tradição Agreste, sendo observadas em diversos sítios da região como Caina, Alcobaça, Pedra da Concha I e Pedra da Concha II.

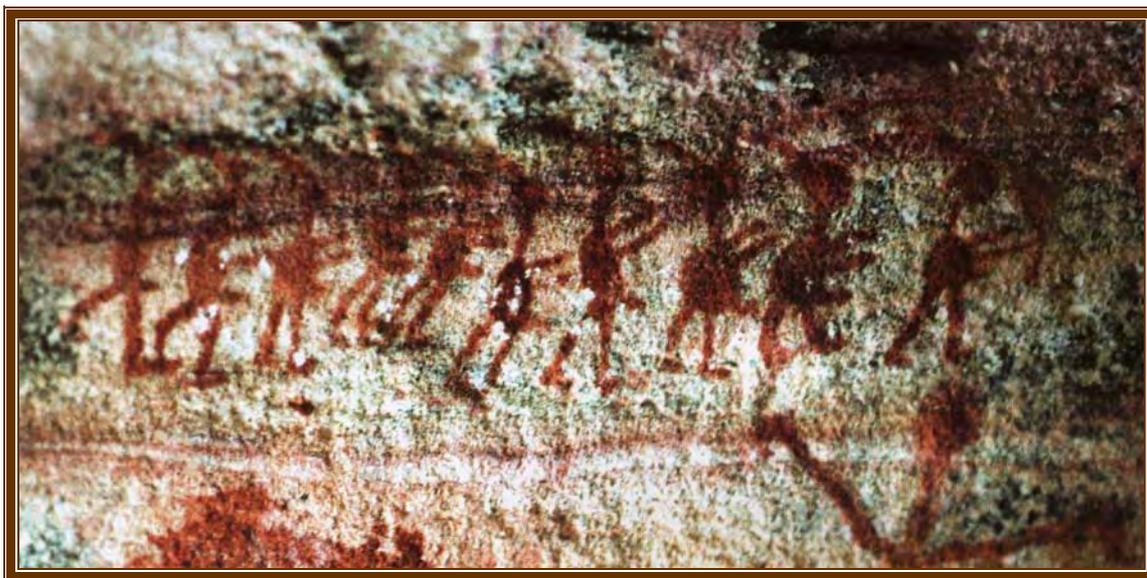


Foto 66 - Fileira de antropomorfo com dimensões miniaturizadas. Sítio Toca da Subida da Serri-
nha I. Parque Nacional Serra da Capivara – PI. Fonte: PESSIS. A. M. *Imagens da Pré-História.*
Parque Nacional Serra da Capivara. p. 93.

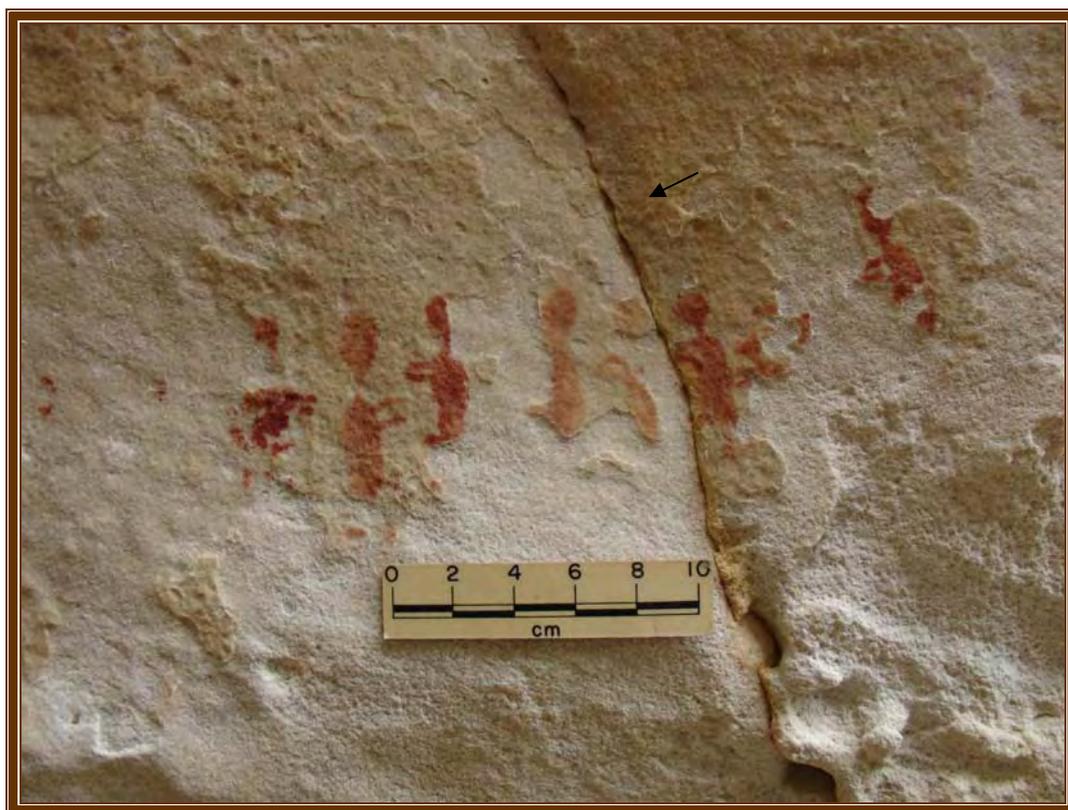


Foto 67 - Detalhe do painel 2. Conjunto de antropomorfos enfileirados. No centro da ce-
na observa-se a presença de um fraturamento. Sítio do Veado. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Caiana



Foto 68 - Vista panorâmica do Sítio Caiana. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Caiana é um abrigo sob rocha, com dimensões de aproximadamente 29 metros de extensão, 5 m de profundidade e 3,5 m de altura, localizado na meia encosta da serra Branca, localidade conhecida como Brejo de São José. A sete metros do sítio existe um caldeirão, que enche em épocas de chuva. Devido a sua localização no relevo, do sítio pode-se observar toda a área do Brejo e par-

te do vale, o que torna o abrigo bastante seguro do ponto de vista de localização, uma vez que qualquer visitante que queira chegar ao sítio pode ser visto do abrigo.

Na foto 68, observam-se dois pacotes sedimentares de natureza distinta, onde, na sua intersecção, formam-se as estruturas de abrigo. O pacote sedimentar inferior constitui o piso dos abrigos e o superior, devido aos processos de intemperismo e erosão, possibilitou a constituição dos abrigos. É provável que em outros locais, na região de Buíque, estruturas de abrigos estejam condicionadas a esses aspectos litoestratigráficos com uma imposição subsequente no modelado do relevo.



Foto 69 - Abrigo sob rocha - Sítio Caiana. Fonte: Marília Perazzo.

Dos dois abrigos existentes entre dois pacotes sedimentares, apenas no primeiro estão presentes os registros rupestres da Tradição Agreste. Nesse sítio, todas as pinturas estão localizadas no teto do abrigo, uma característica peculiar do Caiana. Os grafismos rupestres nesse sítio são policromáticos, sendo observados vários tons de vermelho, além do amarelo e preto. No painel, figuras

antropomórficas esquemáticas, compostas por tronco, cabeça, pernas e braços abertos aparecem ao lado de grafismos puros bicromáticos sem formar cenas.



Foto 70 - Representação de grafismos puros de contorno aberto bicromáticos. Sítio Caiana. Fonte: Marília Perazzo.

As marcas de mãos em positivo aparecem em todo o painel além, da presença de marcas de mãos com as palmas desenhadas com listras e com círculos concêntricos. Vários grafismos puros são observados no painel tais como círculos concêntricos, linhas verticais paralelas e figuras esquemáticas. Na parte central do painel existe uma composição gráfica diferente de todas as vistas na região. Uma figura zoomorfa de contorno fechado, preenchida com pontos, composta apenas pelo desenho do corpo e calda medindo 2,65 m de comprimento por 65 cm de largura. Devido ao deslocamento da rocha, a parte da provável cabeça está destruída, o que não permite uma identificação completa da figura. Apenas a parte central desse grafismo está preenchida, (mais precisamente a área do tronco), o que indica uma figura inacabada no painel.



Foto 71 - Representação de marca de mão com a palma desenhada com listras. Sítio Caiana. Fonte: Marília Perazzo.



Foto 72 - Representação de marcas de mão com a palma desenhada com círculos concêntricos. Sítio Caiana. Fonte: Marília Perazzo.



Foto 73 - Figura zoomorfa de contorno fechado. Sítio Caiana. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Pedra da Concha I



Foto 74 - Afloramento onde está localizado o Sítio Pedra da Concha I. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Pedra da Concha I está localizado na vertente do vale, na localidade conhecida por Sítio Aparecida, nas proximidades do Riacho do Brejo. O sítio constitui um afloramento isolado *in situ* que representa um testemunho, já bastante rebaixado topograficamente, da Serra Branca, sendo composto por arenito de cor variando de cinza – esbranquiçado a branco – acinzentado, bem como níveis

ferruginosos que dão uma tonalidade avermelhada em função do intemperismo químico. O sítio não possui um bom estado de conservação caracterizado, sobretudo, pelo deslocamento da rocha – que ocasiona a destruição de algumas figuras do painel – a presença de fraturas nos planos horizontais e verticais, além da presença de fileiras de cupins sobrepondo algumas pinturas rupestres do painel. O arenito possui uma estratificação horizontal paralela, percebida, principalmente, pela variação granulométrica da rocha. No afloramento há uma concavidade, em forma de cocha, onde o painel de pinturas rupestres está representado. Nesse painel, podem-se observar grafismos da Tradição Nordeste muitas vezes sobreposto por grafismos da Tradição Agreste.



Foto 75 - Painel contendo grafismos da Tradição Nordeste e Agreste, com sobreposições da segunda sobre a primeira. Fonte: Marília Perazzo.

As pinturas da Tradição Nordeste estão distribuídas por todo o painel, compondo diversas cenas com apresentações gráficas distintas. Figuras antropomórficas diversas vezes associadas entre si e a presença de um grafismo com temática não reconhecida, mas encontrada com as mesmas características morfológicas na região do Seridó, são os grafismos da Tradição Nordeste observados na composição gráfica do sítio.



Foto 76 - Representação de antropomorfos enfileirados. Observam-se cupins encobrindo parte do grafismo. Sítio Pedra da Concha I. Fonte: Marília Perazzo.

À esquerda do painel, a primeira cena analisada foi a composta por cinco antropomorfos enfileirados, com as representações morfológicas dos corpos bem definidas (membros superiores e inferiores, tronco e cabeça). Os braços erguidos em direção à figura seguinte denotam a integração entre os elementos da composição. Apenas um antropomorfo da cena possui um adorno, cujas características representadas não permitem reconhecimento, entretanto é importante realçar que esse antropomorfo está representado em um plano horizontal inferior aos demais, dando uma idéia de movimento a cena. Esse tipo de representação de antropomorfos enfileirados contendo indumentária em um dos indivíduos é comum em sítios de Tradição Nordeste, podendo ser observadas nas áreas do Seridó (Sítio Casa Santa) e do Parque Nacional Serra da Capivara (Sítio Toca da entrada do Baixão da Vaca). Duas outras representações de antropomorfos enfileirados foram observadas no painel, aparecendo às figuras em posições frontais e dispostas lado a lado, no entanto, as esfoliações da rocha destruíram parte das cenas, restando apenas traços identificatórios necessário para o reconhecimento da temática, o que as diferencia da cena acima observada.

A segunda cena observada está composta por, pelo menos, quatro antropomorfos enfileirados verticalmente, representados em planos horizontais diferenciados em direção ao topo do painel. Essa representação é recorrente em sítios de pinturas rupestres da Tradição Nordeste no Parque Nacional Serra da Capivara – PI, onde se podem observar tais elementos associados a figuras fitomorfas e zoomorfas, como é o caso dos grafismos dos sítios Toca da Entrada do Pajaú e Toca do Baixão das Mulheres I.

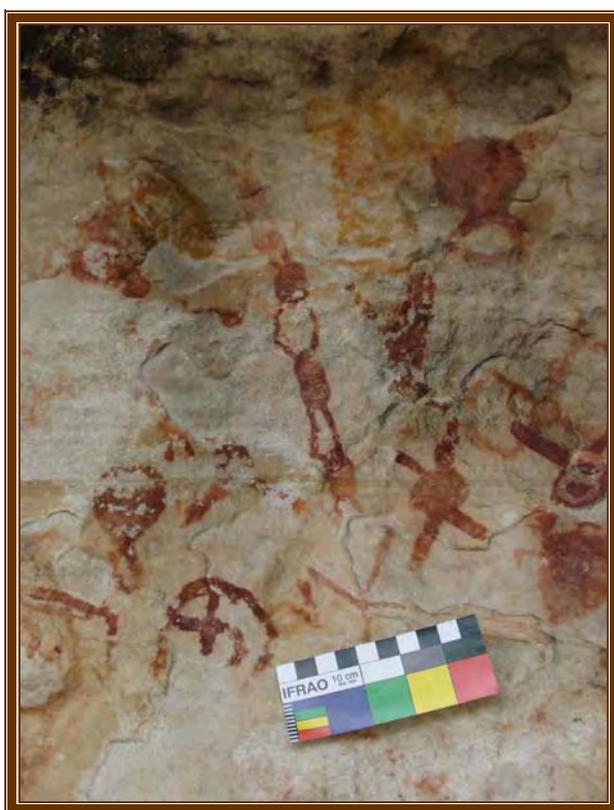


Foto 77 - Figuras antropomorfas representadas de uma acima da outra em fileira vertical. Sítio Pedra da Concha I. Fonte: Marília Perazzo.

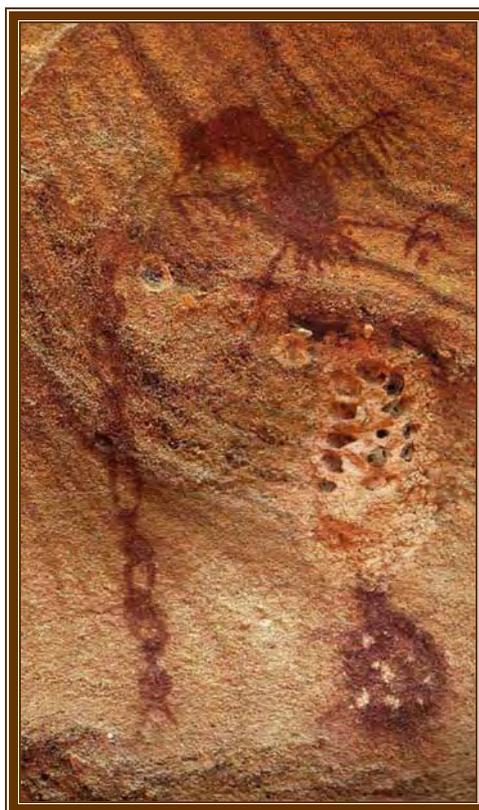


Foto 78 - Conjunto de figuras antropomorfas dispostas verticalmente. Sítio Toca do Baixão das Mulheres I. PARNA Serra da Capivara. Fonte: PESSIS. A.M. *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. p.59.*

A terceira cena observada é composta por dois antropomorfos representados em planos horizontais distintos e proporções diferenciadas. Os grafismos aparecem próximos um do outro, o primeiro com os braços erguidos em direção ao segundo, e o segundo com os braços erguidos em direção leste. A proximidade dos grafismos, aliada ao posicionamento dos elementos estando às genitálias bem acentuadas, indicam uma cena de sexo com dois elementos. Esse tipo de

representação é comum nos grafismos da Tradição Nordeste da Serra da Capivara, podendo aparecer na composição da cena dois ou mais elementos.



Foto 79 - Representação de antropomorfos em cena de sexo. Sítio Pedra da Concha I. Fonte: Marília Perazzo.

Situado abaixo dessa cena, observa-se a representação de um grafismo não reconhecível, mas identificado em sítios do Seridó (Casa Santa, Toca do Messias), na Paraíba (Sítio do Letreiro) e em Minas Gerais, conhecido por pirogas, devido a sua morfologia recorrente a de pequenas embarcações. Essa denominação foi reconsiderada pela Dr^a Gabriela Martín⁷⁰, quem inicialmente identificou o grafismo, e pela Dr^a Anne-Marie Pessis apoiada em fontes etnográficas pôs em dúvida a identificação desses grafismos como pirogas, inclinando-se a identificá-los como redes. Vários cronistas dos séculos XVI e XVII descreveram os rituais funerários dos grupos indígenas (Tupinambás), mostrando que a prática funerária de enterrar os mortos em redes era freqüente na época. Os questionamentos levantados pelas pesquisadoras demonstram as dificuldades e o perigo que se corre ao se tentar interpretar tais registros gráficos. O hermetismo desses grafismos, não permite uma interpretação, principalmente quando não se dispõe de elementos identificadores bem definidos.

⁷⁰ MARTÍN, Gabriela. Fronteiras Estilísticas e Culturais na Arte Rupestre da Área Arqueológica do Seridó (RN, PB) IN: CLIO Arqueológica Nº 16 – Vol 1. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003. P. 17.



Foto 80 - A direita da foto observa-se a figura da “piroga”, com representações de antropomorfos no entorno. Observam-se as sobreposições, indicadas pela seta, de grafismos da Tradição Agreste sobre aos da Nordeste. Sítio Pedra da Concha I. Fonte: Marília Perazzo.



Foto 81 - Grafismo emblemático da subtradição Seridó. Sítio Furna do Messias. Seridó – RN. Fonte: MARTÍN, Gabriela. Fronteiras Estilísticas e Culturais na Arte Rupestre da Área Arqueológica do Seridó (RN, PB) IN: CLIO Arqueológica Nº 16 – Vol 1. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003. p. 18

O painel está coberto por pinturas rupestres representando antropomorfos e figuras não reconhecíveis. No plano inferior da foto 80 observa-se uma fileira de antropomorfos, já desgastada pelas intempéries, mas representada por antropomorfos enfileirados, representados de perfil, em direção a um antropomorfo com dimensões maiores e uma postura diferenciada da dos demais, com os braços erguidos para cima, em direção ao topo do painel. A representação em planos horizontais diferenciados denota uma perspectiva de profundidade e movimento intrínseco à cena.

As figuras da Tradição Agreste estão espalhadas por todo o painel, sobretudo, sobrepondo os grafismos da Tradição Nordeste. A presença de marcas de mãos em positivo, na parte superior do painel, além de círculos concêntricos, figuras pontilhadas e grafismo com tendência ao geometrismo são características da Tradição Agreste, estando presentes em outros sítios da região com características gráficas da Tradição Agreste.

Sítio Pedra da Concha II



Foto 82 - Vista Leste do Sítio Pedra da Concha II. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Pedra da Concha II está localizado na vertente do Vale, na localidade conhecida como Sítio Aparecida, a aproximadamente 100 metros do Sítio Pedra da Concha II. Possuindo uma cavidade em forma de concha, o sítio é um afloramento composto por arenito fino milimetricamente com bancos de arenito grosseiro (conglomerático) com seixos angulosos, subangulosos e, menos frequente, arredondados com fragmentos que chegam a 1 cm (no comprimento maior) Com estratificação paralela e horizontal além de muitas cavidades de dissolução, formadas pela infiltração de água na rocha. As pinturas rupestres desse sítio estão localizadas na superfície de coloração amarelo-esbranquiçada e estão filia-das a Tradição Agreste.

As representações observadas no painel estão dispostas de forma isolada e sem formar cenas, estando compostas por um conjunto de marcas de mão em positivo e outro cujas palmas das mãos estão desenhadas com formas elípticas,

círculos concêntricos, além de três conjuntos de grafismos formados por pontos. Um grafismo puro com bordas retangulares preenchido internamente com formas triangulares, foi observado no plano central inferior do painel, destruído pela metade devido à ação de um caçador da região. As pinturas rupestres são da Tradição Agreste, sendo recorrentes em outros sítios da região. Fraturamentos na horizontal e vertical ameaçam o sítio além da presença de cupins sobrepondo às pinturas.



Foto 83 - Conjunto de círculos concêntricos e, no plano superior da imagem, uma marca de mão em positivo. Sítio Pedra da Concha II. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Pititi

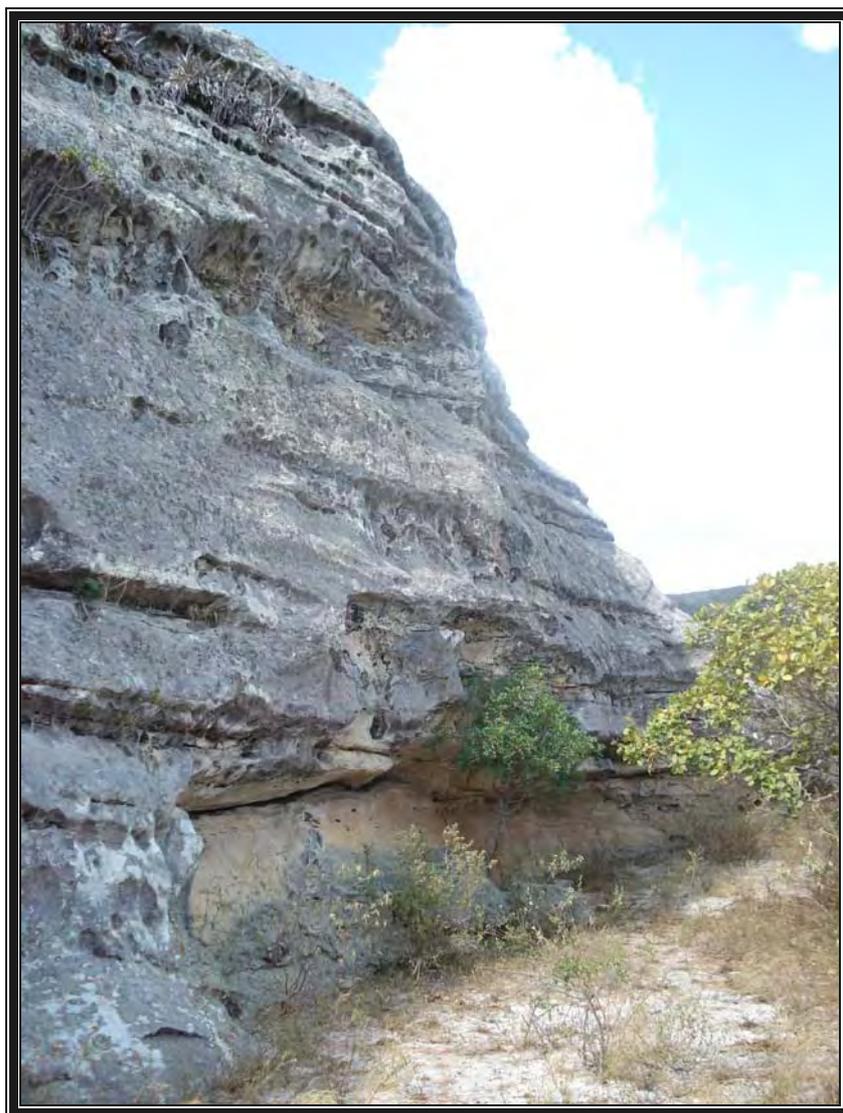


Foto 84 - Sítio Pititi. Fonte: Marília Perazzo.

Localizado na vertente do vale, a aproximadamente 250 metros do Sítio Pedra da Concha II, está localizado no Morro dois Irmãos, na localidade de mesmo nome, Sítio Pititi. É um afloramento isolado de arenito com estratificação horizontal, testemunho da Serra Branca. No morro há uma cavidade com dimensões de 1,60 metros de altura por 10 metros de comprimento e 1,50 metros de profundidade, não formando um abrigo, devido às pequenas dimensões, onde estão localizados os registros rupestres. Nesse sítio há uma grande concentração de gravuras rupestres, além de algumas pinturas da Tradição Agreste.

O painel de pinturas está bastante erodido, podendo-se observar deslocamentos da rocha e, conseqüentemente, a destruição de pinturas. O sítio é composto por uma grande quantidade de gravuras, estando algumas sobrepostas as pinturas. As pinturas rupestres observadas são linhas paralelas na horizontal, círculos concêntricos, conjunto de pontos dispostos de forma circular, além de grafismos compostos por traços na horizontal e vertical que se cruzam formando ângulos retos. Dos sítios da Tradição Agreste da região de Catimbau, Pititi é um dos poucos da região, associado ao sítio Casa de farinha e Toca do João, onde não há representação de marcas de mão no painel, cuja recorrência é característica dessa Tradição.



Foto 85 - Representações de grafismos puros sobrepostos por uma gravura. Sítio Pititi. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Casa de Farinha



Foto 86 - Topo do abrigo sob rocha do sítio Casa de Farinha. A seta indica o teto do abrigo. A esquerda da foto observa-se os paredões avermelhados da Serra de Jerusalém e, no último plano da foto, o vale. Destaca-se a vegetação densa do Brejo de São José. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Casa de Farinha localiza-se na Vertente do Vale, nas proximidades da Serra Branca. O sítio é formado por um abrigo sob rocha com dimensões de 15 metros de comprimento por 5 metros de largura e 3 metros de altura, composto por arenito estratificado horizontalmente com diversas cavidades de dissolução formadas pela infiltração de água na rocha. Do teto do abrigo pode-se observar o vale e a Serra de Jerusalém, onde, em épocas de chuva, forma-se uma queda d'água.

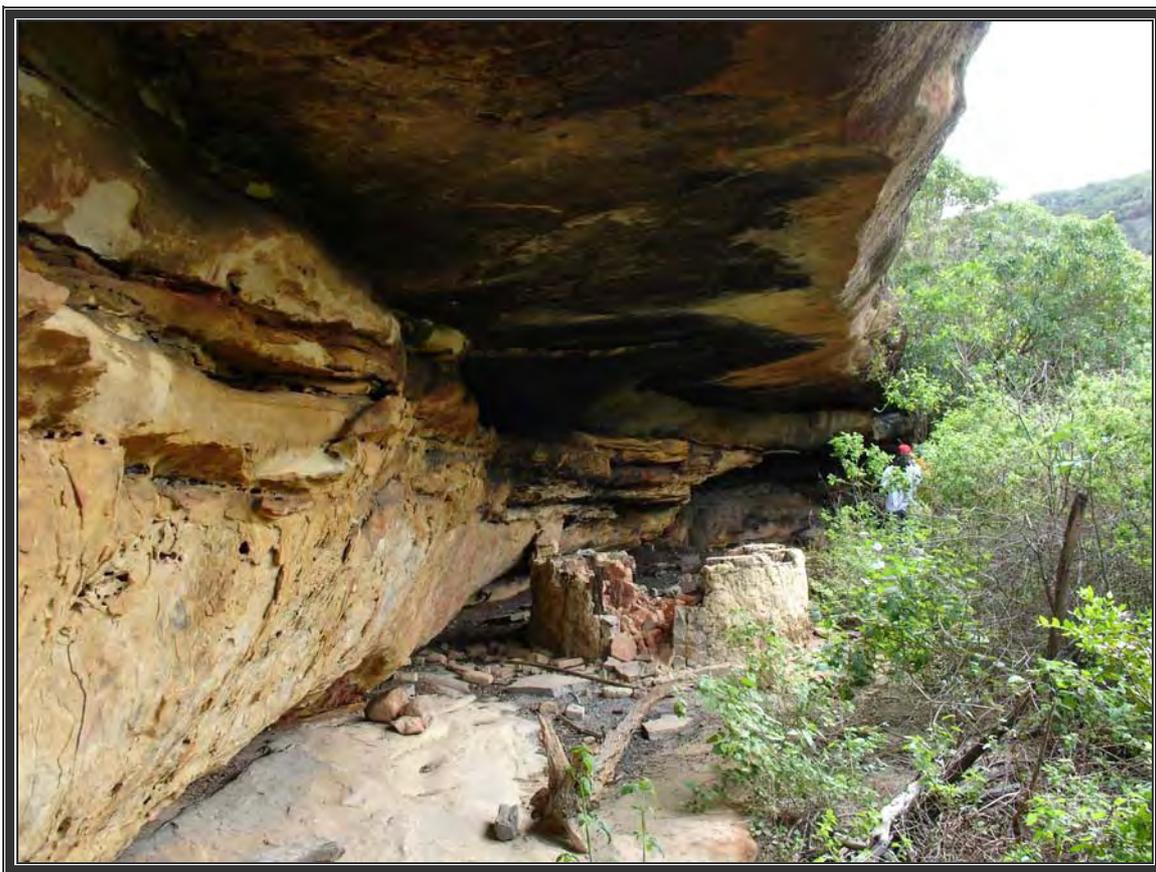


Foto 87 - Abrigo sob rocha do Sítio Casa de Farinha. Fonte: Ricardo Pessôa

No sítio, é observado um forno desativado, motivo pelo qual foi dado o nome Casa de Farinha ao sítio. Em decorrência do fogo e da fumaça a que o sítio ficou exposto por um longo tempo, as paredes e o teto do abrigo apresentam uma grande concentração de fuligem, que, provavelmente, encobriu muitas pinturas. Ao longo do paredão do abrigo foram observados quatro painéis de pinturas rupestres da Tradição Agreste. O primeiro, a norte do abrigo, é composto por círculos concêntricos, linhas paralelas, além de grafismos, cuja composição, impossibilita o reconhecimento.

O painel 2 localiza-se na parte central do abrigo, sendo composto por três nichos de pinturas. O primeiro é formado por um conjunto de pontos enfileirados formando uma figura poligonal com bordas arredondadas, e preenchida internamente por listras ponteadas. Na parte inferior do grafismo a direita encontram-se dois tridígitos, recorrentes no nicho 2.

No nicho 2 observam-se diversos tridígitos distribuídos, além de linhas paralelas e pontos enfileirados. Algumas figuras compostas por um tronco e ramificações nas diversas direções, ao modo de representações de fitomorfos, foram observadas nessa parte e no nicho 3 do painel.

O nicho 3 do painel está bastante deteriorado, com deslocamento acentuado de rochas. Por esse motivo, algumas pinturas foram parcialmente destruídas. Nessa parte do painel observa-se uma figura antropomorfa, representada sem cabeça, com os membros inferiores e superiores abertos e indicação de três dedos bem definidos. Esse grafismo aparece em diversos painéis da Tradição Agreste. Ao lado do antropomorfo aparece uma figura composta por tronco e ramificações dispostas em diversas direções, ao modo de fitomorfos (como foi observado no nicho 2). A direita dessas figuras aparece uma representação de um provável fitomorfo isolada, talvez devido à queda de placas da rocha que destruiu as demais figuras desse nicho.



Foto 88 - A direita figura fitomorfa e, à esquerda, antropomorfo ao lado de um fitomorfo (observar setas). Nicho 3 do Painel 2. Sítio Casa de Farinha. Fonte: Marília Perazzo.

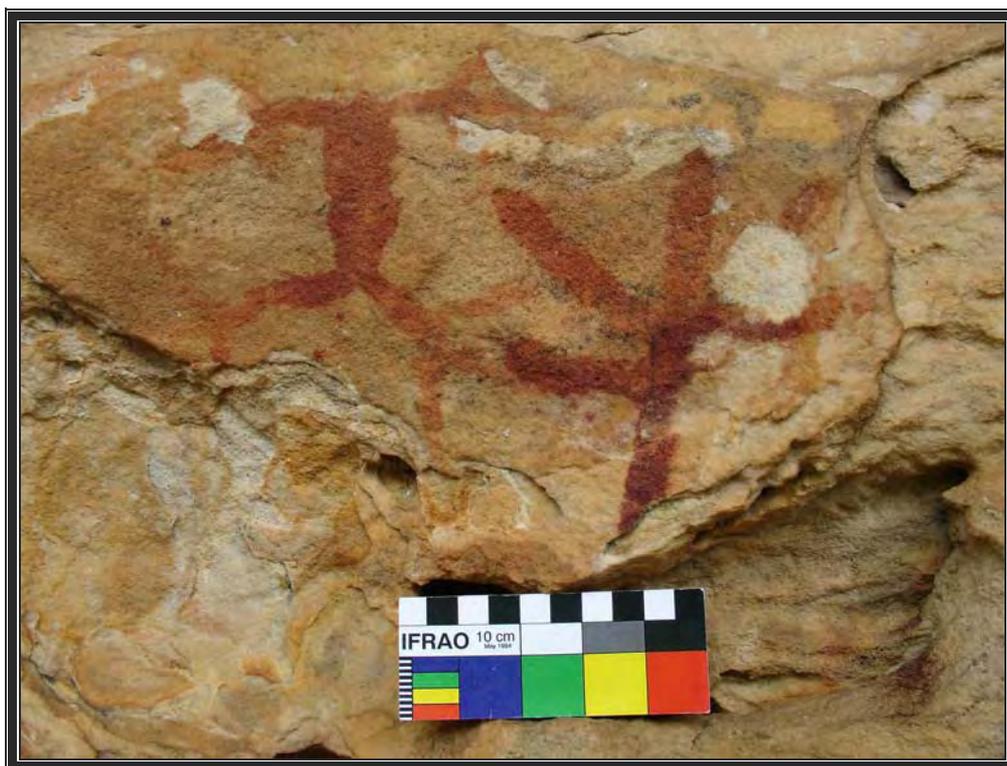


Foto 89 - Representação de um antropomorfo e fitomorfo. Detalhe do painel 2. Sítio Casa de Farinha. Fonte: Marília Perazzo.

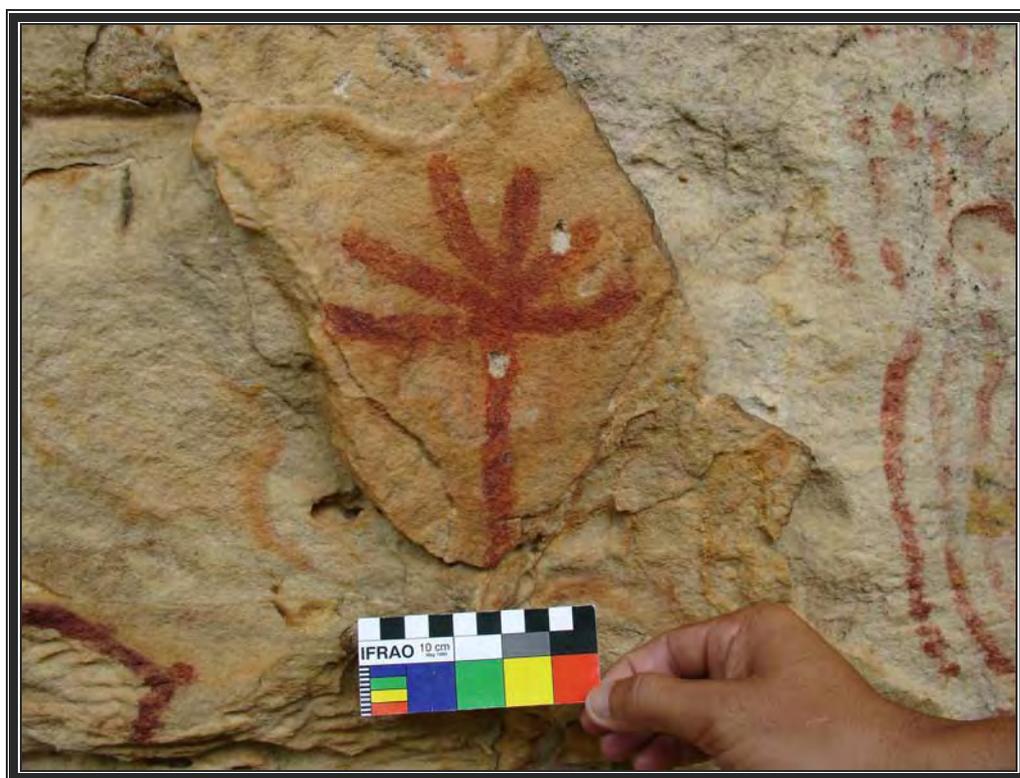


Foto 90 - Representação de fitomorfo isolado. Detalhe do painel 2. Sítio Casa de Farinha. Fonte: Marília Perazzo.

O painel 3 está localizado ao sul do sítio, sendo composto por um polígono preenchidos internamente por listras nos planos horizontais e verticais, formados por pontos enfileirados. Sobreposto ao grafismo observa-se uma grande concentração de cupins que se irradia por toda área do painel, além do deslocamento da rocha que destrói parte do grafismo.

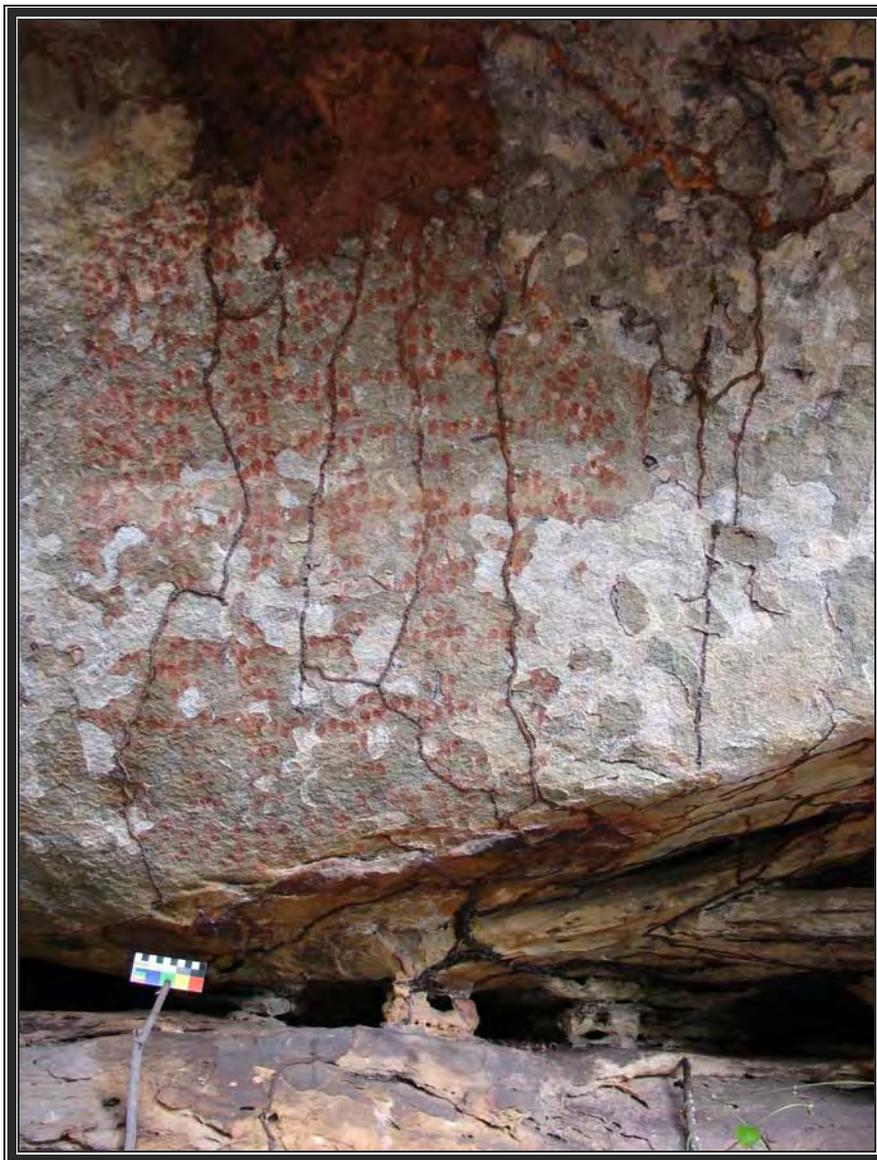


Foto 91 - Grafismo puro coberto por cupins. Sítio Casa de Farinha. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Toca do João



Foto 92 - Sítio Toca do João localizado no sopé da Serra de Jerusalém. Ao fundo, localiza-se o abrigo sob rocha. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Toca do João está localizado no sopé da Serra de Jerusalém, nas proximidades de uma fonte de água perene e de núcleos de palmáceas como babaçu, carnaúba e ouricuri. Composto por arenito ferruginoso de cor avermelhada, cuja tonalidade resulta de processos intempéricos sobre minerais, óxido de ferro do sedimento, gerando hidróxido de ferro. A tonalidade avermelhada aparece tanto na superfície de exposição da rocha, como nos planos de estratificação. Único sítio de pinturas rupestres, até o momento, encontrado nessa Serra, o Toca do João possui dois painéis de pinturas, o primeiro localizado a oeste do sítio, em uma superfície não abrigada, exposta às intempéries, e o segundo na face supe-

rior externa do abrigo sob rocha, também exposta às intempéries, formado a leste do sítio.

O painel 1 é formado, a esquerda, por uma figura isolada, destacada pela coloração branca em contraste com a tonalidade vermelha da rocha, composta por um tronco abaulado e os membros inferiores e superiores abertos, cuja temática não pode ser reconhecida, devido aos poucos traços identificatórios representados. No plano superior do painel observa-se um grafismo retangular de cor vermelha, preenchido internamente por linhas paralelas aos lados. Esse grafismo é comum na Tradição Agreste, sendo recorrente em diversos sítios da região. A coloração avermelhada dificulta a observação do grafismo devido à coloração também avermelhada do suporte. A direita do painel observa-se quatro grafismos, dos quais três apresentam morfologias não reconhecidas – à esquerda, formado por um traço horizontal composto por diversos traços menores na vertical, abaixo, conjunto de traços de cor vermelha formando ângulos retos e, à direita, um grafismo completamente preenchido com morfologias não reconhecidas - e um antropomorfo (ao centro). O antropomorfo, de dimensões menores quando comparado aos demais grafismos do painel, de cor branca, se destaca pela representação dos membros superiores e inferiores abertos, denotando movimento à figura.



Foto 93 - Painel 1 do Sítio Toca do João. As setas indicam localização das pinturas. Fonte: Marília Perazzo.

O painel 2 é composto por um grafismo puro, de formato retangular preenchido internamente por linhas sinuosas que se cruzam. A direita desse grafismo há uma mancha avermelhada com morfologias recorrentes a um antropomorfo, mas, devido ao desgaste da rocha não é possível reconhecer claramente a temática desse grafismo.

Sítio Alcobaça

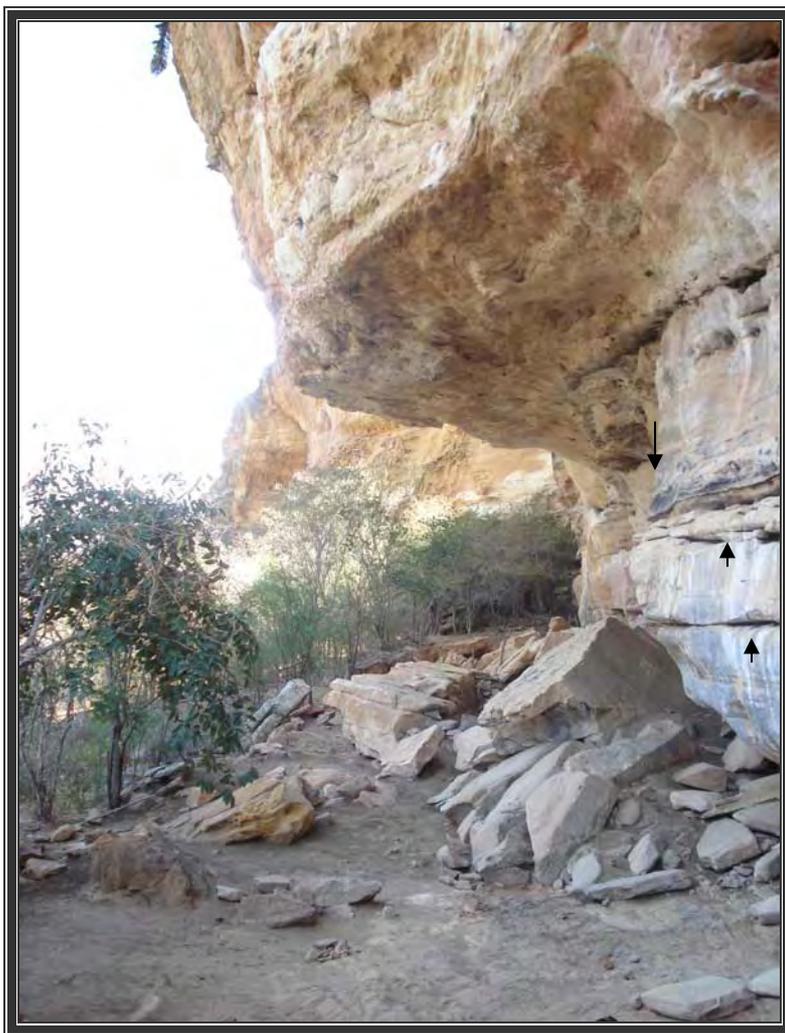


Foto 94 - Abrigo sob-rocha do Sítio Alcobaça. Setas indicando os planos de estratificação. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Alcobaça está localizado no sopé do Morro do Pico, conhecido também como Morro do dedo. Formado por arenito de estratificação horizontal, o sítio possui diversas fraturas nos planos horizontais e verticais, motivadoras das quedas de blocos. Composto por um grande painel de pinturas rupestres policromáticas (tons de vermelho, amarelo, branco e preto) da Tradição Agreste, Alcobaça foi o único sítio da região que sofreu intervenções arqueológicas (escavações)⁷¹. Além das pinturas, Alcobaça possui um painel composto por gravuras rupestres.

⁷¹ Mais informações acerca das pesquisas no Sítio Alcobaça vide Capítulo II.

As pinturas são compostas por representações de grafismos não reconhecíveis, formados por linhas paralelas, conjunto de pontos enfileirados formando polígonos, figuras retangulares preenchidas internamente, cujos traços são paralelos às linhas principais do grafismo, linhas sinuosas paralelas, círculos concêntricos, linhas que se cruzam nas diversas direções e sentidos (“os sóis”), figuras denominadas de “armadilhas”, comuns nas áreas de Venturosa e Pedra, além de antropomorfos e zoomorfos.

Os antropomorfos aparecem representados com os braços e pernas abertos e pernas abertas, com a indicação dos três dedos bem definidos. Há uma representação de um antropomorfo peculiar ao sítio, uma vez que o grafismo aparece de perfil, com os joelhos flexionados para a direita, e ao invés da representação dos braços aparecem traços com curvas estendidas até o plano horizontal onde estão representados os pés, composto por três dedos bem definidos. Os grafismos antropomórficos do painel possuem características típicas da Tradição Agreste como a morfologia, e, sobretudo, a representação dos membros compostos por três dedos cada.



Foto 95 - Grafismos retangulares preenchidos internamente. Fonte: Marília Perazzo.

Sítio Dedos de Deus I



Foto 96 - Abrigo sob rocha do Sítio Dedos de Deus I no contexto da paisagem. Fonte: Marília Perazzo.

O Sítio Dedos de Deus está localizado na encosta do Morro do Pico e constitui um abrigo sob rocha, com dimensões de aproximadamente 20 metros de comprimento por 1 de largura e 20 de altura. Abrigo constituído por arenito de estratificação horizontal, de coloração amarelo-esbranquiçado a amarelo - avermelhado, possui fraturas nos planos horizontais e verticais. O sítio possui dois painéis rupestres. No plano superior do painel, pinturas da tradição Nordeste ornaram o sítio, enquanto que no plano inferior observa-se o predomínio de pinturas policromáticas (preto, amarelo e tons de vermelho variados) da Tradição Agreste.

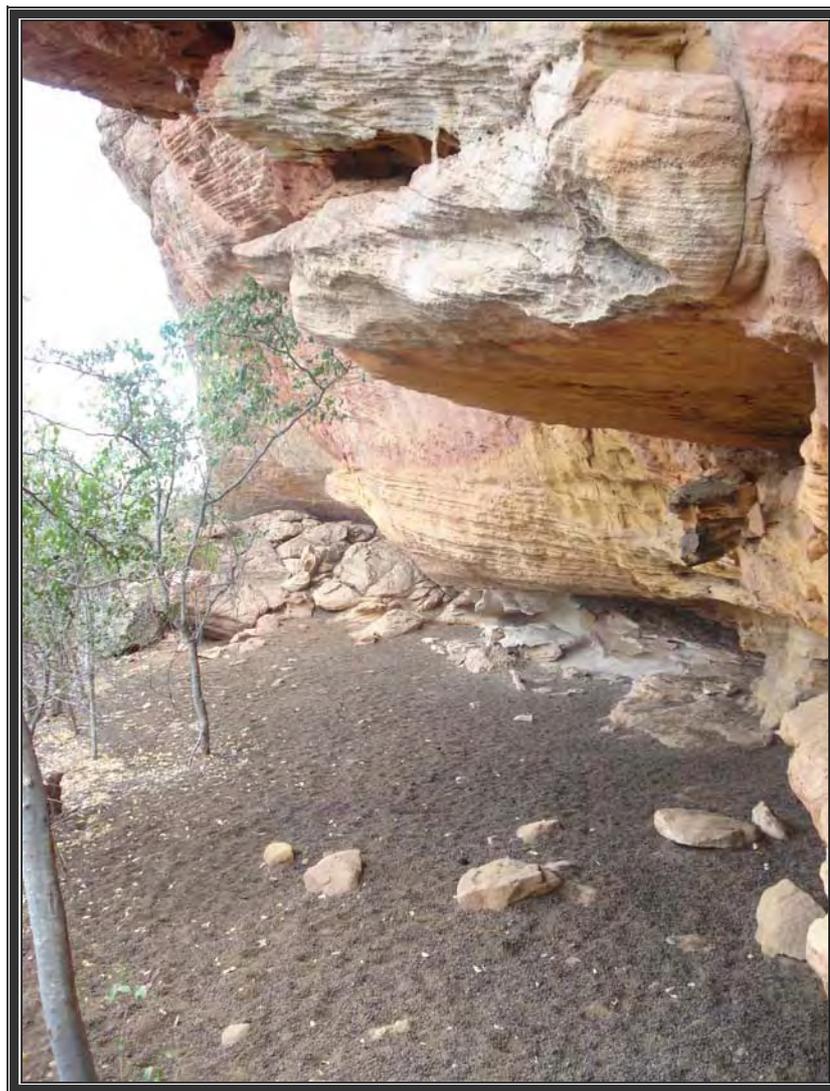


Foto 97 - Vista Lateral do Sítio Dedos de Deus I. Fonte: Marília Perazzo.

Os grafismos da Tradição Nordeste compõem cenas formadas por antropomorfos, estando esses compostos por tronco, membros superiores e inferiores e, na cabeça, aparece algum tipo de ornamento não identificado (ao modo de antenas). A primeira cena é representada por quatro antropomorfos enfileirados em posição frontal, os braços aparecem abertos no plano horizontal. Abaixo da cena acima descrita, observa-se a presença de traços horizontais paralelos. A esquerda dessa cena há uma representação de um antropomorfo isolado, no entanto, o deslocamento da rocha destruiu parte dessa figura. Grande parte dos grafismos estão apagados devido ao intemperismo químico da rocha, o que não permite a identificação de algumas manchas, que provavelmente constituem pinturas.

As pinturas da Tradição Agreste desse sítio são compostas, em sua maioria, por antropomorfos e grafismos não reconhecíveis como linhas sinuosas e um grafismo retangular preenchido internamente com traços paralelos aos lados da figura retangular. Os antropomorfos aparecem compostos por tronco, cabeça ornamentada (ao modo de antenas), além de braços e pernas com indicação de três dedos bem definidos. O tipo de ornamento na cabeça representado nesse sítio é peculiar, pois só aparece, com essa morfologia, nesse e no sítio Dedos de Deus II.



Foto 98 - Em destaque representação de antropomorfo com as pernas compostas por traços longos, desproporcionais ao corpo. À esquerda, antropomorfo estático com representação de três dedos bem definidos. Sítio dedos de Deus I. Fonte: Marília Perazzo.

A representação de antropomorfos com ornamento na cabeça não é recorrente nos grafismos da Tradição Agreste, uma vez que a presença de ornamentos na cabeça é observada em poucos sítios dessa Tradição (Sítio Pedra Redonda – Pedra). Outra composição gráfica interessante é a representação de um antropomorfo isolado, com as pernas representadas com um tamanho desproporcional ao resto do corpo, composta por linhas compridas e os braços representados em posições diferenciadas, um erguido em direção ao topo do painel e o outro inclinado para baixo.

O Sítio Dedos de Deus II está localizado a noroeste do Sítio Dedos de Deus I, onde há representação de figuras antropomórficas. Esse complexo é identificado por figuras antropomórficas com ornamento na cabeça (ao modo de antenas) e morfologias encontradas nos sítios Dedos de Deus I e II, diferenciadas das encontradas nos demais sítios.

Dessa forma três painéis de grafismos foram observados nesse sítio. No primeiro painel, a norte do sítio, um antropomorfo de contorno fechado, não preenchido internamente, de coloração amarela, está localizado na parte superior externa do abrigo. Apenas a metade do grafismo está exposta devido ao deslocamento da rocha, existindo apenas a representação da cabeça e ornamento, além dos braços com a indicação dos dedos. Esse grafismo possui formas arredondadas diferenciando-se das demais pinturas rupestres da área.

O segundo painel é formado por cinco antropomorfos, sem formar cenas, dos quais quatro apresenta-se representados sem adorno na cabeça, mas com a indicação de dedos (três) em cada membro. O quarto grafismo apresenta-se com tronco arredondado preenchido com listras horizontais paralelas, as pernas abertas e braços paralelos ao plano horizontal com indicação de dedos (três) em cada membro, além da representação da cabeça adornada.



Foto 99 - Representação de antropomorfo de contorno fechado não preenchido internamente. Sítio Dedos de Deus II. Fonte: Marília Perazzo.

O terceiro painel é formado por um antropomorfo isolado, localizado a norte do sítio, com características diferenciadas dos demais antropomorfos do sítio. O corpo é preenchido internamente por uma elipse, cortada ao meio por uma listra vertical. A cabeça possui os ornamentos ao modo de antenas, como os demais grafismos, no entanto, os braços possuem morfologias diferenciadas. O grafismo está representado paralelo ao plano horizontal, com os três dedos bem definidos. Esse grafismo pode ser observado como uma variação da Tradição Agreste, visto que não possui recorrência em nenhum outro sítio dessa Tradição. No Boqueirão do Riacho São Gonçalo, em Sobradinho, BA, há uma grande concentração de grafismos puros cujas morfologias são recorrentes ao tronco do antropomorfo acima referido. Em forma de elipse e preenchidos internamente, os grafismos dessa região da Bahia não possuem elementos identificatórios que permitam afirmar sua identidade, no entanto é importante observar as características análogas entre os grafismos para poder observar as características recorrentes nas diferentes Tradições.

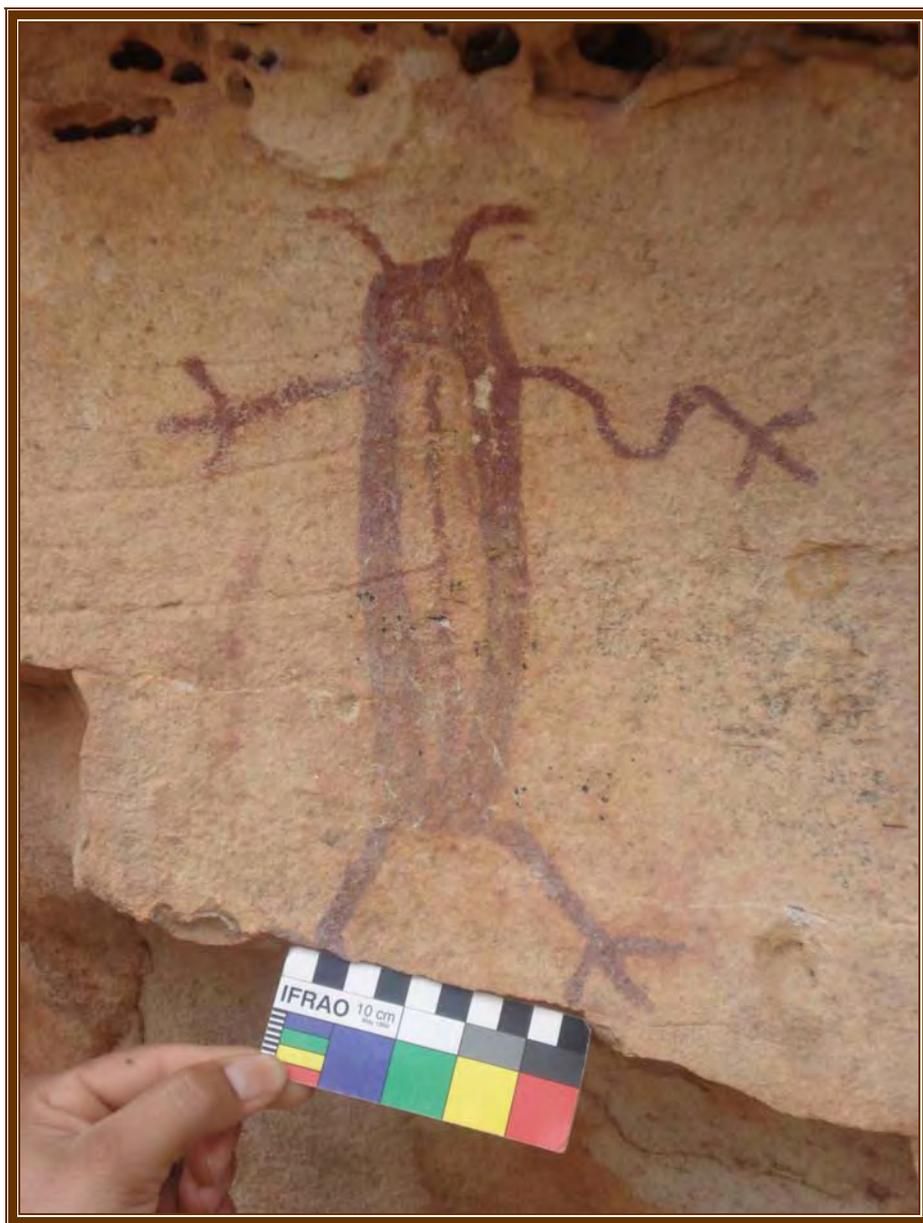


Foto 100 - Representação de antropomorfo. Sítio Dedos de Deus II. Fonte: Marília Perazzo.

4.4 Conservação e Preservação dos Sítios Arqueológicos

Uma dificuldade obtida na análise arqueológica dos sítios, e, sobretudo dos grafismos, é a falta de conservação e preservação dos sítios arqueológicos nas três regiões estudadas (com maior ênfase nos municípios de Pedra e Venturosa). Os aspectos da deterioração das rochas, acentuados pelos processos de intemperismo, destroem parcialmente as pinturas rupestres, o que foi observado em todos os sítios trabalhados. Além disso, a presença de cupins nas rochas e, muitas vezes sobrepostos às pinturas, é uma ameaça permanente ao conjunto gráfico dos sítios arqueológicos.

Portanto, é premente a intervenção de profissionais da área de conservação e preservação do patrimônio nas áreas aqui estudadas para minimizar as agressões sofridas pelas pinturas rupestres ao longo do tempo.

Além disso, as pedreiras existentes nas áreas de Venturosa e Pedra ameaçam diretamente os sítios arqueológicos desses municípios. Os sítios Peri-Peri I e II, os quais possuem informações arqueológicas importantes para conhecer o contexto da região, estão bem próximos a pedreiras em atividades correndo risco de serem inteiramente destruídos. Faz-se necessário o registro dos demais sítios da região e sua preservação em caráter de urgência, posto que ainda não houve nenhuma denúncia oficial ao IPHAN das destruições ocasionadas pelas pedreiras em Venturosa e Pedra.



Foto 101 - Pedreira em ação em Junho de 2006. Pedra - PE. Fonte: Marília Perazzo.

CAPÍTULO V

SÍNTESE DO CONHECIMENTO

5.1 Conclusões

No discurso deste trabalho, a geopaisagem foi conceituada, e considerada nas diversas fases, nos seus atributos físicos e bióticos. Nos aspectos físicos, envolvendo um complexo geológico-geomorfológico. Nos bióticos, foi enfatizado o componente vegetacional, deixando-se de abordar a componente faunística em face da precariedade de informações nos domínios geográficos considerados.

Desse modo, os dados arregimentados e as informações geradas permitiram definir dois domínios de geopaisagem distintos e pertinentes ao tema desta dissertação.

As diferenças desses dois domínios são consideradas como fundamentais, talvez mesmo determinantes, para o modo de apropriação desses espaços de geopaisagem pelos grupos humanos que habitaram a região. As diferenças são relevantes porque cada domínio tem, agregado a si, todo um complexo sistema físico-biótico que funcionou como produtor-fornecedor dos recursos nos locais ou, melhor, nas áreas de escolha. Dessa forma, não se está a considerar que houve um único elemento da paisagem como critério de escolha na localização dos sítios pelos grupos humanos. No caso dos painéis com pintura rupestre, sejam os localizados em superfícies côncavas, planas, ou nas superfícies a céu aberto, não se determinou elementos decisivos para falar em escolha, mas tão somente as presenças dessas superfícies julgadas apropriadas para a realização da prática gráfica.

Nesse contexto, discute-se a utilização do termo padrão de escolha da localização dos sítios, uma que outros sítios podem ser descobertos possuindo comportamentos de distribuição espacial e dos registros gráficos diferenciados aos inseridos neste trabalho. Portanto, falar em tendência de escolha torna-se mais aconselhável.

Nas áreas da cobertura sedimentar de Catimbau, os alvos prospectivos para novos sítios – sobretudo de estruturas em abrigo – são preferencialmente em "morros testemunhos", no sopé das escarpas, em morfoesculturas de cânion ou desfiladeiros. Nos topos das serras, espera-se uma menor incidência de estruturas cavernícolas.

No domínio de Venturosa-Pedra, admite-se que novos sítios devem ser agregados ao acervo através de trabalhos prospectivos de superfície, conduzidos transversalmente às organizações orográficas e hidrográficas regionais.

Na região interposta aos domínios Venturosa-Pedra e Catimbau, não se dispõe, até o momento, de informações a cerca da presença de sítios arqueológicos. Esse hiato pode ser explicado pela falta de pesquisas, fazendo-se necessária a intensificação de estudos na região, o que permitirá observar, de forma mais específica, o comportamento dos sítios nos dois domínios de paisagem e suas relações, do ponto de vista macro-ambiental, com as características das demais regiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB´SABER, Aziz Nacib. **Um Conceito de Geomorfologia a Serviço das Pesquisas sobre o Quaternário.** IN: *Geomorfologia*. São Paulo: Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Nº 18. 1969. P.01-23.

_____. **O Domínio Morfoclimático Semi-Árido das Caatingas Brasileiras.** IN: *Craton & Intracraton: Escritos e Documentos*. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, Nº 6.1980. P.01-37.

AGUIAR, Alice. **A Tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco.** IN: *Revista CLIO – Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco* Nº 8. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1986. P.7-98.

_____. **A Tradição Agreste análise de 20 sítios de arte rupestres em Pernambuco.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Historia – Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1986. P. 220.

_____. **Tradições e Estilos na Arte Rupestre no Nordeste Brasileiro.** IN: *Revista CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco*. Nº 5. UFPE, Recife, 1982. P. 91-104.

AGUIAR, Alice; VICTOR, Plínio; TADEO, Paulo. **Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco.** IN: *Revista CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História* Nº 4. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1981. P. 39-42.

AGUIAR, Alice; MARTÍN, Gabriela; TADEU, Paulo; VICTOR, Plínio. **Estudo da Arte Rupestre em Pernambuco (II): A Pedra Furada em Venturosa.** IN: *Revista CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História* Nº 4. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1981. P. 19-34.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A Arte Rupestre nos Cariris Velhos.** Notas preliminares. Campina Grande - Paraíba, 1975. P.

ANDRADE, Gilberto Osório de. **Alguns Aspectos do Quadro Natural do Nordeste.** Recife: Série Estudos Regionais nº 2. SUDENE Coord. Planej. Regional. 1977. P.74.

ARAI, Mitsuru. **Revisão estratigráfica do Cretáceo Inferior das bacias interiores do Nordeste do Brasil.** *Geociências*, v. 25, nº 1, UNESP, 2006. P. 7-15.

BELTRÃO, Breno Augusto *et al.* **Projeto Cadastro de fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Estado de Pernambuco. Diagnóstico do Município de Venturosa.** Recife: Ministério de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. 2005. P. 21.

_____. **Projeto Cadastro de fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Estado de Pernambuco. Diagnóstico do Município de Pedra.** Recife: Ministério de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. 2005. P. 22.

_____. **Projeto Cadastro de fontes de Abastecimento por Água Subterrânea do Estado de Pernambuco. Diagnóstico do Município de Buíque.** Recife: Ministério de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. 2005. P.27.

BIGARELLA, João José; ANDRADE-LIMA, Dárdano; RIEHS, Paulo Jorge. **Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais do Brasil.** Anais da Academia Brasileira de Ciências, 1975. P.411-464.

BIGARELLA, João José; ANDRADE, Gilberto Osório de. **Contribuição ao Estudo do Quaternário no Brasil.** IN: *International Studies on the Quaternary, nº 84 – VII Congress of the International Association of Quaternary Reserach* - Tradução: Lucivânio Jatobá. Colorado, 1965. P.01-16.

BUNGE, Mário. **La Investigación Científica: Su estrategia e su filosofia.** Barcelona: Editorial Ariel. 1973. P.955.

BINFORD, Lewis R. **An Archaeological Perspective.** New York: Seminar Press.1968.P.20-32.

BUTZER, Karl. **Arqueología – Una ecología del hombre: Método e Teoría para un enfoque contextual.** Barcelona: Ediciones Ballaterra.1984. P. 345.

DUARTE, Waldir; et al. **Seleção de áreas de captação de água subterrânea para reforço do abastecimento de Buíque – PE.** Recife: Ministério de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. Série Hidrologia, estudos e Projetos N°9. 2001.P.27.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico.** Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Geografia 4ª Edição. 1972. P.439.

GUIDON, Niède. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.** In: *Revista CLIO. Série Arqueológica* N° 5. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1989. P.5-10.

HODDER, I.; ORTON, C. **Análisis Espacial em Arqueología.** Barcelona: Editora Crítica. 1990. P.295.

LEITE, Jairo Fonseca. **Base Municipal das Águas Subterrâneas do Município de Buíque.** Recife: Ministério de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. Série Hidrológica Informações Básicas N°19. 1997. P.19.

LEROI-GOURHAN, André. **O Gesto e a Palavra. 1 – Técnica e Linguagem**. Lisboa: Edições 70. 1964. P. 237.

LÈVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70. 1993. P.422.

LINS, Rachel Caldas. **As Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**. Recife: Série Estudos Regionais nº 20. SUDENE Coord.Planej.Regional. 1989.P.327.

LUCENA, Veleda. **Estratigrafia Arqueológica: Processo de constituição e Interpretação**. IN: *Revista CLIO. Revista do Curso de mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco* Nº 8. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1992. P.69-88.

LUFT, Vlademir José. **A Pedra do Tubarão: Um Sítio da Tradição Agreste em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1990. P.136.

MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira. **O Sítio Arqueológico Peri-Peri I em Pernambuco**. IN: *Revista de Arqueologia – Publicação do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, V. 1, N.1, Julho/Dezembro. 1983. P.30-39.

MARTIN, Gabriela. **As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque - PE, no contexto da Tradição Agreste**. IN: *CLIO Arqueológica* Nº 18. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005. P. 27-49.

_____. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco. 1996. P. 445.

MELO, Mário Lacerda de. **Os Agrestes: Estudo dos Espaços Nordestinos do Sistema Gado-Policultura de Uso de Recursos**. Recife: Série Estudos Regionais nº19. SUDENE Coord. Planej. Regional. 1980. P.553.

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. **O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco. Estudos das estruturas arqueológicas**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2001. P.186.

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento et al. **O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque – Pernambuco: primeiros resultados**. IN: *Revista CLIO. Revista do Curso de mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco* Nº 11. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1995-1996. P. 87-98.

OLIVEIRA, Paulo E. de, BARRETO, Alcina Magnólia Franca & SUGUIO, Kenitiro. **Late Pleistocene/Holocene climatic and vegetational history of Brazilian caatinga: the fossil dunes of the middle São Francisco River**. IN: *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*. Reprinted from *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology* 152; Elsevier; Department of Geology, The Aus-

tralian National University, Camberra; Department of Earth Sciences, Syracuse University, Syracuse, New York; Institute of General Geology, University of Copenhagen, Copenhagen: 1999. P. 319-338.

OLIVEIRA, Paulo E. de et al. **Paleovegetação e Paleoclimas do Quaternário do Brasil**. IN: SUGUIO, Kenitiro et al. *Quaternário do Brasil*. Ribeirão Preto: Holos Editora. 2005. P.52-74.

PESSENDA, Luiz C. R et al. **Isótopos de Carbono e suas aplicações em estudos paleoambientais**. IN: SUGUIO, Kenitiro et al. *Quaternário do Brasil*. Ribeirão Preto: Holos Editora. 2005. P.75-93.

PESSIS, A.M. **Imagens da Pré-História**. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHAM-PETROBRÁS. São Paulo; A&A Comunicação. 2003. P. 304.

_____. **Apresentação Gráfica e Apresentação Social na Tradição Nordeste de Pintura Rupestre do Brasil**. IN: *Revista CLIO*. Série Arqueológica Nº 5. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1989. P.11-17.

_____. **Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil**. IN: *Revista CLIO*. Série Arqueológica Nº8. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1992. P. 35-68.

_____. **Registros Rupestres, perfil gráfico e social**. IN: *Revista CLIO*. Série Arqueológica Nº 9. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. 1993. P. 7-14.

PESSIS, A.M.; GUIDON, Niéde. Registros Rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. IN: VIDAL, Lux (Org.). **Grafismos Indígenas: Estudo de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel Editora, FAPESP. 1992. P. 19-33.

RIBEIRO, Adauto de Souza. **Dinâmica paleoambiental da vegetação e clima durante o quaternário tardio em domínios da mata atlântica, brejo do semi-árido e cerrado nordestino utilizando isótopos do carbono da matéria orgânica do solo e planta**. Tese de Doutorado apresentada ao /Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002. P.193.

SANJUÁN, Leandro García. **Introducción al reconocimiento y análisis arqueológico del territorio**. Barcelona: Editora Ariel Prehistoria. 2005. P.

SANT'ANA NETO, João Lima & NERY, Jonas Teixeira. Variabilidade e Mudanças Climáticas no Brasil e Seus Impactos Regionais. IN: SUGUIO, Kenitiro et al. **Quaternário do Brasil**. Ribeirão Preto: Holos Editora. 2005. P. 28-52.

SUGUIO, Kenitiro. **Geologia do Quaternário e mudanças ambientais: (passado+presente=futuro?)**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas. 1999.P.366.

TABARELLI, Marcelo; SANTOS, André M. de Melo. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. IN: **Brejos de Altitude em Pernambu-**

co e na Paraíba. História Natural, Ecologia e Conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente – Universidade Federal de Pernambuco. 2004. P.324.

TEIXEIRA, Wilson et al. **Decifrando a Terra.** São Paulo: Ed. Oficina de Textos. 2003. P.557.

VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. **Gravuras Pré-Históricas da Área Arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano: Um estudo técnico e Cenográfico.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Historia - Área de Concentração em Pré-História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2003. P. 107.

Sites consultados na Internet:

www.municípios.pe.gov.br. Acessado em Janeiro de 2007.

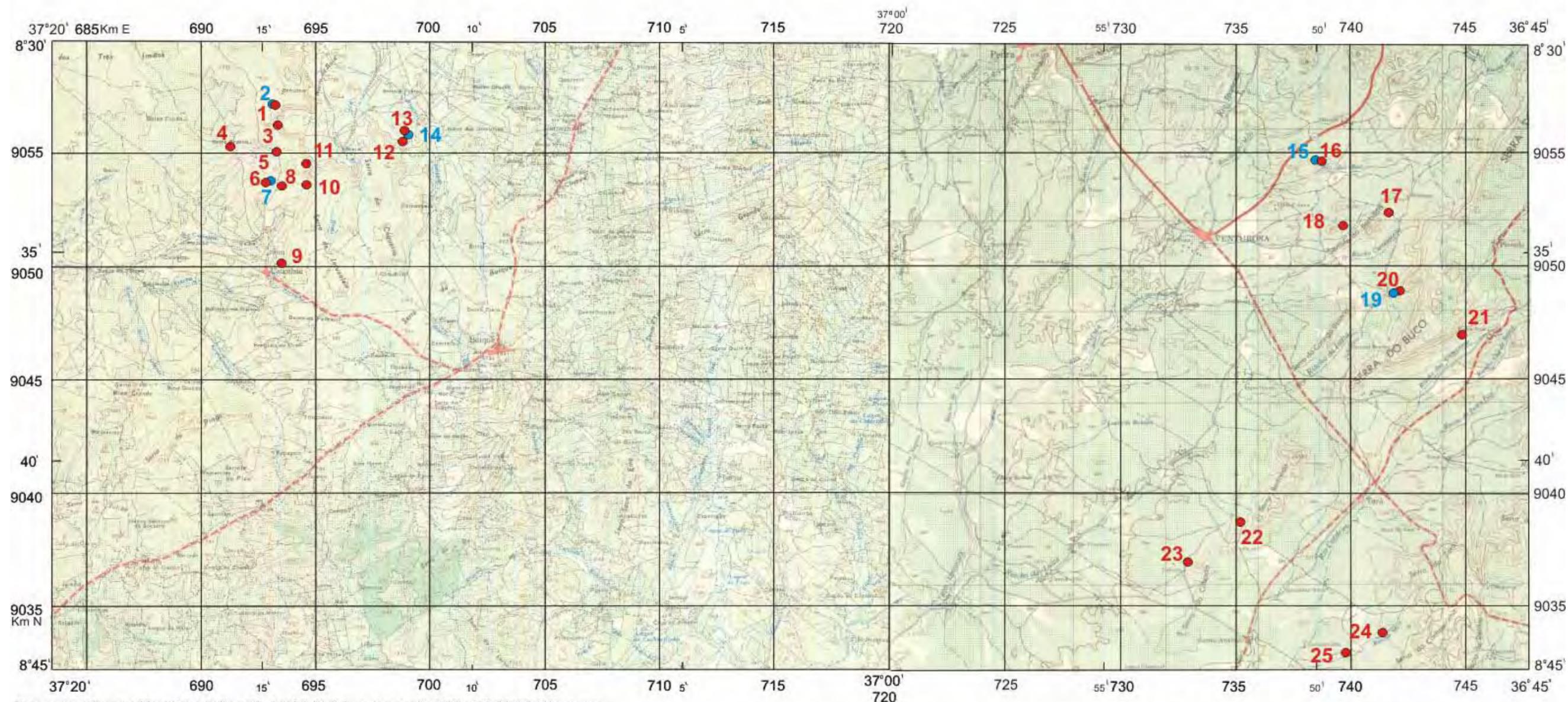
COSTA, Ivan Peixoto *et al.* **Bacia do Jatobá.** 2005. In: http://www.phoenix.org.br/phoenix53_Maio03.htm. Acessado em 02-07-2005.

Declaração de Xi'an sobre a conservação do entorno do edificado, sítios e áreas do patrimônio Cultural. Adotada em Xi'an, China a 21 de outubro de 2005. Tradução em Língua Portuguesa: ICOMOS/BRASIL – Março de 2006. P. 4. <http://www.icomos.org.br>. Acessado em Junho de 2006.

MAYWORM, M.A.S. *et al.* **Seeds of species from the "caatinga": proteins, oils and fatty aci-ds contents.** Revista Brasileira de Botânica, v. 21, 1998 in: http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=SciELOXML/sci_arttext.xis&def=sciELO.def&pid=S0100-84041998000#back#back

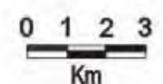
ANEXO

**FIGURA 5- DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SÍTIOS DE REGISTROS RUPESTRES
MUNICÍPIOS DE BUIQUE - PEDRA - VENTUROSA - ESTADO DE PERNAMBUCO**



Base cartográfica: modificada das Folhas SC. 24-X-B-IV-Buíque, impressão 1982 e SC.24-X-B-V-Venturosa, impressão 1986. Escala 1:100.000. Datum horizontal: Córrego Alegre-MG. Datum vertical: marégrafo Imbituba-SC. Projeção UTM: Equador e Meridiano 39° W Gr, acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km respectivamente. Ministério do Interior-Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Divisão

- Estrada pavimentada
- Estrada de terra de tráfego permanente
- Caminho
- Rios e riachos intermitentes. Lagoas.
- Cidade
- Vila, povoado
- Curva de nível mestra e normal. Eqüidistância 50 metros
- Localização dos sítios de registros rupestres



- MUNICÍPIO DE BUIQUE**
- 1- Homem sem Cabeça
 - 2- Serrinha
 - 3- Sítio do Veado
 - 4- Furtuoso II
 - 5- Serra Branca
 - 6- Pedra da Concha I
 - 7- Pedra da Concha II
 - 8- Sítio Pititi
 - 9- Toca do João
 - 10- Casa de Farinha
 - 11- Caiana
 - 12- Alcobaça
 - 13- Dedo de Deus I
 - 14- Dedo de Deus II

- MUNICÍPIOS DE PEDRA E VENTUROSA**
- 15- Peri-Peri I
 - 16- Peri-Peri II
 - 17- Sítio do Barbado
 - 18- Pedra Furada
 - 19- Pedra da Buquinha I
 - 20- Pedra da Buquinha II
 - 21- Pedra do Chapéu
 - 22- Prata
 - 23- Pedra do Caboclo
 - 24- Pedra Redonda
 - 25- Poço da Figura